

b

EDITORA

18+



O MUSTANG SELVAGEM E A BAILARINA FADA

*Prequel de
Um Vilão
Maravilhoso*

AUTORA BESTSELLER USA TODAY

SAFFRON A. KENT

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



O MUSTANG SELVAGEM E A BAILARINA FADA

*Prequel de
Um Vilão
Maravilhoso*

AUTORA BESTSELLER USA TODAY

SAFFRON A. KENT

O MUSTANG SELVAGEM E A BAILARINA FADA

Rebeldes de St. Mary – livro 1,5

Prequel de Um Vilão Maravilhoso

Saffron A. Kent

Copyright © 2021 Saffron A. Kent

Copyright © 2023 Editora Bezz

Título original: *The Wild Mustang and the Dancing Fairy*

Tradução: Nany Hart

Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes

Capa adaptada: Denis Lenzi, baseada na capa original de Najla Qamber Designs

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Kent, Saffron A.

O Mustang Selvagem e a Bailarina Fada (Rebeldes de St. Mary, livro 1,5) Saffron A. Kent;

Tradução: Nany Hart. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2023.

Sobre <i>trademark</i> TM : a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta obra, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.
--

CONTEÚDO ADULTO

Leitura indicada para Maiores de 18 anos

INDICE

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Sobre a Autora

Capítulo Um



Dois anos atrás...

Bardstown High

Ele tem lindos olhos cinzentos, cinza metálico que às vezes brilham à noite.

Tanto que as pessoas os chamam de olhos de lobo.

Sua mandíbula é afiada e angular, um verdadeiro V, e sua pele parece mármore de valor inestimável. Mais uma vez, tanto que as pessoas dizem que ele tem uma pele fria de vampiro.

Dizem que ele tem magia, magia obscura, correndo em suas veias.

Se uma garota olha em seus lindos olhos de lobo, ninguém pode salvá-la de se apaixonar por ele.

Ninguém pode salvá-la de ter seu coração partido também.

Porque *ele* nunca se apaixona. Ele é poderoso. Todo mundo sabe disso.

Ele é um destruidor de corações. Um conquistador.

As pessoas dizem que ele nem tem coração, ou se tem, é sombrio.

Mas ele sabe como brincar com o seu.

Ele sabe brincar com isso. Como jogá-lo para o alto apenas por diversão e como amarrá-lo com cordas e brincar com ele como uma marionete. E quando fica entediado, sabe deixá-lo escapar por entre os dedos e cair no chão, quebrando-o em pedacinhos.

No entanto, as meninas não podem deixar de voltar para mais. De novo, e de novo, e de novo.

Elas não podem deixar de voltar para o Mustang Selvagem.

Ou Mustang, para abreviar.

É assim que as pessoas o chamam. Esse é o apelido dele no futebol.

Ele joga futebol, sim.

O futebol é bastante popular em nossa cidade. Na verdade, ele é a lenda do futebol de Bardstown High. E ele é tão majestoso e mágico quanto um

mustang indomável. Tão imprudente, nervoso e completamente hipnotizante.

Embora eu não o chame assim.

O nome que *eu* tenho para chamá-lo é algo completamente diferente, algo que eu inventei depois de muita deliberação e pensamento: um vilão.

É assim que eu o chamo.

Um vilão maravilhoso, na verdade. Porque bem, ele é lindo, mas é um vilão, e tenho boas razões para acreditar nisso.

Quatro boas razões.

Quatro razões superprotetoras, autoritárias e *mais velhas*. Os meus irmãos. Que o odeiam com todo o fogo em seus corações.

Bem, nem todos o odeiam com *tudo* o fogo em seus corações. Apenas um dos meus irmãos o odeia muito, Ledger. Os outros três apenas o odeiam em uma quantidade normal.

Por que Ledger o odeia mais?

Porque o vilão maravilhoso é o rival de futebol de Ledger.

Meu irmão também joga futebol e ele é uma lenda em si mesmo. Eles o chamam de Angry Thorn, ou Espinho Raivoso, porque meu irmão é um cabeça quente e nosso sobrenome é Thorne.

De qualquer forma, ambos jogam no mesmo time. E deviam potencialmente ser amigos e ter a mesma agenda.

No entanto, eles não são amigos, quero dizer. E eles *não* têm a mesma agenda, de forma alguma.

Provavelmente porque ambos são atacantes da Bardstown High. Um é de esquerda e o outro de direita e, basicamente, eles deviam se ajudar.

Mas não o fazem porque têm essa disputa antiga, em que vence quem marcar mais gols na temporada.

É uma questão de orgulho e honra e muita testosterona.

Não sei como começou essa disputa, rivalidade, como queiram chamar, mas os dois levam muito a sério. Toda a equipe deles, que é dividida no campo do meu irmão, o campo Thorn, e o campo *dele*, o campo Mustang, também leva isso a sério.

Assim como toda a cidade.

Quem vencer este concurso não oficial torna-se o atual campeão. Este ano é meu irmão – ele venceu por um mísero gol na última temporada – que também é o capitão do time.

A cidade inteira o trata como um rei.

O que significa bebidas grátis, comida grátis em restaurantes locais, cartazes em bancos de parques e postes de luz. Tapinhas nas costas das pessoas na rua e, claro, toda a atenção das meninas.

Acredite em mim quando digo que esses dois farão de tudo para serem os vencedores.

Eles farão de tudo para atrapalhar um ao outro, arruinar o jogo um do outro dentro e fora do campo apenas para ter mais chances de marcar gols.

E por anos eu ouvi sobre isso, sobre a rivalidade deles, sobre *ele*.

Eu ouvi o quão corrupto ele é, quão mau e distorcido. Como ele faria qualquer coisa para vencer no futebol. Quão idiota, babaca, bastardo, filho da puta e todas essas coisas que ele é.

Mas é claro que não posso chamá-lo assim. Não posso chamá-lo de todos esses nomes.

Eu sou uma boa garota.

Eu não xingo.

Além disso, meus irmãos xingam o suficiente por todos nós.

Daí o nome: Vilão Maravilhoso.

De qualquer forma, é dia de jogo e estou no campo de futebol agora.

Uma pequena confissão pessoal: não gosto de futebol. De jeito nenhum.

Acho chato e prefiro estar em casa agora, seja assando biscoitos ou cupcakes, ou tricotando na minha poltrona favorita perto da lareira. Duas das minhas coisas favoritas para fazer.

Outra confissão pessoal: também não entendo essa rivalidade. Não entendo toda essa necessidade de vencer e ser o melhor a qualquer custo. Quero dizer, eles jogam no mesmo time, não? Se o time vencer, eles vencem, correto?

Mas, como eu disse, sou uma boa menina e, portanto, uma boa irmã.

Sempre apoiarei meus irmãos. Não importa o quê.

Eles são todo o meu mundo. Eu os amo demais e sei que eles também me amam muito.

Então, aqui estou eu, sentada na arquibancada, assistindo a um jogo que realmente não me interessa, só para poder apoiar Ledger e torcer por ele.

E também Conrad, meu irmão mais velho, que por acaso é o técnico do time de futebol do colégio.

Portanto, o futebol não é apenas o esporte desta cidade, é também o esporte da nossa família; meus outros dois irmãos, que estão na faculdade agora, também jogaram no Bardstown High.

Isso meio que me torna a realeza do futebol por extensão.

Mas, de qualquer forma, boa. Isso é o que eu sou. Uma boa menina. Uma boa irmã.

Boa. Boa. Boa.

E você, Callie? Você é?

Você é realmente uma boa irmã? Você está realmente torcendo por seu irmão, Ledger, ou também está torcendo por ele?

Oh, meu Deus.

Blasfêmia.

Eu não estou torcendo por *ele*. Eu nunca iria torcer por ele.

Ele é o inimigo.

Sim, ele é.

Ele é. Ele é. Ele é.

Meus pensamentos agitados param quando alguém – uma garota de aparência exausta – tropeça e quase cai em cima de mim. Meus braços disparam automaticamente para cima e agarram seus ombros para ajudá-la a manter o equilíbrio.

Mesmo conseguindo evitar que ela caísse, o pote de pipoca em seus braços tomba e uma enxurrada de grãos cai no meu colo e nos meus pés.

— Oh, meu Deus, eu sinto muito. Você está bem? — Ela pergunta enquanto consegue se endireitar.

— Estou bem — Garanto a ela, limpando a pipoca do meu vestido. — *Você está bem?*

— Sim. Não — Ela responde, e segurando o enorme pote de pipoca contra o peito, ela levanta o dedo em um gesto para eu esperar. Olhando para trás, ela grita com alguém: — Idiota — Então ela suspira e se joga no assento vazio ao meu lado. — *Ugh*. Eu odeio isso. Ele não moveu a perna. Idiota. — Ela revira os olhos antes de fixar o olhar no campo. — E eu estava tão animada para o jogo desta noite. Estou atrasada? Estou atrasada, não estou?

— Talvez um pouco. — Eu dou de ombros. — Mas nada aconteceu ainda. Está 0-0. É o dia dos defensores. Então, tudo bem.

Ela sorri. — Obrigada. — Então, ela empurra o pote de pipoca para mim.

— Quer um pouco? Eu já derramei em você mesmo.

— Claro, sim. Obrigada. — Pego algumas e coloco na boca. — Eu sou Callie, a propósito.

— Eu sou Tempest. Prazer em conhecê-la. — Seu sorriso é brilhante e amigável. — Então, presumo que você estude aqui?

— Sim. — Eu concordo. — E estou assumindo que você não?

Há algo familiar nela. Eu não consigo apontar exatamente no que, no entanto. Mas tenho certeza de que nunca a vi antes.

Ela balança a cabeça com a minha pergunta. — Não, só estou invadindo. Eu estudo em Nova York.

— Nova York? Isso é emocionante.

— *Meh*. Eu odeio completamente lá. Sinto muita falta de casa. — Ela dá de ombros. — Mas, de qualquer maneira, eu queria estar aqui para o jogo. Estou apoiando alguém. Ele vai pirar completamente quando me ver. Ele não tem ideia de que estou aqui. E você? Também está apoiando alguém?

— Oh, sim. Eu estou...

Minhas palavras são engolidas quando ela se inclina descendo o pote de pipoca.

Porque eu entendo de quem ela está falando. Quem vai enlouquecer completamente quando a vir.

Está escrito nas costas da camiseta, ou melhor, camisa de futebol – nas cores da escola, verde e branco – que ela veste. O nome e o número.

Em negrito, letras pretas, Jackson, 11.

Ela está aqui por ele.

O vilão maravilhoso, rival do meu irmão.

Reed Jackson.

Na verdade, Reed *Roman* Jackson.

Esse é o nome completo dele. E todos nós, calouros, o chamamos pelo nome completo.

Bem, exceto eu. Eu já o chamo de outra coisa, mas sim.

Para os calouros, ele é uma celebridade. Uma estrela brilhante para admirar à distância. Uma criatura digna de admiração.

E ela está aqui por ele.

— Você está aqui por R-Reed? — Deixo escapar em vez de responder a sua pergunta.

Eu não apenas deixo escapar, mas também tropeço em seu nome.

Como se fosse um obstáculo no escuro. Uma rocha irregular em uma trilha suave na floresta.

Algo que te faz tropeçar. E cair.

Algo que você não vê chegando, não até que você já tenha caído.

— Sim. — Tempest me dá um olhar interrogativo. — Por quê?

Evitando seus olhos, eu limpo minha garganta, me sentindo envergonhada. Não importa que ela esteja aqui por ele. Muitas garotas estão aqui por ele.

Ele é um *playboy*, lembra?

— Nada. Acabei de notar, uh, o nome dele na sua camisa.

— Você o conhece?

— De jeito nenhum — digo rapidamente. Um pouco rápido demais e isso só aumenta sua suspeita. Então, eu imediatamente continuo com: — Quero dizer, exceto pelo fato de que ele joga pelo time. Meu irmão também joga.

Isso parece distraí-la. — Seu irmão?

OK, ótimo.

Eu não quero falar sobre ele. Eu nem sei por que fiquei tão abalada com o fato de que essa garota, Tempest, veio especificamente de Nova York para visitá-lo.

Não é da minha conta.

— Sim — digo com orgulho. — Na verdade, meu outro irmão é o treinador.

— Outro irmão?

— Sim. Eu tenho quatro.

— Puta merda. Não consigo lidar com um.

Eu rio. — Eu sei, certo? Irmãos podem ser...

— Um pé no saco com toda a sua merda de proteção?

— Sim. — Minha risada se transforma em uma gargalhada. — Exatamente. Eles podem ser um pouco superprotetores.

— Um pouco? Meu irmão é a própria definição de superprotetor. Ele é *louco*. — Ela revira os olhos. — Se pudesse, ele me trancaria em algum lugar e não me deixaria sair até que eu tivesse trinta anos ou algo assim. Uma virgem de trinta anos. Imagine isso.

Ela finge estremecer, me fazendo rir. — Seu irmão soa como meus

irmãos.

O que é verdade.

Meus irmãos são superprotetores e isso pode ser irritante às vezes.

Mas eu não reclamo por isso. Não reclamo por sua superproteção e todas as suas regras e toques de recolher, sua preocupação genuína comigo.

Principalmente porque não temos pais.

Nosso pai foi embora logo depois que eu nasci e nossa mãe morreu de câncer quando eu tinha quatro anos.

Então, eles me criaram, você entende?

Juntos, eles cuidaram de mim, me amaram e me protegeram mais como meus pais do que como meus irmãos.

Especialmente Conrad.

— Mas acho que eles fazem isso por amor — Continuo — já que somos tudo o que temos. Eu não tenho pais, então, cuidamos um do outro.

Isso faz Tempest sorrir. Um tipo de sorriso triste, mas, ainda assim, um sorriso quando ela diz: — Eu também. Bem, eu tenho pais, mas eles são praticamente inexistentes, então meu irmão cuida de mim e eu *tento* cuidar dele.

Eu sorrio também.

Nunca conheci ninguém que entendesse isso, entendesse como é não ter pais, apenas irmãos.

Mas acho que essa nova garota entende.

Que coincidência divertida.

— Então, seu irmão — Gorjeio, querendo saber mais sobre ela. —, ele também estuda em Nova York?

Ah, e ele conhece Reed também?

Como você conhece Reed?

Por que você está aqui por ele? Você gosta dele? Você é...

Deus.

Eu preciso parar.

Não é da minha conta.

Ela não é a primeira garota a se apaixonar por ele e não será a última. Se alguma coisa, eu provavelmente deveria avisá-la sobre ele.

Eu deveria dizer a ela que ele nunca vai retribuir seus sentimentos.

Porque tudo o que ele faz é quebrar corações e fazer as garotas chorarem.

— Não. Ele estuda aqui. Ele é um veterano — Tempest responde.

— Oh! Quem é ele? — Pergunto. — Talvez meu irmão o conheça. Ele é um veterano também.

Antes que Tempest possa responder, porém, há um rugido ao nosso redor e nós duas nos distraímos. A multidão está torcendo e a razão para isso é aparente assim que meus olhos pousam no campo.

É ele.

Ele é a razão, o Mustang Selvagem.

Ele tem a bola em sua posse e não vai desistir. Os jogadores do time adversário o perseguem. Eles estão quase o pressionando de todas as direções, todos os seus defensores contra um tal Reed Roman Jackson.

E por um segundo parece que eles podem ter sucesso.

Eles podem tirar a bola dele.

O estádio inteiro está esperando por isso. Todas as pessoas que estão assistindo esperam que Reed perca a bola. Está na maneira como todos ficam em silêncio e na maneira como os locutores estão falando em uma velocidade rápida e um tom mais alto.

Mas eles estão todos errados. Cada um deles.

Na maneira como eles estão errados sobre o fato de Reed ser um mero atleta.

Ele é mais do que isso.

Ele não é apenas um atleta, ele também é um dançarino.

Olhe para o trabalho dos pés dele. É requintado. Impecável. Gracioso. É a inveja de todos os dançarinos, especialmente os bailarinos. E eu saberia porque sou bailarina. Sou desde os cinco anos.

Reed Roman Jackson tem o tipo de jogo de pés que faria qualquer bailarina se apaixonar por ele.

Faria qualquer bailarina cair de joelhos e chorar aos pés dele.

Mas não eu.

Não posso.

Que tipo de irmã eu seria se o fizesse?

Portanto, não posso arregalar os olhos com os golpes rápidos e o balanço de suas pernas enquanto ele zigzagueia pela multidão que se aproxima, ainda de alguma forma mantendo a posse da bola. Não posso torcer as mãos no colo quando ele quase bate em um cara do time adversário. Não posso

perder o fôlego quando ele quase perde a bola, mas no último minuto, com um passe falso para despistá-los, ele salva.

E também não posso pular da minha cadeira e bater palmas e gritar quando ele finalmente, *finalmente*, manda a bola voando com tanta força que parece que está cortando o próprio ar em dois antes de acertar a rede e marcar o gol. O primeiro gol do jogo.

Eu não posso fazer nada disso.

Não posso.

Mas não posso negar a disparada em meu peito ou a lufada de ar aliviado que escapa pelos meus lábios entreabertos.

Não posso negar que minhas veias estão cheias e estourando.

Parecem cheias de música, das notas de um violino, e meus pés estão inquietos. Tão inquietos para apenas... dançar.

— Aquele é meu irmão.

A voz de Tempest atravessa e eu afasto meus olhos de Reed, que está sendo parabenizado pela equipe do lado Mustang enquanto o campo Thorn está simplesmente voltando para suas posições, incluindo o número vinte e três, Ledger.

— Hum, desculpe. Quem é seu irmão mesmo? — Eu pergunto porque eu perdi completamente para quem ela estava apontando.

Ela me lança um sorriso malicioso. — Aquele que você tem observado.

— O quê?

Ela bate com o ombro no meu. — Aquele que fez o gol agora há pouco e você ficou tão empolgada que pensei que seus olhos iam saltar das órbitas.

— Eu não....

Eu o fiz?

Ela ri. — Você totalmente fez. Mesmo eu não fico tão animada quanto você.

Meu coração é uma batida de tambor no meu peito. — Eu...

— Tudo bem. Eu não vou contar. — Ela imita um movimento de fechar os lábios antes de apontar para a parte de trás de sua camisa. — Mas, de qualquer maneira, Jackson. Eu sou Tempest Jackson. Reed é meu irmão.

Ela é irmã de Reed.

Irmã.

— É por isso que você parece familiar — Eu expiro antes de me

controlar. — Eu sinto muito. Só achei que você parecia familiar.

Ela mexe as sobrancelhas. — Você também pensou que eu era a namorada dele, não?

— O quê? Não. — Balanço a cabeça, me contorcendo na cadeira. — Eu... não é da minha conta.

— Está bem. Ele tem muitas namoradas. *Ops*. Não namoradas. Garotas. Meu irmão não namora.

— Ah, sim, eu sei.

Tempest me encara por alguns segundos. Não é longo, mas é o suficiente para me deixar um pouco desconfortável e constrangida. — Mas isso não significa que ele nunca terá uma namorada. Você sabe, quando a garota certa aparecer. Ele está apenas sendo um idiota agora.

— OK. — Concordo. — É bom saber.

— É?

— O quê?

Tempest se volta completamente para mim então. — Gosto de você. Acho você legal. E eu acho... — Ela abaixa a voz. — Você tem o maior crush pelo meu irmão. E...

— Oh, meu Deus. Pare.

Eu olho em volta para ter certeza de que ninguém está ouvindo nossa conversa.

Embora o estádio esteja tão barulhento e as pessoas estejam tão absortas no jogo, duvido muito que alguém possa escutar, mesmo que queira.

Mas, ainda assim.

Eu não posso correr nenhum risco. Se alguém percebesse que eu estava falando sobre ele, que a irmã de Ledger e Conrad estava falando sobre ter um crush pelo inimigo, nem sei o que aconteceria.

Ledger definitivamente mataria Reed. *Definitivamente*.

E então ele me trancaria em algum lugar por quem sabe quanto tempo por traí-lo, e eu nem o culparia.

Porque é uma traição, não é?

— O quê? — Tempest pergunta confusa.

— Nem mesmo fale sobre isso.

— Por que não?

— Porque você não pode. E porque *eu* não posso.

— Você não pode o quê?

Eu olho em volta novamente. Chego ao ponto de me inclinar para ela e baixar a voz.

— Não posso gostar do seu irmão.

Ela também se inclina. — O quê? Por que você não pode?

— Porque eu não posso.

— Sim, você disse isso. Mas o que isso significa?

— Significa que não posso. Eu não tenho... — Procuro uma palavra adequada. — *Permissão*.

— Você não tem permissão?

— Não.

— Bem, quem é que não está permitindo?

Eu a encaro um pouco antes de dizer: — Olha, você não mora aqui, então não sabe.

— O que eu não sei?

— Há uma maldita rivalidade entre meu irmão e o seu. — Ela franze a testa e eu explico: — Meu irmão odeia seu irmão e o sentimento é mútuo, OK? Portanto, nem fale sobre essas coisas.

Sua confusão só aumentou. — O quê? Por quê?

La explicar tudo para ela, mas não preciso.

Quando eu posso mostrar a ela.

Porque o que acontece em cada jogo já está acontecendo dentro de campo. As duas estrelas do Bardstown High estão se enfrentando.

Você pensaria que desde que Ledger se tornou o capitão, ele tentaria evitar todos os tipos de brigas e discussões. Pelo menos dentro de campo. Mas não.

Porque Reed não deixa.

Desde que Ledger se tornou o capitão, a agressividade de Reed em campo só aumentou.

Não tenho certeza do que provocou a discussão atual, mas eles estão frente a frente.

Não consigo ver as expressões deles daqui, então, tudo o que tenho para seguir é a linguagem corporal deles, e não parece boa.

Há ombros tensos, costas rígidas. Posições amplas e prontas para a batalha e braços cruzados.

Posso ler meu irmão como um livro e sei que ele está com raiva. Sei que a veia em sua têmpora deve estar pulsando quando ele diz algo, ou melhor, joga em Reed.

Que, por outro lado, parece completamente relaxado.

Reed parece não se importar que Ledger esteja quase na cara dele. Ele não se importa que Ledger pareça que pode bater em Reed a qualquer momento.

Mas acho que é tudo exibição.

É tudo para provocar Ledger, para mostrar a ele que não pode chegar até Reed, para mexer com a cabeça dele.

Reed também teve sucesso porque, no segundo seguinte, Ledger estendeu a mão e empurrou Reed.

Oh, Deus.

E, finalmente, temos uma reação.

Ela pulsa através de Reed como uma corrente, obliterando sua personalidade relaxada, tornando-o rígido e implacável. E quando Reed dá um passo ameaçador para perto de Ledger, Ledger faz o mesmo, trazendo-os de volta para ficar frente a frente, seus corpos suados, suas cabeças inclinadas uma para a outra como se estivessem trocando confidências ao invés de ameaças.

As duas feras, o Mustang e o Thorn.

Quando penso que eles vão começar a se socar, alguém intervém.

Meu irmão mais velho e treinador deles, Conrad.

Ele absolutamente odeia essa rivalidade. *Odeia*. Ele odeia a raiva de Ledger. Ele odeia a imprudência de Reed.

Ele odeia o fato de que todos os times do Ensino Médio em todo o maldito estado sabem disso. Sobre como os dois craques da Bardstown High não conseguem parar de medir seus paus no campo – palavras dele, não minhas – e eles sempre tiram vantagem disso.

Meu irmão mais velho fica entre seus dois jogadores, planta uma palma em cada um de seus peitos e os empurra.

Quando ele consegue separar os dois caras ofegantes e de aparência zangada, Conrad envolve suas grandes mãos em volta de seus pescoços e os puxa novamente, dando-lhes um esporro.

Quando ele termina, Conrad se endireita e os prende com seu olhar duro por alguns segundos antes de soltá-los. E assim o jogo recomeça.

— Então, aquele é *meu* irmão — digo a ela, repetindo suas palavras. — Aquele que estava claramente tentando bater em seu irmão. Ledger. E aquele que ficou entre eles? O treinador? Esse também é meu irmão, Conrad.

— Oh, uau — Tempest respira.

— Sim. — Assinto. — Vê? Você não pode nem brincar com isso. Não em Bardstown.

Ela continua olhando para o campo por alguns segundos antes de se virar para mim. — Então... acho que você não vai gostar do que vou dizer a seguir.

— O quê?

— Que *eu* acho que tenho uma queda enorme pelo *seu* irmão.

Seus olhos cinzentos – tão inconfundivelmente como os de Reed – se arregalam. — Eu nunca vi alguém enfrentar meu irmão assim. Ledger.

Ela suspira o nome dele com uma voz sonhadora.

— Eu não...

— Ah, e você vem comigo — Ela fala me interrompendo.

— Com você para onde?

— Para a festa.

— Que festa?

— A festa pós-jogo que Reed sempre dá.

Capítulo Dois



Vou a uma festa.

Mas isso não é importante.

Isso nem está na lista das três coisas mais importantes.

Não é como se eu não tivesse ido a festas antes. Eu fui. Algumas vezes.

Mas entre a escola e minhas aulas de dança, não tenho muito tempo livre, então também não tenho muita experiência com elas.

As que eu já estive eram barulhentas e superlotadas e tinham uma música muito ruim.

Sem mencionar que elas meio que assustam meus irmãos.

Mas eles não mostram, não. Para o meu bem, meus quatro irmãos mais velhos superprotetores tentam esconder sua preocupação.

Eles tentam esconder o fato de que toda vez que vou a uma festa, eles estão sempre olhando para o relógio. Eles estão sempre vigiando a porta também – Bem, Con faz isso porque ele gosta de ficar em casa, o resto deles geralmente está fora de casa com seus amigos – e trocando mensagens de texto para ver se eu voltei.

Eu acho que eles têm um bate-papo em grupo juntos.

Quero dizer, temos um em que todos os cinco irmãos estão incluídos, mas acho que eles têm um bate-papo secreto entre eles, que ficam obcecados se estou bem.

Acho que, embora esteja no Ensino Médio agora, ainda sou a irmãzinha deles.

Aquela que os seguiu enquanto crescia. Aquela a cujos recitais de balé todos eles iam. A que não conseguia dormir sozinha por muito tempo quando nossa mãe morreu, então, todos os meus irmãos se revezavam durante a noite e ficavam comigo no meu quarto.

Não me lembro bem dessa parte, sobre não adormecer sozinha, provavelmente porque eu tinha apenas quatro anos quando mamãe morreu, mas toda vez que penso nisso, não consigo parar de chorar e sorrir.

Não consigo parar a onda de amor que sinto por meus irmãos mais velhos. Então, com o tempo, decidi não ir a festas.

Não quero preocupá-los com algo para o qual realmente não tenho tempo e nem gosto.

Mas eu vou a essa.

E vou sem avisar aos meus irmãos.

Essa é a *única* regra deles – mantê-los atualizados sobre o meu paradeiro.

Eles me deixam ir a festas ou ao cinema com meus amigos, mas precisam saber onde estou o tempo todo.

Eles não sabem onde estou agora.

Eles *pensam* que sabem; mandei uma mensagem para eles dizendo que estou estudando com uma de minhas amigas e que estarei de volta no meu toque de recolher.

Eles não sabem que estou aqui.

Que vou a uma festa organizada por Reed Roman Jackson.

O rival do meu irmão.

O cara de quem eu deveria ficar longe.

E eu fiquei.

Eu *fiquei* longe dele.

Tenho sido extremamente cuidadosa de nunca estar no mesmo lugar que ele.

Se ele está no pátio com os amigos, estou na biblioteca. Se ele estiver no refeitório, sentado no lugar de sempre, sei que devo ficar do lado oposto do recinto.

Se eu o vejo sentado dentro de seu *Mustang* no estacionamento após o treino, ouvindo música com os olhos fechados, eu me viro e caminho pelo campo de futebol para chegar ao ponto de ônibus.

Basicamente, fiz tudo ao meu alcance para ficar longe dele.

Então, eu realmente não sei o que estou fazendo aqui.

Eu nem sei como isso aconteceu. Como fui puxada para ir. Por sua irmã, nada menos. Que eu conheci há pouco tempo.

Mas em um minuto estávamos assistindo ao jogo e eu estava explicando a ela sobre a rivalidade, que fico feliz em dizer que ela também não entende. E no próximo, o jogo acabou e Tempest está me puxando para longe do campo, me dizendo que não devemos ser controladas pela estupidez de nossos irmãos.

Que eu deveria ignorar todas as rivalidades e ir a uma festa com uma amiga – *ela* – se eu quiser. Além disso, se eu não gostar, estou livre para ir embora.

Então, aqui estou.

Indo a uma festa com uma amiga que me prometeu que posso ir embora se eu quiser.

E eu quero, eu acho.

Porque assim que vejo a multidão, percebo que isso é ainda mais estúpido e perigoso do que pensei inicialmente.

Essa festa, que está acontecendo no meio da floresta que faz fronteira com Bardstown, está lotada de gente do campo Mustang.

Os jogadores de futebol que o adoram, os alunos de Bardstown High que o admiram e as garotas de toda a cidade que querem estar com ele.

Todos eles estão rindo ou conversando ou chacoalhando com a música com copos vermelhos nas mãos. Eu até ouço pessoas cantando seu nome ao lado.

Claro, Callie. Esta é a festa dele.

Este é o território dele.

Tudo aqui é dele.

Exceto eu.

Eu sou a invasora. Eu sou aquela que não pertence. Eu sou a anomalia aqui.

E se alguém me reconhecer, a irmã de seu rival?

E se eles contarem a Ledger sobre isso?

Oh, Jesus Cristo, eu não pensei sobre isso, pensei?

Eu *não* pensei nada sobre isso.

E se ele usar isso, eu estando aqui, como algo para irritar Ledger no próximo jogo?

Ele já fez isso antes.

Quero dizer, ele não *me* usou para irritar meu irmão. Mas ele *usou* coisas contra Ledger. E bem, Ledger fez o mesmo, mas sim.

Eu preciso me mandar.

Eu preciso sair.

Agarro a mão de Tempest e tento impedi-la de entrar no meio da multidão. — Eu acho que estou...

Indo embora.

Isso é o que eu ia dizer antes de deixar minhas palavras no ar.

Porque neste momento a multidão se separa, a horda de corpos oscilantes se desfaz e aí se abre uma linha direta de visão.

Para ele.

O cara que é dono de tudo ao meu redor.

Reed Roman Jackson.

Ele está sentado em um tronco, suas coxas poderosas abertas, seu comportamento casual, seu corpo inclinado para a frente com os cotovelos apoiados nos joelhos.

E como sempre, ele não está sozinho.

Há uma garota pendurada em cima dele – acho que ela é da escola – e ela está falando com ele, sussurrando algo em seu ouvido.

Não é o fato de ter uma garota pendurada em seu braço que me faz parar, não. Já vi isso antes na escola, várias vezes. Quero dizer, seria mais chocante vê-lo *sem* uma garota.

Não é a garota. É ele.

É o fato de que, apesar da iluminação muito escassa no espaço – a lua e os faróis dos carros estacionados – tudo sobre ele é tão claro, tão vívido.

Tão *vivo*.

Como o cabelo dele, por exemplo.

Seu cabelo escuro e espetado. Seus fios têm gotículas nas pontas, fazendo-me pensar que ele acabou de tomar banho, logo após o jogo.

E talvez ele estivesse com pressa para chegar à sua festa.

Porque ele não se preocupou em fazer a barba e sua mandíbula está com a barba por fazer.

Eu não acho que ele gosta disso.

Porque eu sempre o pego tocando, esfregando e coçando como se estivesse irritado.

Um gesto que é mais como um hábito para ele. Que ele está apresentando agora mesmo, enquanto fala com a garota, o rosto voltado para ela, um sorriso malicioso à espreita em seus lábios vermelho-rubi.

Um gesto que me faz pensar que talvez ele goste de coisas suaves. Coisas macias.

Coisas como o moletom dele.

Seu moletom branco, para ser mais precisa.

Seus moletons são famosos na escola e na cidade. Eles são sempre brancos ou creme e sempre parecem grossos e aconchegantes.

E, claro, macios.

Além disso, seus moletons são sua coisa favorita para vestir.

Porque ele sempre os usa – bem, exceto no verão, mas, ainda assim. Isso e seu jeans escuro.

Preto e branco.

E nem é preciso dizer que as garotas da cidade são obcecadas por seus moletons.

Elas os encaram. Elas falam sobre eles. Elas querem tocar em seus moletons e brincar com as tiras. Elas querem usar seus moletons também.

O que, pelo que ouvi, é um privilégio.

Nem toda garota pode usá-los, apenas as especiais, e por isso é uma coisa cobijada: Reed Roman Jackson e seus moletons.

Mesmo agora, a garota que está em volta dele está traçando o tecido, puxando os cordões, passando os dedos na ponta da manga em seu pulso enquanto ela ri de algo que ele disse.

Pare de encarar, Callie.

Certo.

Eu preciso parar de olhar. Mas o fato é que é muito difícil de fazer.

Veja, essa é a magia dele, eu acho.

A magia sinistra de que eu estava falando.

Isso o faz brilhar.

Como se sua própria pele absorvesse qualquer luz que estivesse nas proximidades, deixando o resto do mundo na escuridão.

Tanto que a única coisa que você pode ver, a única coisa em que você *pode* focar, é ele e nada mais.

Mas.

Mas, mas, mas.

Eu sou um dos Thornes. Eu sou a irmã dos meus irmãos. Eu sei melhor.

Então, eu deveria desviar o olhar, e eu desvio.

Bem, eu tento.

Porque no momento em que decido desviar o olhar, *ele* decide olhar para mim.

E eu recuo.

Como se alguém tivesse me empurrado. Como se *ele* tivesse me empurrado. Ele tivesse colocado as mãos em mim e eu tivesse que recuar, *tivesse*, sob o peso de seu toque.

A força de seu olhar, seus olhos de lobo que pousam em mim.

E agora que ele me encontrou, ele não vai me deixar ir.

Ele absolutamente *não* vai me deixar partir. Minhas pernas nem se movem. Não mesmo.

Porque elas de alguma forma, as traidoras, sabem que ele me quer aqui.

Está na forma como ele se endireita lentamente, na forma como abandona completamente o interesse pela garota ao seu lado. Está na maneira como algo se abre em seu rosto, em seu lindo, *maravilhoso* rosto feito de linhas nítidas, suaves e fascinantes assim que ele me vê.

Algo que se parece muito com interesse. Curiosidade.

Algo que faz seus lindos olhos se arregalarem seguido por um pequeno sorriso em seus lábios.

É como... ele está animado por eu estar aqui.

É como se ele estivesse pensando, *agora a diversão começa...*

Não tenho certeza de como sei de tudo isso. Mas eu sei.

Não é como se eu fosse uma especialista em Reed Roman Jackson.

Quero dizer, nós nem conversamos antes.

Esta pode ser a primeira vez que ele olha para mim, e esta manhã, quando acordei, não fazia ideia de que hoje seria o dia em que ele olharia para mim pela primeira vez.

Então, sim, não tenho ideia de como sei de tudo isso, exceto que me sinto exposta sob seus olhos. Sinto-me vulnerável e frágil. Eu sinto que de alguma forma entrei em um covil do mal.

Seu covil do mal.

O que não está tão longe da verdade.

Estou em seu covil do mal e preciso me mover. Agora mesmo.

Eu preciso correr. Preciso...

De repente, há uma comoção e a atenção de Reed se afasta de mim. E acho que respirei pela primeira vez desde que ele me encontrou neste caos.

É Tempest. A fonte da comoção, quero dizer. Ela está correndo em direção a Reed.

Caramba.

Eu tinha esquecido completamente dela. Nem sei quando ela se separou de mim e abriu caminho no meio da multidão para ir até o irmão.

Que, definitivamente, parece surpreso agora.

Ele até se levanta de seu poleiro real assim que Tempest se lança sobre ele. Gritando, ela envolve seus braços e pernas ao redor dele e o abraça apertado.

E bem na frente dos meus olhos, vejo um novo lado de Reed.

Um lado que abraça sua irmã de volta com a mesma força. Um lado que sorri – um sorriso verdadeiro – e ri quando a irmã se afasta e não para de falar. Um lado que olha para ela com um carinho que nunca vi antes.

Ou melhor, que só tenho visto na cara dos *meus* irmãos quando os surpreendo com um novo par de meias de tricô ou uns biscoitos de chocolate.

Bem na frente dos meus olhos, descubro que Reed Roman Jackson, o vilão maravilhoso, rival e inimigo do meu irmão, ama sua irmãzinha.

Algo muda em meu peito com isso.

Algo dolorido e inchado.

E, Deus, eu tenho que ir agora.

Eu tenho.

Quanto mais fico aqui, mais inquieta me sinto. O mais provável é que alguém possa me reconhecer e contar a Ledger.

Me incomoda deixar Tempest assim porque eu realmente gosto dela. Mas eu tenho que ir.

Então, respirando fundo e com um último olhar para Tempest conversando com Reed, que está rindo, eu me viro e começo a andar.

Curvo os ombros e abaixo a cabeça, tentando me tornar o mais invisível possível para que ninguém preste atenção em mim. Embora não tenha certeza de que estou caminhando na direção certa ou na direção de onde vim.

Mas tudo bem.

Eu vou encontrar minha saída.

Então, continuo andando, meus pés triturando as folhas, até deixar a festa para trás e me aprofundar nas árvores.

Deve ser meio assustador andar pela floresta no escuro. Mas eu cresci aqui, nesta cidade. Mesmo que eu nunca tenha realmente me aventurado nesta floresta, sei que estarei segura.

Bem, eu sei disso até ouvir um barulho.

Na verdade, uma série de ruídos.

Eles não são barulhentos nem nada. É que a mata é silenciosa e por isso *parecem* barulhentos. Eles parecem urgentes e carentes.

E, oh, meu Deus, eu paro.

Meu coração está batendo dentro do meu peito. Os cabelos da minha nuca estão arrepiados porque, o que diabos está acontecendo?

O que...

Um galho se quebra em seguida. Então vem um gemido, seguido de uma respiração pesada.

Um segundo depois, porém, quando ouço um grunhido – um grunhido viril – tudo fica claro.

Oh, meu Deus.

Alguém – um *cara* – está fazendo algo com uma garota.

Não está?

Isso é o que está acontecendo. Um bêbado estúpido está fazendo algo com uma garota inocente e eu preciso ajudá-la.

É por isso que meus irmãos estão sempre preocupados. Porque é isso que acontece nas festas do colégio. Os caras bebem e enlouquecem e acham que podem fazer o que quiserem com uma garota.

Bem, não no meu turno.

Ele não sabe o que está vindo para ele.

Eu.

Estou indo até ele e sei como socar.

Sim, é isso. Eu sei como dar um soco bem, bem *forte* – quatro irmãos, lembra? – e ele vai conseguir um.

Bem na cara dele.

Engolindo meu medo, começo a caminhar em direção aos ruídos.

Estou tentando ficar o mais quieta possível.

Não quero que aquele *animal* saiba que estou indo atrás dele. Eu vou pegá-lo de surpresa. Essa é a melhor maneira de causar o maior dano. Foi isso que meus irmãos me ensinaram.

Mas, ao que parece, não acho que usarei nenhuma das habilidades de soco que aprendi com meus irmãos.

Porque não existe cara bêbado e nem garota inocente.

Quero dizer, ele pode estar bêbado e ela pode ser inocente, mas ele não está fazendo nada que ela não queira. Na verdade, ela parece muito interessada no que ele está fazendo com ela. Que é beijar.

Ele está beijando-a e ela está beijando-o de volta.

Eles estão sob uma árvore e há algumas velas ao redor deles. Um cobertor, cervejas.

Ops.

Acho que arruinei um encontro. O qual está ficando completamente mais quente agora.

Agora que estou perto e felizmente me escondendo atrás de uma árvore, posso ouvir mais barulhos. Risadas, farfalhar de suas roupas, alguns murmúrios.

E, Deus, eu posso ver coisas também.

Suas mãos e pernas e suas bocas. É como se eles estivessem atacando um ao outro – alegremente, mas, ainda assim, atacando com seus lábios e membros.

Acho que nunca vi nada assim antes.

O que quero dizer é que já vi pessoas se beijando antes, embora eu nunca tenha sido beijada. Mas isso é outra coisa.

Isso é paixão e luxúria e crueza e, santo Deus, não consigo parar de olhar e sei...

Meus pensamentos se quebram quando ouço outro barulho.

Ou melhor, uma voz.

Eu ouço uma voz.

Uma voz dizendo: — Você gosta disso, hein?

É rica e suave. *Profunda.*

Deus, tão profunda.

Isso me faz pensar em mergulhar de um arranha-céu. É estranho que uma voz possa invocar tal imagem, e uma imagem tão imprudente e perigosa. Mas juro que sinto a corrente de ar em meu corpo, a adrenalina pulsando em minhas veias como se eu estivesse realmente voando.

Só porque ouvi uma voz. A voz *dele*.

É dele. Eu sei.

Embora nunca tenha sido dirigida a mim, já a ouvi antes e, sem querer, a memorizei. E agora está aqui.

A voz. *Dele*.

E antes que eu possa pensar em qualquer outra coisa, avaliar a situação ou mesmo absorvê-la, eu me viro.

Como se uma corda estivesse enrolada em meu corpo e ele segurasse a outra ponta. E ele está puxando ferozmente, me fazendo girar como a bailarina que sou.

E lá está ele de novo.

Muito mais perto de mim do que nunca.

Reed Roman Jackson.

Capítulo Três



A primeira vez que o vi, fora do campo de futebol, quero dizer – eu o tinha visto jogar muitas vezes antes disso – foi no meu primeiro dia na Bardstown High.

Foi durante o meu período de almoço.

Eu estava tentando encontrar o escritório da administração sem ter que incomodar Ledger ou Conrad para cada pequena coisa e, apesar de receber instruções muito explícitas que levavam a ele, acho que me enganei em algum lugar.

Acabei em uma espécie de corredor deserto com apenas alguns alunos remanescentes.

Eu estava tentando encontrar o caminho de volta quando me deparei com uma sala de aula vazia.

Bem, vazia, exceto por duas pessoas.

Um delas era ele.

Essa foi a primeira vez que o vi sem seu uniforme de futebol verde e branco, sem suor escorrendo de suas sobrançelas e sem um rubor vicioso cobrindo suas feições de correr pelo campo.

Na verdade, foi a primeira vez que vi suas feições claramente e não à distância.

A primeira vez que vi como ele era incrivelmente bonito. Como suas feições, afiadas e angulosas, foram projetadas para fazer seu coração doer assim que você olhasse para ele.

De partir o coração, lindo. Foi o que pensei naquele momento.

Além disso, alto.

Era algo que eu nunca tinha percebido antes, seu corpo imponente.

Lembro-me de pensar que Reed Roman Jackson era o cara mais alto que já vi. Mais alto até do que meus irmãos, e meus irmãos são algumas das pessoas mais altas que conheço.

Em seu moletom branco, outra coisa que vi pela primeira vez, Reed

estava encostado na parede perto do quadro branco e, Deus, o topo de sua cabeça quase alcançando a borda dele. Sua cabeça estava ligeiramente jogada para trás, expondo a protuberância masculina de seu pomo de Adão e as tensas veias correndo pela lateral de seu pescoço.

Ah, e seus olhos estavam fechados e sua mandíbula estava apertada.

A princípio, não entendi por quê.

Não entendi por que ele estaria parado ali com os olhos fechados daquele jeito, o maxilar tenso antes de relaxar e a boca se abrir em uma respiração silenciosa.

No começo, também pensei que ele estava sozinho.

Mas então ouvi um som – um gemido – e percebi que havia uma garota na sala com ele. E ela estava de joelhos, quase escondida pela mesa do professor, na frente dele.

Foi quando eu soube.

Que a garota com quem ele estava, estava... você sabe, fazendo coisas com ele. E antes que eu pudesse me impedir, ofeguei.

Eu ofeguei alto e assim que o fiz, eles ouviram.

A garota parou de fazer coisas nele e uma carranca apareceu entre suas sobrancelhas.

Até hoje *sei* que ele abriria os olhos um segundo depois. E quando o fez, seu olhar pousou diretamente em mim. Então eu corri. Não esperei que descobrissem que alguém os estava observando e que era eu.

Eu corri e me salvei naquele dia.

Acho que não posso me salvar agora.

Eu nem acho que posso correr. E fica ainda mais difícil quando outro gemido vem atrás de mim.

Este particularmente alto e carente e como uma idiota, *idiota*, eu ofego como na primeira vez que o vi.

Mas ao contrário daquela vez, não estou me escondendo atrás de uma porta e seus olhos não estão fechados.

Eles estão abertos e estão em mim e no meu suspiro, seus olhos, aqueles lindos olhos de lobo, brilham. Seus lábios, vermelho-rubi e macios, também se inclinam ligeiramente.

E acho que nunca me senti tão exposta na minha vida.

Mais exposta e vulnerável e presa e... emocionada, tudo ao mesmo tempo,

e acho que quase explodo com todas as emoções confusas quando ouço: — Oh, Deus, Justin. Pare de brincar e enfie de uma vez.

E acho que *ele* sabe disso.

O cara que está parado na minha frente, me observa através de tudo isso.

Porque do nada, ele mexe com cada célula do meu corpo quando chama: — Ei, Justin!

Desta vez, nem me incomodo em me parar ou me castigar por fazer isso, apenas *ofego*.

Também não me impeço de arregalar os olhos e questioná-lo com eles: *O que você está fazendo?*

Ele parece ouvir minha pergunta não dita e me responde no sentido mais não tradicional de todos.

Sem quebrar nosso olhar, ele grita novamente: — Vá para outro lugar. — Ele faz uma pausa por alguns segundos enquanto guinchos e xingamentos começam. — Você está corrompendo calouras boazinhas.

Eu estremeço com sua descrição e seu sorriso cresce.

Isso não foi justo.

Não sou uma caloura boazinha.

Quer dizer, eu sou. Mas ele não precisava dizer isso de maneira tão condescendente. De um jeito que me faz sentir uma flor inocente e inexperiente.

O que novamente, eu sou, mas, ainda assim.

— Caloura? — Uma voz masculina, Justin responde. — Como uma caloura entrou aqui?

A boca de Reed se torce em um sorriso sardônico quando ele responde a Justin enquanto ainda olha para mim. — Talvez a safra deste ano seja mais sorrateira do que pensávamos.

Desta vez, a garota fala. — Bem, expulse-os! Eles são chatos. E, Deus, eles ficam tão facilmente chocados.

Minha boca se abre.

Isso *não* é verdade.

Não ficamos chocados facilmente.

Reed acha minha reação altamente divertida e uma pequena risada escapa dele.

— Sim, eles são. Não são? — Eu olho para ele, mas isso só o faz rir mais

uma vez. — Então é por isso que você precisa levar seu programa pornográfico para outro lugar. Deixe-os sonhar com pássaros e abelhas por mais uma noite.

Estou indignada com isso.

Indignada e ofendida.

Quem ele pensa que eu sou? E por que diabos ele está falando de mim como se eu nem estivesse aqui?

Justin não acha isso ofensivo, no entanto. Ele acha engraçado, e a garota também, que ri e responde: — Odeio ter que dizer isso a você, Reed. Mas, por mais irritantes que sejam os calouros, *acho* que eles sabem como os bebês são feitos.

De alguma forma, seus olhos de animal ficam ainda mais potentes e sou forçada a dar um passo para trás.

Não que eu tenha para onde ir realmente.

Minha coluna está praticamente presa à árvore atrás da qual eu estava me escondendo.

E ele sabe disso.

Seus olhos movem-se para o chão para avaliar a distância entre nós antes de levantar de volta para o meu rosto. — Mesmo? Bem, essa parece uma margarida fresca demais. Não tenho certeza se ela pode lidar com sua aula de educação sexual sem desmaiar. Então, foda-se.

Acho que acabei de distender um músculo.

Porque este é o mais difícil que eu fiz, franzi a testa e apertei os lábios para alguém, o mais difícil e o mais longo.

Enquanto isso, seus amigos, que ainda não sabem que estou aqui, ouvindo, riem e fazem comentários grosseiros sobre mim.

Quando terminam, porém, eles partem.

Me deixando sozinha com ele.

O cara que está olhando para mim como se eu fosse a coisa mais interessante que ele viu esta noite. A coisa mais interessante que ele já viu, na verdade, e agora que estou em suas garras, ele mal pode esperar para brincar comigo.

Ele mal pode esperar para me abrir, me desvendar, me destrinchar.

Ele mal pode *esperar*.

— Não sou uma margarida fresca — digo e me arrependo logo depois.

Isso é o que eu digo a ele, *isso*.

De todas as coisas que eu poderia ter dito, tipo, *como você ousa falar sobre mim enquanto eu estava aqui* ou *como você ousa se aproximar de mim* – porque ele se aproximou de mim, certo? – digo a coisa mais estúpida de todas.

Eu vou tentar de novo.

Mas nenhuma palavra sai da minha boca porque ele escolhe aquele momento para mover os olhos.

O que me faz perceber que ele não olhou para nenhum outro lugar exceto para o meu rosto desde que chegou aqui.

Ele está mudando isso agora.

Ele está lentamente descendo pela minha garganta ofegando e engolindo, meu peito respirando pesadamente.

Embora haja muito pouca luz, sei que ele pode me ver claramente.

Acho que são seus olhos de lobo; eles podem ver no escuro.

Eles podem ver tudo: meu cardigã que eu mesma tricotei – é início de fevereiro e um clima excepcionalmente não invernal que requer apenas um suéter leve – e meu vestido.

Quando seus olhos se movem sobre ele, percebo outra coisa também.

Algo bobo e importante.

Margaridas.

Eu estou usando margaridas.

Meu vestido tem estampas de margaridas. É por isso que ele disse isso.

Ah, e é branco, meu vestido.

Putá merda.

Perdida na floresta, estou vestida com sua cor favorita – branco – e ele está me encarando de um jeito que o faz parecer um predador. Parte humana, parte lobo, que caça garotas inocentes como eu.

Garotas tolas o suficiente para vagar sozinhas à meia-noite.

— Eu discordo — Ele fala lentamente quando termina sua leitura e volta para o meu rosto. — Você parece uma margarida fresca para mim.

Viu?

Predador.

Lindo, maravilhoso... predador.

Agarro meu vestido e pressiono minhas costas contra a árvore. Erguendo

o queixo, tento parecer mais experiente, embora não seja nada. — E também não sou caloura.

— É mesmo?

Olhe para esse tom, tão condescendente.

Deus, eu o odeio.

Além disso, eu me odeio por dizer isso.

Mas agora que consegui, vou manter o rumo, porque recuar seria ainda mais covarde.

— Sim — digo a ele. — Quero dizer, eu sou. Mas eu deveria estar no segundo ano. Eu repeti um ano. E então eu sou mais velha e, portanto, mais sábia. Estou prestes a fazer dezesseis anos em três meses.

Tudo verdade.

Eu repeti um ano. Na época em que minha mãe estava doente e acabou morrendo de câncer.

Tudo caiu sobre Conrad, que tinha apenas dezoito anos na época e era um calouro na faculdade. Ele tinha tantas, *muitas* coisas para lidar naquela época, com a deterioração da saúde da minha mãe, conseguir um emprego, manter a casa, cuidar dos meus irmãos e de mim — Bem, todos os meus irmãos contribuíram e ajudaram comigo, mas eles próprios eram crianças — esse atendimento perfeito não estava muito no topo da lista.

Então, meus professores acharam que seria melhor se eu repetisse um ano.

— Doce dezesseis, hein — Ele murmura, seus olhos brilhantes e intensos.

Eu engulo. — Sim. Então você não deveria ter dito o que disse. Para seus amigos.

— O que eu disse aos meus amigos?

Aperto meu vestido com mais força.

Eu sei o que ele está fazendo. Ele está me provocando. Porque é isso que ele faz.

Ele, Reed Roman Jackson, provoca e eu, Calliope Juliet Thorne, faço boas escolhas.

Portanto, devo fazer uma boa escolha aqui e recuar.

Mas algo em seus olhos, em seu comportamento casual, mas também rígido, me faz dizer: — Que eu não sei.

— Você não sabe o quê?

Eu lambo meus lábios secos. — Que eu não sei como os bebês são feitos.

— E como *são* feitos?

Pare. Apenas pare, Callie.

Mas quer saber, eu odeio que ele esteja se divertindo agora.

Isso me faz querer dizer isso, botar para fora, chocá-lo.

Então, ajeito minha postura e jogo meus ombros para trás enquanto digo:

— Eles são feitos quando você f-fode.

Quê?

O que foi que eu disse?

Oh, Deus.

Acho que me choquei. Eu nunca disse essa palavra antes, nunca.

Eu já ouvi isso. Um milhão de vezes. Tenho quatro irmãos, claro que já ouvi. Mas eu nunca disse isso.

Não até esta noite.

Não até que *ele* me fez dizer isso.

O cara que ficou congelado. Como se ele não esperasse que eu mordesse a isca.

Bem, ótimo.

Pronto. Isso vai ensiná-lo a não me subestimar.

— É a primeira vez que você diz essa palavra? — Ele pergunta zombeteiramente, com os olhos estreitados.

Eu odeio que ele me faça sentir tão sem fôlego e jovem. — Ora, você está orgulhoso por ter me feito dizer essa palavra pela primeira vez?

Sua mandíbula se move, aquela coisa pontiaguda. Ele a mexe por um momento antes de dizer: — Não particularmente, não.

— Bem...

— Nunca mais diga isso.

— O quê?

— Não combina com você.

Estou tão confusa.

Ele acabou de... me dizer para não dizer a palavra com F?

Ele disse, não?

Mas isso é...

Quem é *ele* para me dizer isso? Quem é ele para me dizer alguma coisa?

— Sim, acho que você não pode me dizer o que posso ou não falar — digo a ele, levantando minhas sobrancelhas, o que só faz sua mandíbula

apertar ainda mais. — E enquanto estamos nisso, você não deveria ter falado sobre mim com seus amigos como se eu não estivesse aqui. Isso é falta de educação.

— Que tal invadir a festa de alguém? Isso também se enquadra na falta de educação? — Ele atira de volta.

Meus lábios se separam.

OK, ele me pegou.

Estou invadindo a festa dele. Eu não fui realmente convidada, fui?

— Eu não... eu estava indo embora — digo. — Eu me perdi.

— Se perdeu.

— Sim.

Seus olhos brilham novamente e algo pisca em suas feições que eu realmente não entendo. — Você faz muito isso, não? Se perder.

— Eu não... o quê?

— Na floresta. Nos corredores...

Ele deixa a frase no ar, mas eu entendo o significado. Eu entendo e, oh, meu Deus.

Ele sabe.

Ele sabe que fui eu. Que eu o vi. Meses e meses atrás, no meu primeiro dia na Bardstown High.

Ele *sabe*.

Uma onda de calor cobre minhas bochechas. Minha garganta, meu corpo inteiro na verdade, e posso simplesmente me dissolver nesta árvore?

Posso simplesmente desaparecer?

— Eu... eu não pensei que você...

— Sabia? — Ele sorri. — Eu sabia.

— Mas eu fiquei... quieta.

— Você não ficou tão quieta quanto pensa. Além do mais...

— Além do mais o quê?

Ele se inclina ligeiramente para a frente, as tiras de seu moletom balançando, como se estivesse confessando um segredo. — Eu não me importei. Ser observado por você. A Princesa Thorn. E se você não tivesse fugido, eu teria me livrado dela.

— Você teria?

— Sim.

— P-por quê?

— Para que eu pudesse concentrar toda a minha atenção — Então, com uma voz baixa, — em você.

Meu coração bate contra minhas costelas, machucando-as. Espancando-as, fazendo-as pulsar.

Na verdade, todo o meu corpo lateja.

Eu posso sentir isso. Eu posso até *ouvir*.

Mesmo assim, tento manter a compostura. Tento manter a autoridade em minha voz.

— Até parece.

— Até parece o quê?

— Até parece que eu teria... deixado ou até mesmo ficado.

— Eu acho que você teria. — Ele mantém seu olhar firme e inabalável, intenso e ligeiramente divertido. — E eu acho que você teria gostado também. As meninas adoram quando lhes dou minha atenção. Elas são conhecidas por implorar por isso. Principalmente de joelhos.

Meus joelhos formigam com isso, como se fossem atingidos por uma corrente. Eles também se curvam.

Como se fossem dobrar. Como se eu fosse cair.

Mas não vou.

— Não sou como as outras garotas — digo a ele. — Eu não imploro.

Algo sobre isso o faz sorrir. — Toda garota implora. Ela só precisa da coisa certa pela qual implorar.

Eu estreito meus olhos para ele. — Meus irmãos matariam você.

Eu sou a Princesa Thorn, como ele disse.

É assim que eles me chamam. Eu sou a princesa, a irmã mais nova de quatro lendários deuses do futebol que o odeiam completamente.

— Acho que posso cuidar de mim mesmo — diz ele, todo casual.

— Você deveria ter medo dos meus irmãos, você sabe.

— Por quê?

— Há quatro deles e apenas um de você.

— E?

— E você não deveria falar comigo desse jeito.

Ele me dá uma olhada antes de perguntar com uma voz divertida: — Por que, isso faz você querer me implorar por alguma coisa?

— Isso não...

— Você não deveria se preocupar muito comigo. Como eu disse, posso cuidar de mim mesmo.

Eu também acho.

Ele parece tão arrogante, tão destemido. *Imprudente*.

Meus irmãos poderiam esmagá-lo se quisessem.

Meus irmãos poderiam esmagar *qualquer* cara se quisessem e todos nesta cidade sabem disso. Todos em Bardstown têm medo deles.

Não ele.

Não Reed Roman Jackson.

Ele nunca teve e nunca terá.

Quero dizer, veja o que acabou de acontecer no campo. O que acontece sempre dentro de campo e também fora dele. E antes que eu possa me conter, pergunto: — Por que você odeia tanto Ledger?

— Quem disse que eu o odeio?

— Você está sempre brigando com ele, provocando-o. Como você fez hoje. No campo.

— Então você estava assistindo, hein? — Ele murmura, em vez disso.

— É claro. Assistio a todos os jogos. Por Ledger. E por Con.

Ele me encara por um instante antes de rir baixinho. — É claro. Bem, seu *irmão* facilita. Provocar.

— Por que vocês não podem simplesmente se dar bem? Vocês estão no mesmo time.

— Você diz a ele para sair do time e nós o faremos.

— Ele é o capitão — digo a ele como se ele não soubesse.

— Não por muito tempo.

— O que isso quer dizer?

Ele encolhe os ombros, seus ombros, como montanhas, subindo e descendo. — Significa que ele deve estar ficando cansado.

— Do quê?

— De fazer um trabalho de merda. De perder para o atacante.

Certo.

É claro.

A disputa estúpida.

Então, depois que Reed provocou Ledger, ele perdeu a cabeça por um

tempo e, nesse momento, Reed marcou e venceu a disputa, além de vencer o jogo.

— *Seu time* ganhou — digo, exasperada. — Então ele não perdeu. E você também não.

— Você está certa, eu não perdi.

— Você sabe que é uma disputa estúpida, certo? Isso não significa nada — digo.

Ele assente sabiamente. — Sim, você deveria dizer isso ao seu irmão. Pode ajudá-lo a dormir esta noite. Depois de perder, quero dizer.

Eu o estudo um pouco, todo orgulhoso e bonito.

Arrogante.

Uma bola de demolição realmente.

— Ganhar é tão importante para você?

— Ganhar é tudo — Ele responde gravemente.

— E quanto ao espírito de equipe?

— Foda-se o espírito de equipe.

— E o amor pelo jogo?

Ele zomba. — Sim, a única coisa que amo é ser o melhor. *E meu Mustang*. Eu amo isso também.

Ah, seu *Mustang*.

Como eu esqueci disso?

A outra razão pela qual as pessoas o chamam de Mustang Selvagem é porque ele possui um. Um *Mustang*, o carro. Obviamente em branco, e dizem que ele adora.

É o seu bem mais precioso.

É por isso que uma vez, Ledger e os caras do campo Thorn cortaram seus pneus antes de um jogo importante, só para mexer com Reed, e tenho que admitir que não gostei disso.

Eu me senti mal por Reed.

Mas então descobri que Ledger fez isso em retaliação contra Reed dormir com uma garota de quem ele gostava, novamente antes de um grande jogo, para mexer com a cabeça de Ledger.

Então, sim, isso matou minha simpatia.

— Seu *Mustang* — Repito com uma voz monótona.

— Sim. Vai de zero a sessenta mais rápido do que uma garota pode se

despir. O que há para não amar?

Estou desapontada.

Eu não sei por quê.

Quero dizer, não é algo que eu não esperava.

Por anos, Ledger tem me dito a mesma coisa. Ele me diz que Reed não se importa com o time. Que Reed é egoísta. Ele só se importa consigo.

Conrad diz isso também.

É por isso que ele escolheu Ledger como capitão em vez de Reed. Mesmo que ambos sejam excelentes. Mesmo que Reed seja ainda melhor em algumas ocasiões.

Portanto, não tenho ideia de por que estou desapontada ao ouvir isso de sua própria boca, quando já sabia qual seria sua resposta.

Reed Roman Jackson é exatamente o que me disseram que ele seria.

Um vilão.

Suspirando, eu abaixo minha cabeça. — Estou indo embora.

Eu nem consigo dar um passo antes que ele diga: — Não tão rápido.

Minha cabeça se levanta. — O quê?

Como se isso não fosse chocante o suficiente, ele me interrompendo, ele decide me fazer hiperventilar começando a se aproximar de mim.

Até agora, mantivemos uma distância respeitável e confortável. Tipo quatro metros ou algo assim. Mas agora ele está diminuindo essa distância, um passo de cada vez.

Cada passo de suas pernas tem quase trinta centímetros de comprimento e faz com que os poderosos músculos de suas coxas fiquem salientes. Faz com que suas botas esmaguem ruidosamente as folhas.

Eu me pressiono contra a árvore enquanto o vejo se aproximar de mim. Enquanto eu o observo, observando-me.

Ele sabe que estou com medo.

Eu posso ver isso em suas feições.

Sua boca lindamente relaxada, as linhas de satisfação ao redor dos olhos.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto, meus dedos cavando na casca da árvore.

Ele para provavelmente a um braço de distância, tão sólido e imponente, enquanto pensa: — Presumo que seus irmãos não saibam que você está aqui.

Sua voz baixa me faz engolir. — Por quê?

— Apenas um palpite. — Ele inclina o queixo para mim, trazendo-nos um pouco mais perto, enquanto ele sorri, meio maldoso. — E também acho que eles não vão gostar do fato de você ter entrado no campo inimigo.

Não tenho certeza se é a proximidade dele ou o quê, mas acho que cada parte do corpo dele é perigosa. Suas maçãs do rosto em forma de lâmina poderiam cortar e seus dentes poderiam rasgar.

Seus dedos poderiam apertar e doer e ele poderia de alguma forma me fazer gostar de tudo isso.

Ele poderia me fazer *gostar* do jeito que ele me machuca.

Levanto o queixo, tentando parecer corajosa. — Você vai contar a eles?

Aqueles dentes afiados dele saem para brincar quando ele sorri novamente. — Agora esse é um pensamento interessante, não?

— Por favor, não — Eu deixo escapar antes que eu possa me impedir. — Como eu disse, eu estava saindo. Você não precisa dizer nada. Você poderia apenas... manter isso entre nós.

Excelente. Simplesmente ótimo, Callie.

Diga ao vilão que você quer que ele guarde um segredo.

Como esperado, seus olhos brilham.

Como se ele estivesse esperando que eu escorregasse.

Como se ele estivesse esperando que eu caísse em sua armadilha e só Deus pode me salvar agora.

Talvez nem mesmo Ele, porque quando ele fala em voz baixa e rouca, tenho que apertar minhas pernas enquanto suas palavras saem e ficam em algum lugar baixo, muito baixo no meu estômago.

— O que eu ganho em troca? Se eu mantiver — Ele inclina a cabeça para o lado. — entre nós.

Corra, digo a mim mesma.

Apenas, por favor, afaste-se dele e comece a correr.

Mas tudo o que faço é ficar aqui, olhando para ele, mesmo quando se torna difícil, mesmo quando isso estica meu pescoço porque ele é tão alto e grande.

Tão lindo que não sei mais onde procurar.

Também não sei como me impedir de perguntar: — O-o que você quer?

Isso é o que ele queria, não?

Sim, porque suas feições ficam quentes de satisfação antes que ele diga:

— Você.

— O quê?

Lentamente, aqueles olhos dele viajam até minhas sapatilhas brancas. — Ouvi dizer que você é uma bailarina.

Meu pé direito tenta subir para o esquerdo sob seu escrutínio. — Sim.

Ele levanta os olhos. — Então eu quero que você gire como uma.

— Desculpa?

Ele muda de posição, ficando maior de alguma forma, exalando o ar, enquanto explica: — Você gosta de dançar, não? Então eu quero que você dance. Para mim.

Eu pisco para ele.

Acho que ouvi errado. Ele não pode estar pedindo o que eu acho que ele está pedindo.

Só para ter certeza, eu questiono: — Você quer que eu dance para você?

— Sim.

— Em troca de você manter isso entre nós?

— Essa é a ideia.

Minha boca se abre. — Você é louco.

— Gostaria de pensar em mim como alguém que vê uma oportunidade e a agarra.

— Que oportunidade?

— Eu estava entediado e então uma bailarina caiu no meu colo. Uma boa também, pelo que ouvi. — Mais uma vez, ele me dá uma olhada. — Então, eu quero que você me entretenha.

Eu ignoro o rubor de prazer em seu elogio improvisado. Principalmente porque é *estranho* e seguido por uma demanda muito presunçosa.

E também porque, como eu disse, ele é louco.

— O que você acha que é isso? — Eu pergunto, exasperada. — Um filme dos anos 50 ou algo assim? Onde você é um vilão fumando charuto e me chantageia para dançar para você.

— Um vilão fumando charuto. — Ele está se divertindo. — Sou conhecido por fumar um cigarro aqui e ali e geralmente prefiro o termo idiota, mas gosto disso. Tem um certo charme.

— Eu não vou dançar para você.

— Bem, então vou gostar de ver Ledger perder a cabeça no próximo jogo

quando eu contar a ele como sua irmã estava bonita, parada diante de mim, me implorando para manter seu segredo.

Cerro os dentes com raiva.

Já disse que o odeio?

Eu realmente, realmente odeio.

— Tudo bem. *Tudo bem* — Eu digo para ele. — Eu vou dançar para você. Mas só por me obrigar a fazer isso, você também tem que se desculpar com meu irmão.

— Me desculpar.

— Sim. Você o provocou em campo hoje. Não sei o que você disse, mas vai se desculpar com ele na próxima vez.

Um *flash* de irritação aperta sua boca. — Só para você saber, eu não me dou bem com ordens.

Eu subo na ponta dos pés então.

Porque ele é tão alto e eu quero me levantar na cara dele, o que é claro que ele percebe, meus pés arqueados para cima e minhas panturrilhas tensas.

E algo em minha luta para parecer forte na frente dele torna seu olhar ainda mais derretido.

— Bem, você vai ter que começar — digo a ele — porque não vou dançar até que você me prometa.

Ele me observa em silêncio por alguns momentos antes de recuar.

E acho que acabou.

Eu desafiei seu blefe.

Mas então, ele tira algo do bolso de trás, seu celular, e aperta alguns botões na tela.

De repente a música, que era um som monótono ao fundo, ganha vida. O ar se enche de graves pesados e as pessoas na festa comemoram.

Ele comanda com uma voz rouca: — Faça isso valer.

Simples assim, ele desafiou *meu* blefe e eu deveria dançar para ele.

Como isso aconteceu? Como isso é a minha vida?

Quando acordei esta manhã, tudo o que queria fazer era terminar minhas aulas, ir para o jogo e voltar para casa para o cachecol que estou tricotando para Conrad.

Mas, de alguma forma, estou aqui, prestes a dançar para o rival do meu irmão.

Essa não é a pior parte.

O pior é que eu quero.

Eu *quero* dançar para ele.

Eu *tenho* vontade de dançar para ele desde que o vi jogar pela primeira vez, há três anos. Quando ele e Ledger entraram para o time.

Deus.

Estou tão envergonhada de admitir isso. Tão envergonhada.

Mas o fato é que a forma como ele joga futebol, a forma como se movimenta pelo campo, com graça e beleza e uma certa imprudência, me enche de música.

Sem falar que a música que ele colocou... é linda.

É uma mistura de hip hop e rock e quando a palavra *bailarina* flutua no ar, solto a árvore em que estava agarrada e dou um passo à frente.

Quando o cara da música me chama de *dele* – sua bailarina – parece que *ele* está me chamando assim.

O Mustang Selvagem que me pediu para dançar para ele.

E quando o cara continua contando como sua bailarina remexe seu corpo como uma stripper, eu tenho que lambar meus lábios secos e enxugar minhas mãos suadas no meu vestido.

Eu deveria estar ofendida – essa música cheira a sexo sujo e grosseiro –, mas não estou.

Eu nem estou nervosa.

Não há a menor hesitação em mim.

Meu corpo vibra de excitação, com estrelas cadentes, e quando fecho meus olhos por um segundo, vejo luz atrás de minhas pálpebras.

Mas não consigo ver nada em seu rosto.

É inexpressivo, contido.

Mas quando respiro fundo e levanto os braços, suas feições mudam.

Elas se tornam de alguma forma mais nítidas e esculpidas, mas também fluidas.

Acho que são seus lábios que se abrem levemente quando dou meu primeiro giro e seus olhos brilham como diamantes quando começo a balançar meus quadris no ritmo.

E depois disso minha ânsia de dançar para ele não conhece limites.

Estou morrendo, *morrendo* de vontade de girar para ele, balançar e me

mover.

Balançar meus quadris e morder meus lábios.

Olhá-lo em seus olhos de lobo que ficam alertas a cada salto e giro meu.

Mais no limite.

Na verdade, todo o seu corpo parece nervoso, até excitado.

Todo o seu corpo se move para me manter à vista enquanto eu o circulo.

Seus pés giram quando eu faço.

Seus punhos se fecham quando jogo meus braços no ar.

Sua boca se abre quando a minha respira de forma instável.

Deus.

Reed Roman Jackson está tão ansioso quanto eu.

Tão fascinado, e eu nunca o vi dessa maneira.

Nunca o vi *animado* por nada.

Saber disso, saber que o coração dele pode estar batendo tão rápido quanto o meu e que as gotas de suor em sua testa combinam com as gotas de suor na minha me deixa tonta.

Isso me deixa bêbada e drogada e tão excitada com sua atenção que quando a música aumenta e eu dou meu último giro, eu tropeço.

O mundo tomba e eu perco o equilíbrio. O chão parece ter desaparecido sob meus pés e não tenho escolha a não ser cair.

Ele me pega no último segundo, no entanto.

Seu braço envolve minha cintura e, em vez de cair no chão, eu me choco contra seu corpo. Minhas mãos pousam em suas costelas e meus dedos agarram seu moletom.

Mil pensamentos, mil sensações explodem em minha mente, mas a primeira que salta à tona é que é macio.

Seu moletom.

É a coisa mais macia, aconchegante e fofa que já toquei. Ainda mais do que os suéteres que tricotei para os meus irmãos.

O pensamento que se segue imediatamente é que não é de admirar que ele ame, seu moletom.

Não é de admirar que ele o use o tempo todo, porque tudo nele é duro, áspero e afiado.

Seu braço forte que está em volta da minha cintura. O poder em suas coxas que estão pressionadas contra o meu estômago.

Ofegante e olhando em seus olhos de animal, eu sussurro: — Eu sei que pode não importar, vindo de mim, mas... — Eu engulo, segurando seu moletom com mais força, meu cérebro nebuloso e minha língua vomitando palavras que não entendo. — Mas eu acho você incrível. N-no campo, quero dizer. Você é tão lindo, imprudente e selvagem, o jeito que você... joga. Não é de admirar que eles o chamem de Mustang Selvagem. Não é à toa que...

Eu paro, envergonhada.

O que diabos estou dizendo?

Por que estou contando isso a ele?

Eu não deveria. Estes são meus pensamentos particulares. Pensamentos *traidores* que eu nem deveria entreter.

— Não é à toa o quê? — Ele diz, seu braço forte e musculoso apertando minha cintura.

Não consigo impedir que as palavras saiam da minha boca. — Não é à toa que as garotas não parem de te observar.

Não é à toa que não consigo parar de te observar.

Um rubor cobre minhas bochechas assim que eu digo isso e eu abaixo meus olhos.

— Sim — diz ele.

Eu olho para cima. — O quê?

Ele aperta minha cintura novamente. — Importa. Vindo de você.

— Oh.

— E você não é uma princesa.

— Não sou?

Ele balança a cabeça lentamente, seus olhos são intensos e penetrantes. — Você é uma fada.

Eu lambo meus lábios e seus olhos de lobo queimam e eu abro minha boca formigando para dizer algo – não tenho certeza do que – quando há um grito.

— Jackson!

Meus olhos se arregalam com aquela voz e meus dedos em seu moletom apertam ainda mais.

Porque eu sei. Eu também conheço essa voz.

Pertence a alguém que conheço e a alguém que amo e a alguém que estou traindo completamente por estar aqui.

Meu irmão, Ledger.

Capítulo Quatro



Meu irmão esta aqui.

De alguma forma, ele me encontrou e estou envolvida com o cara que ele mais odeia.

O cara que deveria estar preocupado agora.

Muito, muito preocupado.

Mas ele não está.

Ele está passando os olhos pelo meu rosto como se estivesse memorizando antes de sorrir levemente e dar um passo para trás, facilmente saindo do meu alcance.

Meus dedos parecem vazios sem seu moletom, mas não tenho tempo para pensar nisso porque ouço Ledger novamente.

— Fique longe dela.

Com isso, eu finalmente recupero meu juízo e me viro para olhar para meu irmão.

Ele está investindo contra nós, a raiva brilhando em suas feições.

Como Reed, meu irmão é alto, não *tão* alto quanto Reed, e é musculoso e forte. Ele é um pouco mais largo nos ombros e no peito do que Reed, e com o jeito que ele está olhando para Reed, eu sinto que ele vai usar seu tamanho a seu favor.

Mas eu realmente gostaria que fosse isso.

Que a ameaça de Ledger praticamente destruindo Reed, que acredite ou não *ainda* não parece preocupado com isso, fosse a única ameaça a enfrentar.

Não é, no entanto.

Porque não tenho um, mas quatro irmãos e, de alguma forma, eles estão *todos* aqui.

Todos eles.

Como eles estão aqui? Como eles sabiam onde me encontrar?

Até os dois que deveriam estar na faculdade, Stellan e Shepard, os gêmeos.

Eles são idênticos um ao outro e também são altos – novamente, não tão altos quanto Reed – e desenvolvidos como Ledger, ligeiramente mais largos no peito e nos ombros.

O maior deles, porém, é meu irmão mais velho, Conrad.

Ele é o mais alto – definitivamente tão alto quanto Reed – e o mais largo também.

Ele não está atacando a cena como os outros três, mas caminhando com autoridade, com um propósito ainda mais assustador do que a pura raiva que irradia dos outros.

Isso é o que me faz entrar em ação e ficar na frente de Reed.

— Ledger, pare — digo, levantando meus braços.

Ele ainda está a alguns metros de nós e, ao ouvir minha voz, finalmente se concentra em mim. — Que porra você está fazendo? Afaste-se dele, Callie.

— Ledger, eu...

— Ele fez alguma coisa com você? — Ele cospe antes de olhar para o objeto de seu ódio, parado atrás de mim. — Por que diabos você estava atracada com ele? Diga-me que ele não tocou em você.

Eu balanço minha cabeça. — Não, ele não...

— Ou o quê? — Reed diz atrás de mim, sua voz uma mistura de diversão e provocação.

— Ou podemos transformar isso em uma das noites mais divertidas que já tivemos há algum tempo. — Esse é Shepard, que para ao lado de Ledger e dá de ombros casualmente.

— Diversão para nós. Apenas para sua informação. Não tenho certeza se seria divertido para você, mas, ainda assim. — Isso vem de Stellan – ele é o gêmeo mais sério – que vem para ficar ao lado de Shepard.

Não acredito que eles estão aqui, Stellan e Shep.

Eles deveriam estar em Nova York. Na Faculdade. Ninguém me disse que eles estavam voltando para casa neste fim de semana.

Deus, o que eles estão fazendo aqui?

Mesmo que estejam todos bem na minha frente, *ainda* não consigo acreditar que meus quatro irmãos mais velhos superprotetores de alguma forma descobriram que estou aqui.

Em vez de onde eu disse a eles que estaria.

Veja, isso é o que acontece quando você mente, Callie.

Sem mencionar que todos eles parecem intimidadores assim, formando uma parede de músculos e olhares sombrios.

Eles têm quase a mesma altura e constituição física e todos têm cabelos escuros e grossos e olhos castanhos, exceto Conrad.

Seu cabelo é loiro-escuro com algumas mechas douradas e seus olhos são azul-escuros.

Ele é o irmão de quem sou mais próxima na aparência e é o irmão de quem mais tenho medo. Talvez porque ele seja mais uma figura paterna do que um irmão mais velho.

Embora agora, eu tenha medo de cada um deles.

Não Reed, aparentemente.

Porque ele caminha mais perto deles, tornando assim a escassa proteção que eu estava dando a ele discutível. — Bem, então você veio ao lugar certo. E que comece a diversão.

E pelo que parece, a diversão definitivamente vai começar porque uma multidão se reuniu ao nosso redor.

Alguém desligou a música e a maioria das pessoas fez uma espécie de semicírculo ao nosso redor. Eles ainda estão distantes, mas definitivamente estão observando.

Excelente. Simplesmente ótimo.

Meus irmãos não se importam com isso.

As palavras arrogantes de Reed os fizeram franzir a testa e cada um deles deu um passo ameaçador em direção a ele.

Exceto Conrad.

Conrad, que está um pouco mais longe do resto dos meus irmãos, diz: — Callie, venha aqui.

Respiro pesadamente, olhando dos meus três irmãos prontos para lutar para o meu mais velho. — Con, por favor. Ele não fez nada.

— Callie.

— Ele não...

— Venha pra cá.

Eu estremeço e começo a caminhar em direção a ele. E assim que eu faço, o resto dos meus irmãos muda e meio que faz um limite de seus corpos, uma linha entre mim e o resto do mundo, *ele* mais especificamente, em uma demonstração muito óbvia de proteção.

Assim que chego a Conrad, digo a ele: — Por favor, Con. Ele não fez nada. Eu juro...

— Você mentiu — diz ele.

Não alto ou amargamente ou com raiva.

Ele diz isso de uma maneira prática e meu coração se contorce.

Não é como se eu nunca tivesse mentido para meus irmãos. Claro que sim, mas isso é algo grande. Uma coisa séria. Eu sei disso.

Como eu disse, eles só têm uma regra: eles precisam saber onde estou o tempo todo. Então eles sabem que estou segura.

Eles me dão tudo o que eu peço.

Mesmo que possam ser controladores e dominadores – como evidenciado por esta exibição – eles tentam ser razoáveis. Eles tentam entender de onde eu venho. Eles respeitam minha liberdade.

Então eu estou errada aqui.

— Sinto muito — Sussurro.

O peito de Conrad se expande com uma respiração e, em vez de raiva, há decepção.

— Vamos para casa.

Olho para meus três irmãos zangados, que ainda parecem prontos para lutar, e me viro para Conrad. — Eu sinto muito. Me desculpe por ter mentido. Por favor, diga-lhes para não lutarem. E-ele não fez nada.

Com isso, eu vejo a raiva ir embora.

Eu vejo suas feições ficando mais sérias. — Vamos.

— Mas Con...

— Nem uma palavra agora.

Eu fecho minha boca.

Então, olhando por cima dos meus ombros, Conrad grita: — Apenas um. Não mais.

Não sei o que isso significa ou com qual irmão ele está falando.

Até que ouço um baque e um rangido. E suspiros altos e murmúrios da multidão.

Nesse ponto, eu me viro e vejo que Ledger deu um soco no rosto de Reed, e Reed está limpando a boca com as costas da mão, de alguma forma com seu sorriso ainda no lugar.

E ele está *sangrando*.

Oh, Deus.

Apesar de tudo tento ir até ele, mas Con agarra meu braço, me impedindo.

Felizmente, porém, há alguém aqui que se preocupa com ele.

Sua irmã, Tempest.

Ela se afasta da multidão e corre para seu irmão, que por sua vez faz a mesma coisa que meus irmãos estão fazendo comigo: ele franze a testa para ela antes de dar um passo na frente dela como se dissesse que o mundo terá que passar por cima dele para chegar até ela.

Meu coração aperta novamente com essa demonstração fraternal de proteção, todo esse outro lado de Reed Roman Jackson.

E estou envergonhada que sua irmã esteja testemunhando todo esse ódio, mas pelo menos ela está aqui para ele. Além disso, agora ela *realmente* sabe o quão ruim é a rusga entre meus irmãos e o dela.

Quando nossos olhos se chocam, eu murmuro, *desculpe*.

Ela sorri tristemente e sussurra *minha culpa*.

Bem, na verdade não.

Quero dizer, ela não colocou uma arma na minha cabeça para me trazer aqui. Ela insistiu e eu concordei. Eu poderia ter dito não e evitado todo esse desastre.

Mas aparentemente não.

De qualquer forma, meus irmãos não ficam satisfeitos com um soco. Porque todos os três dão um passo em direção a ele, mas Con põe um fim nisso.

— Já chega. Vamos.

Eles odeiam, claro.

Mas eles não o desobedecem.

Por hábito, eu acho.

Ele não é apenas minha figura paterna, é deles também.

Ele é a única pessoa que ficou por nós. Que nos protegeu e nos amou, lutou para nos manter juntos e ser nosso guardião.

Ele é a razão pela qual ainda somos uma família.

Então, eles recuam e eu solto um suspiro de alívio.

Mas quando chega a hora de ir embora, eu olho para *ele*.

Eu olho para Reed.

Tenho evitado olhar para ele diretamente. Eu só lancei olhares de

passagem desde que meus irmãos chegaram aqui – ainda não sei como – e eles me pegaram em seus braços.

Mas agora eu olho para ele.

Apenas para descobrir que ele está olhando para mim.

Que seus olhos de lobo refletem e brilham tanto quanto seu lábio cortado que está sangrando.

Não sei o que vejo em seu olhar, mas o que quer que seja faz meu coração girar no peito. Faz correr e bater e apertar.

É isso, não é?

Eu nunca vou vê-lo novamente.

Bem, eu o verei na escola, mas nunca o *verei* como esta noite. Ou falar com ele ou ficar perto dele ou tocar em seu moletom.

Eu nunca vou dançar para ele também.

Eu mordo meu lábio com o pensamento.

O pensamento *maldito*.

Eu não deveria querer, de qualquer maneira, mas eu quero.

Eu quero e...

— Ei, Ledger!

Pela segunda vez esta noite, Reed me tira o fôlego quando ele chama, desta vez o meu irmão, enquanto ainda mantém os olhos em mim.

Ledger, que começou a se afastar, para e se vira para encará-lo.

Reed não está mais sozinho. Junto com Tempest – que está olhando para Ledger com grandes olhos cinzentos – outros da multidão se juntam a ele agora.

E eu fecho minhas mãos ao meu lado enquanto espero e desejo e rezo para que isso não saia do controle.

— Sinto muito — diz Reed, apontando o queixo para ele.

— Pelo quê, porra?

— Por você ter perdido esta noite. — Então — Mesmo que você merecesse.

Ao meu redor, meus irmãos fervem e eu observo alguns dos jogadores do campo Mustang rirem.

Mas Ledger ainda obedece à regra de Conrad e simplesmente mostra o dedo para ele antes de se virar e se afastar.

Mas não consigo me mexer.

Porque Reed voltou a olhar para mim.

Seus olhos de lobo se concentram em mim por alguns segundos antes de fazer uma varredura final do meu corpo e, em seguida, desviar o olhar enquanto ele é engolido pela multidão.

E percebo que ele cumpriu sua promessa, não?

Aquela que eu o forcei a fazer antes de dançar para ele.

Ele pediu desculpas ao meu irmão.



Foi alguém da festa que contou.

Alguém da festa que mandou uma mensagem para outra pessoa. Que por sua vez mandou uma mensagem para outra pessoa e foi assim que Ledger recebeu a notícia sobre onde eu estava.

Ele tentou me ligar primeiro.

Para confirmar, eu acho. Porque ele me deu o benefício da dúvida, mas quando eu não atendi e quando a amiga que eu usei como álibi disse a ele que nunca mais me viu depois que as aulas terminaram ontem, ele ficou puto.

Acho que Conrad veio para acalmar Ledger e controlar a situação se ela saísse do controle. Ele testemunhou muitas dessas situações ao longo dos anos em que treinou os dois.

E quando meus outros dois irmãos, que estavam tentando nos surpreender com uma visita de fim de semana, descobriram onde eu estava, eles vieram caso Ledger precisasse de reforços.

Pelo menos é o que estou supondo de experiências passadas – Ledger é o irmão mais novo e, como eles são comigo, nossos irmãos mais velhos também o protegem. Não que eles contassem a ele ou que Ledger gostasse disso, já que ele cresceu e tudo, mas, ainda assim.

De qualquer forma, eles nunca me disseram por que ou o quê, exceto como descobriram onde eu estava.

Eles nunca me disseram nada, na verdade.

Ontem à noite, quando tentei dizer algo assim que chegamos em casa, eles também não deixaram.

Con me disse para ir dormir um pouco e o resto deles simplesmente se

dispersou sem conversar comigo.

Agora é de manhã e eles ainda não estão falando.

Con está trancado em seu escritório e todos sabemos que não devemos incomodá-lo quando está trabalhando. Uma das regras básicas que ele estabeleceu para nós quando saiu da faculdade para voltar e assumir tudo.

O resto dos meus irmãos, não tenho ideia.

Eles não estão em casa.

Então, estou aqui em cima no meu quarto, tentando fazer meu dever de casa antes da aula de balé à tarde.

Mas, *ugh*, não consigo me concentrar.

Eles nem me deixam pedir desculpas a eles. Eles nem vão falar comigo. Eles não vão mesmo...

Há uma batida na porta e eu me endireito; estou na minha cama com meus livros espalhados na minha frente, mas agora eu os fecho, cruzo as pernas e digo: — Sim?

A porta se abre e vejo Con.

Ele está com uma leve carranca na testa quando diz, meio rudemente: — Ei.

— Ei — digo ansiosamente.

— Você tem um segundo?

— Sim. Sim, claro.

Eu digo isso com ainda mais entusiasmo e meu irmão mais velho, que é tão alto que tem que curvar ligeiramente os ombros para entrar no meu quarto, entra.

Sem querer, minha mente vai até *ele*.

Minha mente vai para o fato de que ele é tão alto quanto, não?

Ele também teria que curvar seus ombros de montanha para entrar no meu quarto de infância?

Deus, Callie. Agora não.

Estou pronta para submeter meus pensamentos estúpidos, mas não preciso. Eles desaparecem por conta própria porque, assim que Con entra e se afasta da porta, vejo o resto dos meus irmãos.

Eles estavam pairando atrás dele e um por um, eles entram também.

Primeiro Stellan, que quase teve que se abaixar, mas não exatamente. Então Shepard, que entra com uma leve careta no rosto porque acha que meu

quarto é rosa demais para sua masculinidade e, finalmente, o irmão mais próximo de mim em idade e, portanto, sempre foi meu melhor amigo, Ledger.

Levam alguns segundos para se posicionarem no meu quarto e, por experiência própria, já sei onde vão parar antes mesmo de fazê-lo.

Ledger está encostado na minha mesa, localizada perto da porta branca. Shepard, o mais barulhento, arrasta minha cadeira da escrivaninha, gira-a e senta-se com os braços apoiados no encosto.

Stellan vai para a minha janela do outro lado do quarto. É a razão pela qual ele faz isso é porque Con vai se sentar na poltrona ao lado dela, o que ele faz um segundo depois, e Stellan é o braço direito de Con.

Talvez porque Stellan seja o segundo mais velho – três minutos mais velho que seu irmão gêmeo Shepard – e por isso Con sempre confiou mais nele. Mesmo que Stellan e Shepard sejam oito anos mais novos que Con.

Quando todos estão situados e ainda não estão falando, abro minha boca para me desculpar, mas noto Shep dando uma cotovelada em Ledger e, como se acordasse, Ledger murmura: — Certo.

Ele traz algo de trás dele e oferece para mim.

É uma caixa rosa-bebê gigante com uma fita de cetim rosa enrolada e, apesar de tudo, meus braços disparam para agarrá-la.

No topo, em um tom mais escuro de rosa, está escrito *Buttery Blossoms*.

É minha padaria *favorita* na cidade e eles têm os melhores cupcakes de todos os tempos.

Na verdade, eu até tenho uma foto dele, meu cupcake favorito de lá – Flor de Manteiga de Amendoim – colado na minha parede.

Na verdade, tenho fotos de todas as minhas coisas favoritas coladas na parede. Meus recitais de balé, minhas sapatilhas de ponta, Bardstown High.

Animada, olho para Ledger e depois para todos os meus irmãos. — Vocês me compraram cupcakes?

Ledger dá de ombros. — Sim.

Shep também dá de ombros. — Eles são seus favoritos.

— E você não tem o suficiente deles, então — Acrescenta Ledger.

Isso é verdade, eu não tenho.

Principalmente porque sou bailarina e tenho que cuidar do meu peso. Vida saudável e alimentação saudável e tudo isso, mas, oh, meu Deus, eu tenho um vício gigante nisso.

É tóxico, mas não me importo.

Abraço a caixa, sentindo meu coração cheio. — Foi lá que vocês foram esta manhã? Porque eu estava procurando por todos vocês.

Shep é o primeiro a responder com as mãos no ar. — Eu não vou colocar os pés naquela loja rosa. Sob nenhuma circunstância, então não. Fui ver alguém.

Antes que eu possa responder, Ledger revira os olhos. — Com isso, ele quer dizer Amy.

Meus olhos se arregalam. — Vocês estão juntos novamente?

Amy é a namorada intermitente de Shep desde o colégio e eu *realmente* gosto dela. Ela adora dançar e tricotar, assim como eu, e eu adoraria vê-los juntos.

Mas Shep é um idiota e terminou com ela quando saiu para a faculdade, três anos atrás.

Sempre me sinto mal quando a vejo pela cidade; ela ainda é tão apaixonada por ele.

— Caralho, não — diz Shep.

— Por que não? Ela é incrível, Shep. Eu realmente gosto dela.

— Nunca disse que não gosto dela. — Ele sorri então. — Eu gosto dela. Gosto muito.

— Sim, ela e aquela banheira de hidromassagem no quintal dela. — Risadinhas de Ledger.

O sorriso de Shep só aumenta. — Ah, sim, definitivamente. Tem *sprays* de jato, cara. Você não pode competir com isso. Essa banheira quente pode fazer coisas que você nem imagina, irmãozinho.

— Oh, eu posso imaginar. Eu posso imaginar muito. — Ledger chuta de brincadeira as pernas da cadeira em que Shep está sentado. — Na verdade, eu compreendi isso na semana passada com a irmãzinha dela, Jessica.

Shep então se vira para Ledger. — Sério? Você e...

Mas antes que ele possa continuar, eu grito: — Ui, nojento. Vocês dois.

Ao mesmo tempo, Stellan fala: — Já chega. Tudo bem? Você pode compartilhar suas gloriosas histórias de guerra mais tarde.

Ugh.

Eles vivem competindo.

Às vezes acho que é por isso que eles odeiam tanto Reed. Porque eles

sabem que ele é exatamente como eles.

Ledger e Shep calam a boca e antes que alguém possa dizer mais alguma coisa e desviar a conversa novamente, pergunto: — Por que vocês estão me dando cupcakes?

Ledger observa Stellan e Con. — Porque você é nossa irmã.

Ficando sério, Shepard concorda. — E nós amamos você.

— Também respeitamos você — diz Ledger.

— E suas escolhas. — Shep é o próximo.

— Também sua independência — Acrescenta Ledger, fazendo-me pensar que eles memorizaram suas falas.

Shepard prova que estou certa no segundo seguinte. — Sim, nós respeitamos isso também. — Então, franzindo a testa, ele inclina a cabeça para Stellan. — Espera, é isso mesmo? Respeitamos sua independência. — Olhando para mim, ele explica: — *Stella* aqui disse algo esta manhã que passou totalmente pela minha cabeça.

Ledger ri novamente de *Stella*, tenho certeza.

É minha culpa realmente.

Quando eu era criança, não sabia dizer Stellan, então o chamava de Stella e, bem, pegou. E agora, toda vez que Shep quer irritar Stellan, ele o chama de Stella.

Eu olho para Stellan desculpando-me, que está observando Shep com um olhar vazio.

— Você gosta do seu rosto, não?

Shepard ri porque eles são gêmeos idênticos. — Mas não em você.

— Sim, continue falando e eu vou reorganizar isso para você. — Ele olha para Ledger, que ainda está rindo. — O seu também.

Quando os mais travessos dos meus irmãos, Shep e Ledger, ficam quietos novamente – não felizmente – Stellan fala, olhando para mim.

— Olha, o que esses idiotas estão tentando dizer é que agimos como grandes idiotas na noite passada. Não deveríamos ter invadido, como um exército ou algo assim. Mas você nos assustou, certo? Não é típico de você mentir e pensamos que algo aconteceu. Nós pensamos...

Ledger explode então, como se estivesse segurando tudo por dentro. — Nós pensamos que ele fez alguma coisa, OK? Achamos que você precisava de nossa ajuda. — Ele balança a cabeça com raiva. — Você precisava de nós

para resgatá-la dele e... — Ele fica quieto por um segundo antes de dizer: — Você precisa ter cuidado.

— Eu sei e eu tenho. E...

— Não... você precisa ter muito cuidado. *Mesmo*.

— Tudo bem — digo, franzindo a testa para o tom grave de Ledger. — Eu tenho.

— Você não entende. — Ele suspira fortemente. — A questão é... Caralho. A questão é que ele é atraente. Boa aparência, bonito, tanto faz. Não mais do que eu, mas, ainda assim.

— O quê? — Estou tão confusa.

Shepard bufa.

Os lábios de Stellan também se contraem.

— Sim, e também, Calls, nosso irmão mais novo quer dizer que tem uma queda por ele — Shep acrescenta com as sobrancelhas levantadas.

Stellan ri enquanto Ledger golpeia a cabeça de Shep. — Caralho, cara. Estou tentando explicar algo.

— Não há necessidade. Nós entendemos — diz Shepard, acertando Ledger no estômago com o cotovelo.

— O que estou tentando dizer é que ele tira vantagem disso — Continua Ledger em voz alta, esfregando a barriga. — De sua aparência. As garotas ficam estúpidas quando se trata dele e ele usa a estupidez delas contra elas. E você é minha irmã. Ele é obrigado a mexer com você. Porque ele é inteligente o suficiente para saber que vou vencer esta temporada. Como na temporada passada. Então, você precisa ficar longe dele, Callie. Ele é um idiota do caralho, certo?

Eu mordo meu lábio quando finalmente consigo minha deixa para me desculpar. — Eu sei e sinto muito. Não quero estragar seu jogo e...

— Não se trata de rivalidade no futebol.

Essa é a voz de Conrad.

Ele está sentado em seu lugar, quieto até agora, deixando o resto deles conversar e brincar. Mas acho que sua paciência está se esgotando agora, porque ele fixa Shep e Ledger com um olhar duro antes de se virar para mim e se inclinar para a frente, colocando os cotovelos nas coxas.

— Eu aguento muito. Eu *tolerei* muito ao longo dos anos. Rebeliões, fases, birras. Mas não vou tolerar mentiras que envolvam sua segurança.

Ele faz uma pausa para que suas palavras tenham efeito, e elas têm.

Porque ele tem.

Tolerado, quero dizer. Muito.

Obviamente de Shepard e Ledger, que são os mais rebeldes do grupo. Todas as vezes que Shepard foi suspenso da escola por pregar uma peça ou ficar com garotas nos armários da escola. Todas as vezes que Ledger teve problemas com sua raiva. Até Stellan teve seus momentos, não tão frequentes ou severos quanto os outros dois, mas teve.

E depois veio eu.

Eu sou uma garota.

Uma espécie totalmente diferente para meus irmãos entenderem, mas eles fizeram o possível.

Especialmente Conrad.

Todas as vezes que chorei por causa do balé e por não ser boa o suficiente. Como, embora eu ame balé, não me dava tempo suficiente para fazer amigos e por isso sempre fui excluída de festas do pijama divertidas e festas do chá. Assim, todos os meus irmãos me entretinham em casa, brincavam comigo, tomavam chá imaginário comigo.

Sem mencionar todas as coisas pelas quais uma garota passa.

Isso Conrad nunca pensou antes, mas teve que fazer porque não tínhamos mais ninguém a quem recorrer.

Absorventes higiênicos, sutiãs, hormônios e conversas sérias sobre puberdade e sexo.

Então, ele *tem* tolerado muito.

E odeio ter mentido para ele.

— Podemos ter caído em cima de você com mais força do que pensávamos — Ele continua, seu sério olhar azul-escuro em mim. — Mas foi porque estávamos preocupados. Como disse Stellan, não é típico de você mentir e gostaria de pensar que lhe dei liberdade suficiente para que você não *precise* mentir.

— Eu sei, Con — digo, arrependida. — Você deu. Eu estava com medo de que você ficasse bravo se eu dissesse que estava indo para a festa dele e...

— Foda-se, sim, estaríamos — Ledger me interrompe.

Con olha para ele. — Ledger.

Ledger se acalma então e Con se vira para mim. — A razão pela qual não

queremos que você vá à festa dele ou a qualquer lugar perto dele não é por causa de alguma rivalidade inútil e desnecessária no futebol. Não é sobre um jogo. É porque Reed Jackson é um *punk*.

A mandíbula de Con aperta e treme por alguns segundos, como se ele não conseguisse nem falar sobre Reed. Ele não suporta nem dizer seu nome na minha frente.

— Ele é um *punk* rico que só se importa consigo mesmo. Eu o conheço e conheço caras como ele. Caras como ele são egoístas, indignos de confiança e imprudentes. Caras como ele não se importam com regras ou pessoas. Eles só se preocupam com eles mesmos. Caras como ele não conseguem lidar com responsabilidades. Eles partem sem ao menos olhar para o que estão deixando para trás.

Não sei por que, mas parece que Con está falando por experiência própria, mas antes que eu possa perguntar a ele, ele continua: — Então, a razão pela qual queremos que você fique longe dele é porque ele não é bom para você. Ele não é digno de você. Ele não te merece. Você entende o que estou te dizendo, Callie? Ele não é o cara para você. Você precisa ficar longe dele porque merece mais e porque é inteligente. Você é mais esperta do que o resto das garotas, que são vítimas dele.

Capítulo Cinco



Estou fugindo dele.

Bem, não exatamente.

Não é como se ele estivesse me perseguindo ou algo assim. Ele não está.

Na verdade, se você olhar para ele passeando pelos corredores, sendo adorado por garotos e garotas, você pensaria que a noite de sexta-feira nunca aconteceu.

Que eu nunca fui à festa dele. Ele nunca me pegou tentando sair fora. E eu nunca dancei para ele.

A única evidência daquela noite é aquele desagradável lábio rachado e o hematoma em sua mandíbula.

Mesmo depois de quatro dias, parece tão evidente e vermelho quanto deve ter sido quando Ledger o derrubou.

Toda vez que vejo, meu coração se contorce no peito.

Minhas pernas coçam para ir até ele e tocá-lo. Tocar nele.

Mas eu não posso.

É por isso que estou correndo.

No segundo em que o vejo, me viro e saio, o que geralmente fazia, de qualquer maneira, mas hoje em dia sou implacável. Se ele entrar na minha linha de visão, abaixo a cabeça. No segundo em que começo a pensar nele, desligo tudo.

Além disso, não é como se *ele* estivesse pensando em mim.

Como eu disse, olhando para ele, você nem saberia que a noite de sexta-feira aconteceu.

Sem falar que tem garotas cuidando do hematoma dele. Na verdade, eu vi uma garota do primeiro ano acariciando-o no pátio hoje.

Acho que ela até estendeu a mão e o beijou. Não tenho certeza. Não esperei para ver o que ela faria depois de ficar na ponta dos pés.

Então, sim, preciso seguir em frente e considerar a noite de sexta-feira uma anomalia e focar no que é importante.

O próximo show de dança no qual eu sou a protagonista.

Sim, eu sou.

Eu nem sei como isso aconteceu. Porque eu sou uma caloura e eles nunca escolhem um calouro. Eles geralmente vão para um terceiro ou quarto anista.

Na verdade, estou muito orgulhosa.

Se ao menos isso não fosse tão difícil.

Quero dizer, é uma rotina bastante fácil. A dança em si é uma mistura de balé clássico e coreografia contemporânea. Não há nada aqui que eu não tenha feito antes.

Mas.

Não consigo definir a última parte. Estou tendo problemas para manter as posições, com as panturrilhas firmes, com os dedos dos pés suportando meu peso.

Então, basicamente, estou tendo problemas com tudo e só quero desistir e chorar.

Quero dizer, que tipo de bailarina eu sou se não consigo fazer meus dedos dos pés cooperarem comigo?

Uma péssima.

A escola já terminou há horas, mas estou no auditório, tentando acertar.

Eu não consigo.

Porque eu estou cansada agora. Meus membros estão exaustos e eu quero ir para casa e simplesmente mergulhar em uma banheira por horas, limpar os arranhões nos dedos dos pés, enfaixar meu tornozelo e tomar um balde cheio de analgésicos.

Então, eu arrumo minhas coisas, desligo o aparelho de som e o levo para o almoxarifado localizado nos bastidores. Abrindo a porta, acendo a luz e coloco o equipamento pesado em uma das prateleiras do outro lado.

No momento em que o faço, porém, ouço algo, um rangido e um passo, um clique, e giro já sabendo – *esperando* – quem seria.

E eu estou certa.

É ele.

Ele está encostado na porta agora fechada do almoxarifado, seus olhos cinzentos grudados em mim. E apenas ao vê-lo, ao ver que meu desejo secreto e perigoso se tornou realidade, paro de respirar.

Eu não preciso respirar porque a euforia está explodindo em minhas veias

como fogos de artifício.

Ele está aqui.

Aqui. Finalmente.

Meu coração dispara como se estivesse esperando e aguardando que ele viesse me encontrar.

Mesmo que eu tenha feito todos os esforços para ficar longe dele e correr.

Mesmo que as palavras que saem da minha boca sejam exatamente o oposto do que estou sentindo. — V-você não pode estar aqui.

Bom.

Bom, isso é inteligente.

Isso é o que eu deveria dizer a ele.

Ele é um cara mau, lembra?

Não importa o que eu sinto.

Nem faz sentido eu sentir essas coisas.

Em resposta, Reed muda de posição e se acomoda ainda mais contra a porta como se não tivesse planos de ir a lugar nenhum. — Mesmo, por que não?

— Porque Ledger está aqui — digo a ele, meus próprios pés fazendo o que têm feito nos últimos dias, ansiosa para ir até ele assim que o vir.

Mas eu enterro meus pés no chão e os paro.

— E?

Deus.

Por que isso é tão atraente? Sua atitude imprudente, temerária e *quebradora de regras*.

Talvez porque eu nunca tenha quebrado uma regra.

Talvez porque nunca *vi* ninguém quebrar uma regra com tão pouco cuidado onde as repercussões são tão terríveis, também conhecidas como apanhar dos meus irmãos.

Levo meus braços para trás e agarro a prateleira atrás de mim. Só assim eu vou ficar parada. Mesmo que esteja ficando cada vez mais difícil fazer isso.

— Ele está na biblioteca, esperando que eu termine para me levar para casa. E não posso me atrasar. Não depois... — Eu paro, olhando para o hematoma, ainda tão fresco e vermelho, alojado no lado esquerdo de sua mandíbula.

Sua mandíbula sombreada por uma leve barba por fazer que ele deve

odiar.

Sob o meu olhar, ele a toca. — Noite de sexta-feira.

Ele lembra...

Como uma tola, penso nisso primeiro.

Não importa se ele se lembra ou não.

O que importa é que ele precisa sair.

Assentindo, eu sussurro: — Sim.

— Então eles estão de olho em você.

Não eles.

Como eu disse, meus irmãos me deram toda a liberdade. Eles sempre confiaram em mim.

Sou eu.

Estou tentando compensar a sexta-feira passada.

Depois de como todos eles vieram se desculpar e me trazer cupcakes, estou fazendo isso para compensar a mentira.

Pode ser demais para algumas garotas – adolescentes mentem, certo? – e eu entendo isso.

Mas essas garotas não têm irmãos incríveis como os meus. Elas não compartilham um vínculo único com seus irmãos como eu.

Eu balanço minha cabeça. — Sou eu. Eu menti para eles.

Ele cantarola pensativo. — E se viu nas garras de um vilão.

Meu coração dá um salto quando ele diz isso, o termo que usei para ele naquela noite.

E é um termo perfeito também.

Ele parece um vilão. Um vilão maravilhoso.

Com lindos olhos de lobo e pele de mármore. Uma mandíbula tão afiada e maçãs do rosto tão altas. Ombros largos e um peito enorme que se afunila em uma cintura fina.

Cada parte de seu corpo parece grande e ameaçadora.

Mesmo aquele hematoma aumenta seu perigo.

— Você deveria ir — digo a ele, sem fôlego.

— Mas aqui está você, não está? Em minhas garras novamente — Ele murmura, ignorando completamente minha declaração.

Eu estou.

Eu também não tenho escapatória. Olho para a porta atrás dele, o que,

acredite ou não, é difícil porque ele está cobrindo tudo com seu corpo imponente.

— Por que a porta está trancada? — Pergunto.

— Você tem fugido de mim — diz ele.

— Não estou — Minto, me perguntando como ele sabe quando está muito ocupado com sua vida incrível.

— E eu não vou deixar você fugir de mim novamente.

Suas palavras pairam no ar ameaçadoramente e eu pergunto: — Não vai *deixar*?

— Sim.

Eu franzo a testa para ele. — Isso não é... criminoso?

— É?

Eu expiro bruscamente. — É, sim. Você não pode trancar uma garota em um armário contra a vontade dela. Só porque você não quer que ela fuja.

Algo como diversão passa por suas feições. — Certo. Acho que ouvi falar de algo assim.

— Você...

— Mas também, não acho que a estou segurando contra a vontade dela. Estou?

Eu engulo e agarro a borda da prateleira com força. — Por que eu não grito e você descobre se é contra a minha vontade ou não?

Isso só o faz sorrir. — Por que você não grita? Vamos ver se chega ao seu irmão e ele vem te salvar. — Ele flexiona o punho ao seu lado. — Eu adoraria dar a ele uma contusão combinando como a da última sexta-feira.

Meu coração salta. — Você não faria isso.

— Não?

— Não. Porque... Porque você se desculpou com ele naquela noite — Eu o lembro, tentando conter os arrepios ao pensar nele mantendo aquela promessa para mim. — Você manteve sua promessa.

— E isso significa o quê?

— Significa que talvez você não seja tão ruim quanto dizem.

— É, não. Sou exatamente tão ruim quanto dizem que sou. — Ele abre as mãos como num gesto magnânimo. — Eu ficaria feliz em mostrar a você, se você quiser. Tudo o que você precisa fazer é gritar.

Eu o estudo por um longo e cuidadoso momento antes de dizer: — Como

você sabia que eu estava aqui?

— Eu vi você dançando pela janela — diz ele.

— Viu? — Eu pergunto, surpresa.

— Uh-huh. — Seus olhos ficam aquecidos, e toda a minha ira parece estar prestes a derreter. — Você estava girando. Tão rápido. E eu parei.

— Por quê?

Ele lambe os lábios e me lembro de como ele parecia animado naquela noite quando dancei para ele.

Quando ele me chamou de fada.

Deus.

Deus.

Ele me chamou assim, não?

Tenho tentado não pensar nisso. Não pensar em suas palavras, as palavras que ninguém jamais me disse antes.

Fada.

— Porque aparentemente quando você gira, eu paro. Quando você dança, eu tenho que assistir — Ele diz em voz baixa, um pouco rouca.

E de repente me sinto da mesma maneira. Como fiz naquela noite.

Toda quente e inquieta. Meus membros zumbindo.

— Eu estraguei — digo.

Ele franze a testa. — O quê?

Não tenho certeza se devo contar isso a ele. Mas eu vou.

Não sei por que, mas tenho que dizer a verdade a ele.

Então, engolindo em seco, sussurro: — Meus passos. Eu não consigo fazer isso. Quer dizer, eu posso. Mas estou estragando tudo.

Sua carranca só aumenta. — Alguém te disse isso?

Eu balanço minha cabeça. — Não. Todo mundo tem sido super gentil até agora. Mas e-eu devo manter essa pose, um *developpé écarté devant*, no final por oito contagens antes de cair de joelhos, mas só consegui fazer isso por quatro ou algo assim. E mesmo assim, minhas panturrilhas tremiam, e você sabe o quão grande é esse crime? Não ser capaz de manter-se reta e imóvel. Um crime muito grande. Imenso.

É.

E se eles não me expulsarem, eu simplesmente desistirei porque isso é uma vergonha.

Por alguma razão, seus lábios se contraem. — Acho que ninguém notaria quanto tempo você ficou na ponta dos pés.

Eu estreito meus olhos para ele, em sua diversão. — Por que não?

— Porque eles ficarão muito distraídos ao ver você de joelhos. — Ele inclina o queixo para mim. — Especialmente nisso.

De repente, percebo que estou fantasiada.

Estou usando isso há três horas e esqueci completamente. Esqueci completamente que esta é a primeira vez que Reed está me vendo nisso.

Um collant branco e um tutu verde-claro.

Sem falar que também tenho asas.

Elas são pesadas – embora depois de usá-las por tanto tempo, meus ombros tenham ficado dormentes, então não sinto mais seu peso – e feitas de pelo branco. Elas estão penduradas sobre meus ombros com cordas brancas semelhantes a fitas e farfalham em minha coluna e braços.

Como uma fada...

Eu tenho usado collants e tutus toda a minha vida, então, até que ele me olhe de cima a baixo, não percebo o quão revelador pode ser.

Como a fantasia é apertada e como ela se encaixa em mim como uma segunda pele. Como destaca cada músculo ágil, cada osso delicado do meu corpo.

Como estou exposta.

Ainda mais do que eu estava na floresta.

E antes que eu possa me conter, digo: — É o meu tutu.

Quando ele levanta os olhos de volta para o meu rosto, eles são os mais escuros que eu já vi.

Líquido e ardente.

— Sim? — Ele murmura em um tom quase indulgente.

Eu trago minhas mãos trêmulas para a frente e traço o tecido com babados. — É como uma saia.

— E esses?

Ele aponta para os meus pés e eu olho para baixo. — Uh, são chamados de sapatilhas de ponta. — Eu rio enquanto olho para cima. — Sabe, as pessoas dizem que as bailarinas têm os pés mais feios. São todos inchados, machucados, cortados e...

— As pessoas são estúpidas.

— Mas...

Eu paro de falar porque algo o faz se mover.

Não sei o que é, mas ele se endireita e me pergunto quais são as chances de ele ficar parado onde está, perto da porta, quando começa a caminhar em minha direção.

Não é um espaço grande, então, quando reúno meu juízo para perguntar o que diabos ele está fazendo, ele já está aqui.

Já está me tocando.

Não eu, por si.

Ele está tocando minhas asas. Ou uma delas, na verdade.

De pé sobre mim como uma ameaça ou algo assim, uma deliciosa e linda ameaça em um moletom branco e uma contusão pulsante, Reed estende a mão e roça um dedo ao longo da borda da minha asa. Loucamente, minha coluna se arqueia com o toque. Como se ele estivesse tocando minha pele em vez de minha asa falsa.

Seus olhos caem para o meu corpo curvado e se ele não podia ver a forma dele antes, com certeza pode ver agora.

Ele pode ver os ossos das minhas costelas, a cavidade do meu estômago. Meus seios muito pequenos, mas salientes.

— Para que servem essas asas? — Ele pergunta, trazendo seus olhos até os meus.

— P-para o meu personagem.

— Que personagem é esse?

— Eu sou uma fada.

De alguma forma, seus olhos ficam aquecidos, mesmo quando um leve sorriso torto surge em seus lábios. — Então eu estava certo, hein?

— Eu...

Ele esfrega o pelo entre os dedos enquanto continua: — Você é uma fada. Você dança como uma fada. — Seus olhos passam pelo meu rosto, meu coque. — Você parece uma também.

Perco o fôlego por um segundo.

Eu também perco meus batimentos cardíacos. Meus pensamentos racionais.

Essa é a única explicação de por que minhas pernas se estendem e eu me aproximo dele. — Mas eu sou uma fada estúpida.

— Como assim?

— Porque eu me apaixono pelo meu inimigo. Na dança.

— Seu inimigo.

— Sim, um humano. Ele deveria caçar fadas.

— E quanto a ele? — Ele pergunta, seus dedos ainda brincando com minha asa e seus olhos indo e vindo entre os meus. — Ele também se apaixona por você?

— Sim. — Engulo em seco, meus próprios dedos agarrando meu tutu. — Ou acho que sim. Mas ele está mentindo.

— Por quê?

— Porque ele está me usando. Ele quer me prender e me trazer de volta para sua família. Eu deveria ser sua primeira caçada.

— Que idiota do caralho.

— Todo mundo me avisa sobre ele. Todas as minhas amigas fadas e minha família. Mas eu não os ouço. Acho que ele é um herói.

— Mas ele não é, é?

— Não, ele é o vilão da minha história.

Um fogo arde em seus olhos, quente e tão vívido que me queima. — Sim, eu sei algo sobre vilões.

Meu coração torce no meu peito por algum motivo. — O nome dele é Romeu.

— Romeu.

— Sim. Na dança.

— E você deve ser Julieta então.

Eu concordo. — Na verdade, sou Julieta. Meu nome. Calliope Juliet Thorne.

— Calliope Juliet Thorne — Ele repete em sua voz rica e profunda.

Também suave.

E parece que, em vez de puxar as bordas da minha asa, ele está girando nas pontas dos meus nervos com seus dedos longos. E ele está fazendo isso em algum lugar na parte inferior das minhas costas, de modo que minha coluna se curva ainda mais para ele.

Ele aprecia meus esforços também.

Ele corre os olhos sobre o meu corpo esticado mais uma vez.

— E você é Reed Roman Jackson.

— Você sabe meu nome, hein?

— Não é segredo. Seu nome completo. As meninas cantam com bastante frequência. Como uma oração.

Ele sorri. — Elas o fazem?

— Sim — Respondo, um pouco irritada. — Elas também te chamam de Romeu.

Seus olhos se estreitam. — O quê?

Eu concordo. — Porque todo mundo sabe que Roman é apenas outra versão de Romeu.

— Sim, besteira.

É a minha vez de sorrir de sua irritação. — Tudo bem. Elas fazem isso com amor. Mas você deve ter cuidado.

— Do quê?

— De chegar perto de mim. — Eu levanto minhas sobrancelhas. — Eu sou Julieta, lembra? Nossos nomes são trágicos. Shakespearianos. Damos azar juntos. Então, talvez você não devesse me trancar em um almoxarifado e, em vez disso, deveria ficar longe de mim.

— Ou o quê?

Eu olho seu hematoma. — Ou você será espancado pelos meus irmãos.

— Eu disse a você que posso me cuidar.

— Você sabe...

— Além disso, o que Shakespeare sabe?

— O que, Shakespeare sabe tudo.

— Mesmo?

— Sim.

Ele inclina a cabeça para o lado enquanto diz: — Bem, que tal fazermos algo sobre isso?

— Fazer algo sobre o quê?

— Nossos nomes.

— O quê?

Em vez de me dar uma explicação, Reed desvia os olhos do meu rosto e se concentra em minhas asas. Minhas asas de pelo branco que de repente estão ficando muito pesadas e muito leves ao mesmo tempo.

— Que tal eu te chamar pelo nome que eu dei e você me dar um? — Ele pergunta com a voz rouca.

— Seu nome.

— Fada — Ele murmura, seus olhos voltando para o meu rosto e me queimando viva novamente. — Eu posso te chamar de Fada.

Eu engulo.

Fada.

Ele quer me chamar de Fada.

Eu não... não sei o que dizer.

Então, eu apenas repito suas palavras. — Você quer me chamar de Fada.

Em vez de me responder, porém, ele percorre seus olhos de lobo sobre o meu rosto mais uma vez antes de recuar e afastar seu toque.

— Vejo você por aí, Fae.

Com isso ele começa a sair.

Como se ele não apenas obliterasse minha respiração, meu equilíbrio com aquela única palavra.

Fae.

Um segundo depois, porém, ele para e tira algo do bolso. Mantendo os olhos em mim, no meu corpo trêmulo e arfante, ele o coloca na prateleira ao seu lado.

— Quase esqueci disso — diz ele. — É para você.

É difícil desviar meus olhos dos seus, penetrantes, mas quero saber o que ele me trouxe. É um envelope, roxo e bonito, parecendo deslocado neste armário escuro.

— O que é? — Eu pergunto, olhando para ele.

— Um convite.

— Para quê?

— Uma festa.

— Você está me convidando para uma festa?

— Não. — Ele explica: — Minha irmã está. É o aniversário de Pest neste fim de semana. Ela queria que eu desse a você. Eu sou apenas o mensageiro.

Finalmente ele vai embora, e desta vez não olha para trás.

Tempest.

Irmã dele.

A garota que conheci no jogo na semana passada e que me arrastou para a festa dele.

Estive pensando nela, imaginando se a veria de novo. Eu realmente gostei

dela.

E agora, enquanto seu irmão está destrancando a porta e saindo, estou pensando no fato de que ele a chama de Pest. E como ele veio aqui para cumprir as ordens dela, para me fazer o convite, o que tenho certeza de que ela deve ter enchido o saco dele até que ele cedeu.

E, Deus, eu tenho que ir até ele agora.

Agarrando o envelope e segurando-o em minhas mãos, corro atrás dele.

Ele está quase na beira do palco, e eu chamo — Roman.

Ele para então.

Lentamente, ele se vira e olha para mim.

Eu sei que deveria deixá-lo ir. Eu sei que não deveria tê-lo impedido.

Eu sei que fazer isso é tolice. E talvez eu seja isso.

Tola.

Mas eu não me importo.

Olhando em seus olhos penetrantes, eu abraço o envelope no meu peito e digo: — Se você me chamar de Fae, então, eu posso chamá-lo de Roman.

Capítulo Seis



Tempest e eu somos incríveis amigas agora.

Melhores amigas mesmo.

Não demorou muito para nos tornarmos isso. Na verdade, acho que nos tornamos boas amigas assim que nos conhecemos no jogo. Mas nossa amizade foi selada na festa de aniversário dela.

A que fiz questão de comparecer e que não foi uma coisa fácil de fazer.

Eu sabia que não seria.

Eu sabia que meus irmãos iriam surtar. Já ir àquela festa criou tanto drama e agora eu queria ir em outra.

Mas eu iria e não ia mentir sobre isso.

Então eu disse a eles e, bem, não foi bem.

Definitivamente não com Ledger, que continuou resmungando sobre isso durante toda a semana, andando de um lado para o outro e xingando.

Tivemos quatro reuniões familiares sobre isso. *Quatro*.

As reuniões familiares são uma tradição em nossa casa.

Conrad estabeleceu isso há muito tempo, sempre que há algo que pode ser importante – desde onde ir de férias durante o verão ou Ledger comprar uma nova caminhonete, até mudar o macarrão de trigo integral para macarrão de espinafre – todos nós temos uma palavra a dizer.

Acho que é a maneira dele de manter todos nós informados e funcionando como uma família.

Então, durante toda a semana, antes da festa, houve longas discussões durante o jantar em que Ledger apenas xingava e dizia não a tudo. Stellan, que se juntaria a nós por telefone, tentaria argumentar com ele e dizer-lhe que não sou criança e pelo menos não menti, como da última vez.

Enquanto Shep, novamente ao telefone, fazia piadas estúpidas o tempo todo ao lado de Ledger.

Até Conrad acabar com tudo e declarar que Ledger iria comigo.

— Não é que eu não confie em você. Eu não confio onde você está indo.

Então, se você quiser ir, Ledge irá com você.

Isso pareceu satisfazer a todos os meus irmãos e foi assim que fui à festa de aniversário de Tempest, com Ledger – e alguns de seus amigos, que ele convidou sem nem me avisar – como meus guarda-costas.

O que foi bom.

Quero dizer, foi um exagero, mas eu entendi a lógica de Ledger. A festa estaria cheia de gente do campo Mustang e ele queria alguns de seus amigos lá.

Eu estava feliz por ir e sair com Tempest, que também estava feliz em me ver.

Juntas, fizemos todos os esforços para esquecer o fato de que nossos irmãos e seus respectivos amigos estavam se encarando em cada lado da sala. Ou que as tensões estavam aumentando.

Em algum momento da noite, nossos irmãos fizeram um pacto: irmãs estão fora dos limites.

O que significa que eles continuariam a lutar e brigar um com o outro, mas nenhum deles tinha permissão de enfiar as irmãs no meio. Então, Reed não podia me usar para provocar meu irmão, e Ledger não podia usar Tempest para provocar Reed.

Por mais estranho que fosse esse pacto, foi um alívio.

Porque eu acho que Tempest gosta do meu irmão idiota e não quero que ela seja usada em nome da estúpida rivalidade deles.

Se um pacto a mantém segura, então, sou totalmente a favor.

Além disso, eu quero ser amiga dela.

E desde sua festa de aniversário, Tempest vem de Nova York todo fim de semana para ficar comigo em minha casa e ela sempre procura maneiras de falar com Ledger.

Que sempre procura maneiras de evitá-la porque ela é uma Jackson.

E ele odeia todos os Jacksons.

Especialmente aquele com o nome de Reed Roman Jackson.

Ou apenas Roman.

Não que eu tenha tido a chance de chamá-lo assim depois da primeira vez.

Porque enquanto Tempest está tentando de tudo para provocar Ledger, seu irmão está tentando de tudo para cumprir o pacto.

Sim.

Quem teria pensado que Reed seria tão bom em cumprir promessas?

Na escola, ele cuida de seus negócios normais.

E por negócios, quero dizer que ele sempre tem garotas ao seu redor. Ele está sempre cercado por seus amigos que também são os mais barulhentos de todos, atraindo todo tipo de atenção. Nos treinos e nos jogos, ele provoca meu irmão e meu irmão retalia e vice-versa. Eles ficam em lados opostos dos corredores e do refeitório, como sempre fizeram.

Acima de tudo, ele me ignora como sempre fez.

Ele passa por mim no corredor sem me olhar. Se acontecer de nos encontrarmos no mesmo lugar ao mesmo tempo, ele dificilmente saberá que estou lá. Na verdade, quando vou à casa dele para ver Tempest, como ela vem à minha para me visitar, ele nunca está lá.

Eu sei que isso não deveria me incomodar, mas incomoda.

Essa é a única razão pela qual estou deixando Tempest fazer isso.

Ela colocou na cabeça que eu sou perfeita para o irmão dela.

Já disse a ela um milhão de vezes que não sou. O irmão dela nem está interessado em namoradas. Sem mencionar que meus irmãos – Ledger especificamente – o matariam se eu me envolvesse com ele. Mas ela não ouviu e, até agora, eu rejeitei todas as suas ideias para me aproximar de Reed.

Até hoje.

Quero dizer, este não é um plano para me aproximar de seu irmão em si. O irmão dela nem está em casa; estou na casa de Tempest neste sábado à tarde.

É um plano para me dar mais confiança em minha própria pele. Para me fazer pensar que também posso ser sexy.

Como todas as namoradas ou garotas dele.

Que de alguma forma são mestres em olhos esfumados e maquiagem sensual. Além disso, todas elas têm cabelos escuros e sensuais, ao contrário das minhas estúpidas madeixas loiras de boa menina.

Não, não pense nisso, Callie. Isso é sobre empoderamento feminino. Isso é sobre você, não ele!

De qualquer forma, estou usando um dos vestidos de Tempest. Um minivestido preto que também é sem alças, que vai no meio da coxa, junto com seus saltos. Além de tudo isso, ela fez minha maquiagem e enrolou meu cabelo loiro.

Apesar de tudo, eu acho que pareço sexy.

Depois que Tempest me veste como uma boneca, nos aventuramos a ir ao shopping assim. Eu estava feliz em ficar em casa e descansar toda arrumada, mas ela diz que, se eu quero confiança, preciso sair e buscá-la eu mesma.

E eu entendo.

Porque os caras estão olhando de soslaio para mim, para nós, desde que saímos de casa. E é ótimo no começo, mas com o passar do tempo, começo a ficar cansada.

Meus pés começam a me matar e depois de puxar meu vestido um milhão de vezes, acho que não gosto muito disso.

Toda essa atenção indesejada e caras olhando para minha bunda tão abertamente.

Digo a Tempest que quero ir para casa e relaxar e então ela chama seu motorista para vir nos buscar.

É uma coisa boa porque acho que não consigo mais andar com esses sapatos.

Só que minha felicidade dura pouco porque em vez de um motorista, o irmão dela aparece em um *flash* branco, seu *Mustang*.

Ele dá uma olhada em nós duas e seus olhos de lobo ficam furiosos quando ele rosna: — Entra.

O que nós fazemos.

Tempest e eu estamos no banco de trás enquanto Reed dirige em um silêncio fervente. Quando capto o olhar de Tempest no interior escuro do carro, ela pisca para mim alegremente e é assim que eu sei.

É assim que eu sei que ela nunca ligou para o motorista. Ela ligou para *ele*.

Aquela *enervante*... ex-amiga.

Porque não somos mais amigas. Ela mentiu para mim.

Além disso, assim que chegamos à casa grande e espaçosa dela, ela pula do carro com um feliz adeus lançado para mim.

Embora seu irmão não a deixe ir tão facilmente.

— Direto para o seu quarto — Ele rosna de novo, as únicas palavras que ele fala depois de seu comando *entra*. — Agora. E coloque uma porra de roupa, vamos ter uma conversa.

Seus ombros caem e ela murmura algo antes de se virar para mim,

piscando e saindo correndo, deixando-me sozinha com ele.

Oh, meu Deus.

Oh, meu *Deus*, eu vou matá-la. Eu vou matá-la agora.

Na verdade, eu vou *matá-lo*.

Por ser tão... autoritário e grosseiro.

Só que ele também me dá vontade de esfregar as pernas em inquietação quando fala assim, com sua voz profunda de comando.

Mas, de qualquer forma.

Abro a porta e pulo para fora, totalmente pronta para ir atrás de Tempest e fazê-la pagar por isso. Mas não vou muito longe. Na verdade, nem consigo dar mais do que alguns passos para longe de seu *Mustang* porque algo me impede.

Ou alguém.

Como ele saiu do carro e veio para o meu lado tão rápido, eu não sei. Tudo o que sei é que não posso ir a lugar nenhum enquanto ele estiver diante de mim.

Ou melhor, desde que ele esteja me colocando de ré em seu carro.

Assim que minha coluna atinge o metal frio, estremeço e as palavras saem de mim.

— Me deixa ir.

Ele não deixa.

Francamente, eu não esperava que ele o fizesse.

Mas também não esperava que ele se inclinasse para frente. Eu não esperava que ele colocasse o braço no teto do carro, ao meu lado, efetivamente me impedindo de sair.

Embora eu devesse. Esperar, quero dizer.

Se ele pode me trancar em um almoxarifado para que eu não fuja dele, ele pode fazer qualquer coisa.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto.

Em resposta, ele corre os olhos por todo o meu corpo, lenta, metodicamente, como se estivesse fazendo questão antes de levantá-los de volta para o meu rosto. — Olhando para você.

Mais uma vez, sinto vontade de esfregar minhas coxas juntas em seu tom baixo e aquecido. — Por quê?

— Porque é isso que você quer, não? Você quer que eu olhe para você.

— Eu não — Minto.

Quando eu me tornei tão mentirosa?

Eu pensei que era uma boa menina.

Ele sabe que estou mentindo também porque um sorriso irrompe em sua boca vermelho-rubi em forma de meia-lua. Só que tem um lado perigoso, uma qualidade sem humor. — Sim, você quer. Por que mais você estaria vestindo algo assim? Algo que... — Ele me olha de cima a baixo novamente, um olhar superficial e ainda demorado. — Deixa muito pouco para a minha imaginação.

Minha imaginação.

Até parece.

Eu coloco minhas mãos suadas em seu *Mustang* para que meu equilíbrio não vacile.

— Isso é extremamente arrogante da sua parte, não acha? Assumir isso. Que eu usaria algo só para chamar *sua* atenção.

Não importa que eu fiz. Quero dizer, subconscientemente.

OK, talvez um *pouco* conscientemente, mas tanto faz.

Ele abaixa o queixo de maneira condescendente. — Mas é verdade, não é?

Em resposta, levanto o meu, só para parecer desafiadora. — Não, não é. E este é um vestido perfeitamente normal.

— É?

— Sim.

Não tenho certeza do que está acontecendo esta noite, mas tudo o que estou dizendo o deixa cada vez mais furioso.

E nada disso é remotamente incômodo para mim.

Nem mesmo quando ele se inclina mais para baixo, sacudindo o carro atrás de mim e trazendo seus olhos de lobo, dos quais não consigo desviar o olhar, ainda mais perto.

— Porque eu não acho que um vestido perfeitamente normal destacaria cada curva do seu corpo de bailarina — diz ele com os dentes cerrados. — Será? Ou que quando você está nele, seus seios empinados estariam perigosamente perto de sair. E o mundo inteiro poderia ver as curvas de sua bunda firme e succulenta.

Por alguns segundos depois que ele termina de falar, não consigo

acreditar nas coisas que ele disse.

Por alguns segundos, simplesmente pisco para ele.

Nunca ouvi ninguém falar sobre meu corpo em termos tão gráficos e depreciativos. Porque é tudo depreciativo, não é?

Eu deveria dar um tapa na cara dele. Deveria.

Eu não deveria sentir uma pressão no peito que deixa meus mamilos em pontos doloridos ou me mexer nos pés apenas para esfregar minha bunda contra seu *Mustang*.

E o fato de que ele pode me fazer sentir e fazer todas essas coisas inadequadas, nada respeitáveis e *ruins* me faz dizer: — Você é um idiota.

Com a minha maldição – que foi tão fácil para mim, perigosamente fácil quando se trata dele – ele se encolhe um pouco antes de ficar ainda mais furioso.

— Eu sou. E caso seus quatro irmãos mais velhos e superprotetores tenham esquecido de mencionar isso a você, idiotas como eu não seguem as regras. Idiotas como eu pegam o que querem, quando querem. E provavelmente sou o pior de todos.

Minha respiração está descontrolada, então minhas próximas palavras saem agudas e sem fôlego. — O que isso significa?

— *Significa...* — Ele faz uma pausa para levantar o outro braço também, colocando-o no teto de seu *Mustang* e fazendo uma gaiola em volta de mim. — Que eu sou o tipo de idiota que mantém seus irmãos acordados à noite. Eu sou a razão pela qual garotas como você têm toque de recolher. Eu sou a razão pela qual sua mãe senta você em seu quarto e avisa sobre os meninos. Ela diz a você como eles podem ser podres, o quão corruptos. Como eles vão mentir e trapacear e fazer qualquer coisa para enfiar as mãos sob o seu vestido. Eu sou a razão pela qual seu pai tranca sua porta à noite. E ele coloca você em um quarto no último andar para que ninguém possa entrar. Ele tranca suas janelas. Ele fica de guarda do lado de fora da sua porta na esperança de que eu ainda encontre uma maneira de entrar. E eu encontro, porra. Você sabe como?

— C-como?

Ele sacode o carro de novo, me fazendo cambalear, desequilibrando meu mundo.

— Porque eu sou o tipo de idiota que arrombaria qualquer porta. Eu escalaria mil andares. Eu escalaria a porra de uma torre. Só para poder entrar

no seu quarto à noite. Só para poder te ver. E aposto que você usa aquelas camisolas brancas rendadas, não?

— Sim, às vezes.

— Sim, eu desmontaria todas as barras da sua janela. Eu iria para a guerra com todos os seus quatro irmãos só para poder ver você em uma dessas. Só para poder dar uma olhada em suas pernas cremosas de dançarina em algo assim. Só para ver se consigo vislumbrar alguma outra coisa também, em sua fina camisola branca. — Ele se inclina mais um centímetro enquanto continua: — Você não quer que eu faça isso, quer? Você não quer que eu force minha entrada em seu quarto à noite, enquanto seus irmãos estão dormindo em algum lugar no corredor só para que eu possa olhar para você, para seu corpinho firme, em sua camisola branca.

Eu quero.

Quero muito.

Quero que ele force a entrada no meu quarto só para poder olhar para mim.

E assim que esse pensamento passa pela minha mente, balanço a cabeça. — Não.

— Sim. Porque, convenhamos, eu dou uma espiada em você naquela coisa e não vou conseguir me impedir de ir longe demais.

— Longe demais.

Seus olhos estão brilhando agora. — Sim, eu dou uma espiada em sua camisola, farei tudo o que puder para tocá-la. Para, de alguma forma, empurrar a bainha para cima de suas coxas ou puxar as alças para baixo de seus ombros, apenas para que eu possa colocar minhas mãos em seu corpo nu. Mas, novamente, você não quer que eu faça isso, não é, Fae?

Oh, Deus.

Como é que me sinto aliviada e inquieta por ele me chamar assim? Como é que eu estive esperando e esperando que ele me chamasse por esse nome mais uma vez?

É uma maravilha que eu ainda possa balançar a cabeça e dizer o que ele quer que eu diga quando tudo que eu quero dizer é sim. Sim, Sim, Sim.

— Não — Sussurro e arqueio meu corpo, para cima e em direção a ele como se estivesse oferecendo a ele para tocá-lo.

— Sim, foi o que pensei. E por que não? — Ele pergunta, as tiras de seu

moletom oscilando na minha frente em um ritmo hipnótico. — Diga-me por que você não quer que eu toque em você, apalpe seu maldito corpo como o vilão que eu sou.

Não me lembro.

Não consigo me lembrar de nada agora.

Mas acho que tudo isso está tão arraigado no meu cérebro que nem preciso pensar nisso, na rivalidade, no futebol e no ódio. Meus lábios se movem por conta própria.

— Por causa dos meus irmãos.

Satisfação explode em suas feições, mesmo quando sua mandíbula aperta por um segundo. — Você não gostaria de traí-los agora, não é?

— Não.

Quantas vezes eu disse não agora, eu me pergunto?

E quantas vezes eu quis dizer sim?

Eu sou uma idiota.

Idiota, idiota, idiota.

Mas ele torna isso tão fácil. Ele torna tão fácil ser estúpida, imprudente e inconsequente.

Ele torna tão fácil ser tola.

— Bom. — Ele aprova com um breve aceno de cabeça. — Então você vai ter cuidado agora, não vai? Você vai usar seus vestidos frescos e suas sapatilhas. Você vai trançar o cabelo como uma boa menina e vai parar de implorar pela minha atenção. Você vai *parar* de me fazer olhar para você.

Suas palavras, quase rosnadas de sua boca e pingando em condescendência, penetram em minha mente drogada e me fazem franzir a testa. Elas me fazem ficar um pouco mais alta em meus saltos estúpidos quando ele se afasta de mim.

E eu digo a ele com tanta autoridade quanto posso reunir agora: — Então você tem que parar de me observar.

Reed estava dando outro passo para trás e me dispensando. Mas minhas palavras o detêm. Elas o fazem franzir a testa. — O quê?

Ótimo.

Estou feliz.

Se ele pode me dar ultimatoss, também posso dar.

Eu levanto meu queixo trêmulo e digo: — Você tem que parar de vir ao

meu ensaio todos os dias.

Porque é isso que ele faz.

Ele vem ao meu ensaio mais tarde e me observa dançar.

Todos os dias depois da escola, quando treino no auditório porque ainda não tenho uma prática definida, ele vem.

Ele se senta na terceira fila, não muito longe do palco e nem muito perto. Eu não sei por quê. E ele me observa girar, virar e pular pelo palco com minhas asas nas costas.

Ele me observa como fez na primeira noite da festa.

Todo ansioso e intenso e na ponta da cadeira.

E eu danço para ele da mesma forma também. Toda inquieta e entusiasmada.

Depois do pacto, fiquei com medo que ele parasse. Eu estava com medo de que ele não me visse mais dançar. Mas ele não o fez, e graças a Deus por isso.

Porque, de alguma forma, fiquei viciada em dançar para ele.

De alguma forma, fiquei viciada na maneira como ele olha para mim. Viciada na forma como seus ombros parecem relaxar quanto mais eu danço. Como ele se recosta e se esparrama no banco como se esta fosse a melhor parte do dia dele, eu dançando para ele.

Então, às vezes eu danço para ele só porque ele quer.

Abandono meu ensaio, escolho uma música que amo e giro para ele como a bailarina que sou.

Sua bailarina.

Mas é estúpido, não é? E perigoso.

Ele tem razão.

Ele é o pior idiota de todos, o maior vilão sobre o qual meus irmãos me alertaram.

E não posso trair meus irmãos – Ledger – não importa o que meu coração continue me dizendo.

Portanto, este é o melhor curso de ação, ficar longe como sempre fizemos.

— E por que isso? — Ele desafia.

Eu pressiono minhas mãos com mais força no *Mustang*. — Porque você está certo. Isso é estúpido. Eu nunca deveria ter usado esse vestido *estúpido*.

Sim, tudo aconteceu por causa desse maldito vestido estúpido.

Se eu não estivesse usando isso, então estaria seguramente escondida dentro do quarto de Tempest, assistindo algo bobo em seu laptop em vez de ficar aqui com esses saltos tortuosos sob seu escrutínio torturante.

— Por que você fez isso?

— Porque eu queria ver como seria sentir... — Eu paro quando percebo o que eu ia dizer.

Claro, ele se concentra nisso e suas feições ficam alertas. — Sentir o quê?

Bem, eu fui estúpida o suficiente para trazer isso à tona, não fui?

Eu posso ser estúpida, estúpida, *estúpida* o suficiente para terminar também.

O que eu tenho a perder, afinal?

Agarro o vestido e me estico no salto alto. — Eu queria ver como era ser sexy. Ser tentadora por um dia. Sentir como todas as meninas da escola. Todas as garotas com quem você sai.

Pronto. Eu disse.

Acabou. Minha humilhação está completa.

Posso ir para casa agora e nunca mais voltar aqui, para a casa dele?

— Você queria se sentir como as garotas com quem eu saio.

Ah, ainda não está completa. Minha humilhação.

Certo.

Que seja. Eu posso lidar com isso.

— Sim. — Eu suspiro. — Eu queria me sentir sexy e confiante e, sei lá, não apenas como uma boa garota o tempo todo. Mas eu *sou* uma boa garota, não sou? Porque eu odeio este vestido. E odeio esses saltos e odeio você também. Então, de agora em diante, não vou dançar para você e você não pode vir me assistir como se fosse seu direito ou algo assim. Não sou para seu entretenimento pessoal, OK?

Então, eu jogo minhas mãos no ar e disparo: — Na verdade, de agora em diante, você deveria convidar uma de suas namoradas para dançar para você. Tenho certeza de que elas ficarão felizes em atender a todos os seus caprichos, como sempre. Então, há mais alguma coisa que você precise me dizer, porque eu gostaria de sair agora.

Ele me observa e me encara com uma expressão inescrutável até eu começar a me sentir um show de horrores por ter agido daquele jeito.

Mas ele mereceu, não?

Ele...

— Elas não são minhas namoradas — Ele murmura depois de um tempo.

Algo sobre sua resposta casual me irrita ainda mais, e eu disparo: — Sim, e elas sabem disso?

— Elas sabem, sim. — Ele dá de ombros, mas há uma intensidade selvagem em seu rosto, em seu corpo também, parecendo tenso e contido. — Comigo, elas sempre sabem. Eu não tenho namoradas.

— E por quê? Por que você é tão especial que não tem namoradas?

— Porque não. Não é meu estilo. Eu não acredito em amor e essas merdas.

É claro.

Um cara típico. Tenho quatro irmãos e dois deles agem exatamente como ele; eu sei.

Eles são iguais.

Selvagens e indomáveis.

E não sei por que ele está me observando como se estivesse realizando algum tipo de experimento. — Bem, então, como eu disse, você deveria pedir para suas outras garotas dançarem para você e me deixar em paz.

Seu escrutínio ainda não acabou.

Não por mais cinco ou seis segundos, e então: — Parece que você está com ciúmes, Fae.

Eu suspiro. Quase.

Como ele ousa?

Que porra de atrevimento é esse?

Eu me mexo em meus saltos estúpidos novamente.

— Você saberia, não é? — Eu levanto minhas sobrancelhas. — Porque você parecia estar com ciúmes quando pensou que o mundo estava olhando para minha *bunda* suculenta e apertada, *Roman*.

É a vez dele de piscar.

Não que isso o faça parecer intimidado por mim ou algo assim.

Na verdade, sou eu quem perde todo o ar dos pulmões porque estava morrendo, *morrendo* de vontade de chamá-lo assim. E dizer isso, deixando escapar, me faz tropeçar nos calcanhares.

Ele está apenas surpreso, eu acho.

Não pelo que eu disse, mas pelo que ele diz a seguir, quase para si

mesmo, como se estivesse surpreso com isso. — Eu estava.

— Você estava?

Ele olha em meus olhos arregalados e chocados. — Sim. E eu não gosto disso.

— De estar com ciúmes?

— Sim.

Sua carranca é tão... adorável. É uma palavra tão mansa para um cara como ele, que é feito de arestas afiadas e perigosas.

Mas é o que sinto agora.

Que ele é tão vulnerável e adorável neste momento com sua honestidade e então eu tenho que ser honesta também. — N-nem eu.

Ele abre e fecha os punhos como se não conseguisse decidir o que quer fazer com os dedos. Ele não consegue decidir o que quer fazer em uma situação como esta e mal posso esperar para ver o que ele *fará*.

Então, com uma respiração aguda que empurra seu peito enorme, ele se torna ele mesmo.

Ele se torna sombrio em suas intenções e perigoso em sua beleza.

Ele me olha de cima a baixo com seu jeito vilão antes de dar alguns passos para mais perto de mim e eu dou alguns passos para trás.

— Então, que tal eu te fazer outra promessa? — Ele oferece como o diabo que é.

— Que promessa? — Eu pergunto, olhando para ele.

Mas não por muito tempo porque bem na frente dos meus olhos, ele faz algo incrível.

Ele faz algo que eu nunca imaginei que ele faria.

Bem na frente dos meus olhos, Reed Roman Jackson lentamente se ajoelha.

A visão disso é tão chocante que minha mão se estende sozinha e agarra seu ombro. Seu moletom.

— Eu não sei... o que você está fazendo — Sussurro, olhando em seus olhos, que estão no mesmo nível dos meus.

Porque ele é tão, tão alto.

Sua resposta é sorrir torto e agarrar meu tornozelo.

Antes que eu possa dizer uma palavra, ele tira meu sapato e me devolve o fôlego. Quando ele vai para o outro e me traz de volta à terra, tirando os dez

centímetros a mais de minha altura, quero abraçá-lo.

Eu nem me importo que agora ele alcance o topo da minha cabeça facilmente.

Eu nem me importo que a grande diferença em nossos tamanhos me faça parecer totalmente indefesa na frente dele.

— Me fala sobre sua promessa — Sussurro, colocando minha outra mão em seu ombro também e segurando seu moletom com capuz.

Seu olhar se torna líquido. — Você tira esse vestido e trança o cabelo.

— E?

Seus dedos ainda circulam meu tornozelo, apertando. — E você dança só para mim.

— O que eu receberia em troca?

— E, em troca, não vou convidar nenhuma outra garota para dançar para mim. — Outro aperto no meu tornozelo e eu mordo meu lábio. — Só você.

Só eu.

Ele só disse isso.

E talvez não seja exatamente o que uma garota espera ouvir de um cara. Não é uma declaração nem nada. Apenas uma pequena promessa. E por enquanto, parece o suficiente. Parece o suficiente para me fazer sorrir e mexer os dedos dos pés livres no chão, de felicidade.

Parece suficiente que eu me aproxime dele e meus pés descalços roçam seus joelhos dobrados. — Com uma condição.

— Qual?

Atrevo-me a tocar nas pontas de seus cabelos escuros; eles são tão macios e sedosos quanto seu moletom. — Ouvi dizer que você ama seu *Mustang*.

Seus olhos se estreitam em suspeita. — Amo.

Eu também quero tocar sua barba por fazer, aquela coisa que aparece todas as noites para incomodá-lo, mas não sou tão ousada, então me contento em brincar com seus cabelos macios, suaves.

— As pessoas dizem que ela é seu bebê.

Suas mãos vão para a minha cintura. — Ela é.

Prendo a respiração com a facilidade com que ele pode abranger meu torso esbelto. — Eu quero que você me dê uma carona.

Ele cava seus polegares na carne macia do meu estômago. — Carona para onde?

Nem preciso pensar na resposta, e ainda bem, porque todos os meus pensamentos se foram, exceto aquele.

Ele está me tocando de forma tão possessiva, como um escultor toca sua criação, talvez, com autoridade, com um senso de propriedade. — De volta àquela floresta onde foi a festa naquela noite.

Ele estuda meu rosto por alguns segundos. — Você quer que eu te leve de volta para a floresta.

— Sim.

— Sozinho? À noite.

Eu assinto, mordendo meu lábio.

— O que você acha que seus quatro irmãos mais velhos e superprotetores diriam sobre isso? Sobre eu quebrar o pacto.

Oh, certo.

O pacto estúpido.

— Não direi nada a eles. Nunca — Eu prometo, tão facilmente caindo em sua armadilha.

— Você não vai.

— Não. E meu toque de recolher é só às onze.

Isso traz um sorriso malicioso em seu rosto e o faz me agarrar com mais força, como se ele nunca fosse me deixar escapar agora. — Toque de recolher.

Eu o agarro com mais força porque também não estou fugindo.

Eu não sei quando isso aconteceu, mas eu me tornei imprudente agora.

Uma garota que usa vestidos provocantes para um vilão e pede que ele a leve para a floresta à noite.

— Uh-huh. — Concordo. — Você pode me trazer de volta aqui antes disso e ninguém jamais saberá.

— Você está me pedindo para manter outro segredo, Fae? — Ele murmura, parecendo todo selvagem e perverso. — Porque você sabe meu preço, não?

— Sim. E eu vou dar a você.

— Você vai, hein.

— Sim, eu vou dançar para você. Pelo tempo que você quiser.

Porque eu sou sua Fae, a Bailarina Fada, e ele é meu Roman, o Mustang Selvagem.

Capítulo Sete



Imagino-me contando aos meus irmãos sobre ele.

Sobre Roman.

Eu sonho acordada com todas as coisas que vou dizer a eles. Vou começar com o quão incrível ele é com Tempest. Isso é algo com o qual meus irmãos definitivamente se identificarão, sendo ele um irmão mais velho e superprotetor como eles.

Vou contar a eles que no mês passado, quando Tempest ficou muito doente e ligou para Reed, ele abandonou as aulas e o treino do dia e dirigiu até a cidade de Nova York. Ele discutiu com os professores, até mesmo com o diretor, e a tirou do dormitório em uma hora. Ele a trouxe de volta para casa e por dias cuidou dela.

Eu mesmo vi isso.

Naquela semana, todos os dias depois da escola, eu fui visitá-la e ele estava lá, lembrando-a sobre remédios, alimentando-a com sopa, *pairando* com uma carranca e uma cara mal-humorada quando ela desobedecia.

Vou dizer aos meus irmãos que isso me lembra de como eles cuidam de mim quando fico doente.

Então, direi a eles que, como eles, ele me compra o cupcake Flor de Manteira de Amendoim.

Um dia estávamos dirigindo por *Buttery Blossoms* – ele me dá uma carona em seu *Mustang* quase toda vez que vou à casa deles para visitar Tempest nos fins de semana; a princípio, pensei que ela ficaria brava comigo por abandoná-la, mas ela encoraja, eu passar um tempo com o irmão dela – e eu apontei pela janela e contei a ele tudo sobre isso.

— Portanto, o que há de especial neles é que o recheio é de manteiga de amendoim e a cobertura é de chocolate. Quando geralmente as pessoas comem de *chocolate* e cobertura de *manteiga de amendoim*. Vê? Especial, certo? Mas não posso comer muito. Balé e tudo isso. E outro dia meu parceiro me disse que eu estava ficando muito pesada para ele me levantar. Dá para

acreditar nisso? — Eu mordi meus lábios. — Talvez eu devesse tomar minha dieta líquida neste fim de semana. Eu posso facilmente...

Parei de falar quando o carro parou de repente e, num piscar de olhos, ele saiu dele. Saí atrás dele e o observei caminhar até a *Buttery Blossoms*.

Um minuto depois, ele saiu segurando uma caixa rosa familiar.

— Seu parceiro é um babaca — Ele rosnou, empurrando-a em minhas mãos. — E dieta líquida é estúpida pra caralho.

E como uma idiota, abracei aquela caixa contra o peito, pisquei para ele e sussurrei: — Sabe, você não deveria xingar tanto assim, Roman.

Sua mandíbula se apertou com isso e seus olhos ficaram quentes por um segundo antes de ordenar: — Apenas entre no carro.

E eu o fiz.

Sim, vou contar a eles sobre isso.

Todos os meus irmãos adorariam porque acham que minha dieta líquida também é estúpida.

E talvez se eu contar tudo isso a eles, eles não o odiarão tanto.

Talvez Ledger não brigue com ele.

Como ele fez num dia no treino.

Não tenho certeza do que aconteceu porque eu não estava lá, mas quando Reed aparece no auditório com um lábio rachado desagradável, eu sei.

Que algo aconteceu entre os dois.

Mas o pior é que ele não vai cuidar disso.

Ele se *recusa* absolutamente a cuidar disso nos próximos dias. Toda vez que eu peço, ele solta um *tá tudo bem*.

Então, um dia, decido resolver o problema com minhas próprias mãos e, depois do *meu* treino, enquanto ele me ajuda a guardar tudo, tranco a porta do almoxarifado como ele fez da primeira vez.

É uma má ideia, eu acho.

Porque quando ele se vira com o som, olha para a porta antes de olhar para mim, o espaço encolhe e fica mais escuro.

— Você acabou de trancar a porta? — Ele pergunta, seus olhos de lobo alertas e bonitos.

— Sim.

Ele se inclina contra a prateleira, cruzando os braços sobre o peito. — E quanto ao seu irmão que está esperando por você na biblioteca?

Ele tirou o moletom, então, tento não olhar para as pequenas saliências que seus bíceps formam sob a camiseta clara. — Bem, ele pode esperar mais dez minutos. Eu não me importo.

Um sorriso malicioso aparece em seus lábios, todo rachado e ainda bonito. — Dez minutos, hein. Vivendo no limite, não?

Eu subo no banquinho para colocar minhas mãos no kit de primeiros socorros na prateleira de armazenamento perto da porta. — Sim. Ele vai ficar bem.

— Não acho que dez minutos sejam suficientes.

Quando consigo, desço e me viro para ele. — Ah, serão. Confie em mim.

Ele cantarola, quase pensativo, ainda olhando para o meu rosto. — Quero dizer, claro. Eu poderia cuidar de você em dez minutos.

— Cuidar de mim?

Lambendo os lábios, ele assente com a cabeça. — Sim. *Duas vezes*.

— Duas vezes o quê?

— Aviso justo, porém — Ele continua, ignorando minha confusão. —, vou querer fazer isso mais uma vez só porque acho que vou ficar viciado no seu sabor. Já estou viciado em seu cheiro. Jasmim, não é? Mas você estará tremendo e me dirá para parar, para que eu decida ter misericórdia de você. Só desta vez.

Sabor.

O que...

Meus olhos se arregalam quando entendo, quando pego o que ele quer dizer.

E quando eu *entendo*, suas feições ficam afiadas, perigosas... sedutoras. — Mas, então, será a minha vez, Fae. E acredite em mim quando digo que dez minutos não vão resolver.

— N-não?

Ele balança a cabeça lentamente. — Não sou tão fácil de cuidar. Quando terminar de cuidar de mim, você irá para casa com os joelhos arranhados e os lábios inchados e salivando. Seu irmão vai dar uma olhada em você e chamar a polícia para mim, por fazer coisas ruins com a boca bonita de sua irmã em um almoxarifado. Não que eu me importe. Mas sim, sua matemática está um pouco errada aí. Acho que dez minutos não são suficientes.

O kit de primeiros socorros está perfurando minhas costelas quando ele

termina.

E acho que já estou com os joelhos machucados e a boca inchada, só por causa do quadro que ele pintou com suas palavras sujas. Acho que meu irmão saberia, de qualquer maneira, que eu estava com ele em um armoxarifado.

— É gerânio. E açúcar. M-meu cheiro.

— Gerânio.

Eu balanço a cabeça. — Sim, é raro. Diz na embalagem. Eu gosto de óleos corporais raros.

— Aposto que sim.

Abraço o kit de primeiros socorros contra o peito com ainda mais força.
— Eu...

Eu não sei o que dizer, exceto, *eu farei isso*.

Oh, meu Deus, é isso que eu quero dizer, não é?

Quero dizer a ele que cuidarei dele pelo tempo que ele quiser.

Eu sou uma bailarina. Não tenho medo de um pouco de dor nos joelhos e sangramento na pele.

Cuidarei dele assim como danço para ele na floresta quando ele coloca música em seu *Mustang* e se senta no capô para me observar.

Como se ele fosse o rei do mundo e eu fosse sua escrava.

Como se ele fosse meu vilão e eu fosse sua bailarina.

Mas, então, ele se afasta da prateleira e se aproxima de mim, nublando todos os meus pensamentos.

Ele olha para o kit de primeiros socorros e meu rosto pisca e cora. — Faça isso.

Meu coração para de bater. — O quê?

— Você quer cuidar do meu lábio partido, não é?

— Sim.

— Faça então.

Então, sem que eu precise dizer, ele arrasta o banquinho com o pé para eu subir. Será mais fácil para mim alcançar a lesão dele. E o tempo todo que eu cuido de seu hematoma, meus joelhos doem e minha boca parece inchada.

Mas acho que, acima de tudo, quero contar aos meus irmãos como ele me ajuda nos meus ensaios.

Todos eles sabem do meu amor pelo balé e da minha ambição de ir para a Juilliard assim que terminar o Ensino Médio. É meu sonho dançar para a

Companhia de Balé de Nova York um dia, e todos os quatro sempre apoiaram isso.

Então, eu sei que eles definitivamente vão aprovar o fato de Reed me ajudar a praticar.

Claro, é preciso um pouco de convencimento da minha parte para fazê-lo concordar, porque quando propus a ideia pela primeira vez, suas palavras exatas foram: — Não vou dar porra de *giros*.

— Ei! Isso é extremamente ofensivo — Eu disse a ele do palco. — O balé não é apenas rodopiar. Há uma centena de coisas diferentes, *técnicas*, que você...

— Bem, você pode chamar do que quiser. Eu ainda não vou girar.

Eu fiquei lá, olhando para ele em seu assento em sua terceira fila favorita, todo coxas esparramadas e peito grande, masculino e teimoso.

E lindo.

Naquele momento, eu odiei o quão lindo ele era.

— Eu não posso acreditar que você não vai me ajudar. Não posso. — Eu joguei minhas mãos para o ar. — E por quê? Porque o balé ameaça sua masculinidade? É isso, não é? Você acha que girar vai torná-lo menos homem. Você acha que rodopiar é feminino. Enquanto isso, você nem se importa que o cavalheirismo esteja morrendo. Que você o matou. Você matou o cavalheirismo, Roman. Hoje. Aqui mesmo, neste auditório. E esta é uma cena de crime. Cena. De. *Crime. Assassino*. Tão...

Fiquei quieta quando ele se levantou e começou a caminhar em minha direção.

Antes que eu percebesse, ele cruzou todas as fileiras e, colocando as palmas das mãos na borda do palco baixo, ergueu-se e balançou-se no palco em um movimento suave. Bem desse jeito.

Sem suar nem respirar, ele se aproximou de mim e eu perguntei: — O que você está fazendo?

— Mostrando a você como posso ser cavalheiro.

— O quê?

— Normalmente não me importo de ser o vilão, mas não gosto de ser acusado de crimes que não cometi. Então, se você quer que eu gire, eu vou girar e salvar você da angústia e ser seu cavaleiro na porra da armadura.

— Cavaleiro de armadura brilhante — Eu disse assim que ele terminou.

Ele estreitou os olhos para mim perigosamente. — O quê?

— Você disse cavaleiro na porra da armadura. Mas é um cavaleiro de armadura brilhante. — Olhei para ele através dos meus cílios. — Então, você é meu cavaleiro de armadura *brilhante*.

— E se você quer ser resgatada, Fae, você precisa começar a falar muito em breve e me dizer o que diabos quer que eu faça antes que eu mude de ideia.

E desde então, ele tem me ajudado na minha prática.

Ele me levantou, me ajudou com saltos e giros.

Ele me fez melhorar.

Certamente, se eu contar tudo isso a eles, eles não vão odiá-lo, vão?

Eles não podem.

Quero dizer, sim, há essa rivalidade e anos de ódio entre ele e Ledger, anos deles se sabotando no campo e nos treinos apenas para ter o primeiro lugar.

Mas eles não podem superar isso?

Conrad não consegue ver que Reed não é tão egoísta quanto pensa?

Ele é muito mais do que apenas um vilão.

Ele é um irmão mais velho incrível. Um protetor.

Um cara que cumpre suas promessas. Primeiro, pedindo desculpas a Ledger naquela noite, e depois, nem mesmo olhando para outra garota.

Porque ele não tem olhado.

Não desde que ele me fez essa promessa, na noite em que me levou para um passeio em seu *Mustang* pela primeira vez.

Eu não o vi com uma garota nos corredores. Eu não o vi flertando ou se interessando por elas. Na verdade, outro dia ouvi algumas garotas conversando no banheiro durante o almoço. Sobre como Reed parecia distante e distraído nas últimas semanas.

Vê?

Ele pode ser um cara legal, se ele quiser.

Só que ele não quer ser.

Não agora, pelo menos.

Não enquanto o observo no campo de futebol, treinando com o time.

Bem, não há treino acontecendo agora porque as duas estrelas estão se enfrentando.

É a mesma cena daquele jogo semanas atrás, aquela que começou tudo.

Ledger está todo zangado e tenso e Reed está tranquilo e relaxado.

Eu sei que devo seguir em frente e não me envolver. Eu nunca me envolvi antes.

Na verdade, eu estava a caminho de minha própria prática no auditório.

Amanhã é meu show que venho praticando há meses e estamos fazendo um ensaio geral completo.

Na verdade, amanhã também é o dia do campeonato de futebol da Bardstown High e ainda estou tentando descobrir como posso assistir ao jogo e ir ao meu próprio show.

Mas, de qualquer forma, agora meu plano era apenas vê-lo praticar por alguns minutos, escondida atrás das arquibancadas, e depois sair para fazer meu próprio ensaio.

Mas agora estou caminhando na direção deles, na direção da multidão, dos dois campos, o Mustang e o Thorn.

Conrad e seus treinadores assistentes estão tentando acalmar todos. Mas quando Con olha para Reed, estala algo para ele e aponta para o banco, sei que isso só vai agravar o problema.

Reed olha para Con e eu faço uma careta, pensando que ele vai dizer algo para meu irmão e seu treinador, algo desrespeitoso. Mas, felizmente, tudo o que ele faz é cuspir no chão, limpar a boca com as costas da mão e ir embora.

Ou está prestes a fazer isso, quando algo acontece e é Ledger.

Assim que Reed está prestes a se virar, Ledger provoca: — Ei, Jackson! Mal posso esperar para vencê-lo amanhã. De uma vez por todas. Você vai se arrepender de não seguir o conselho de seu pai e sair do time. Você polui tudo o que toca, de qualquer maneira.

Oh, droga. Ledger!

Ele estava indo embora, *indo embora*, e meu irmão teve que estragar tudo.

O pai de Reed é um assunto delicado.

Eu sei disso.

Então, aparentemente, seu pai, o famoso construtor que é dono de tudo nesta cidade, odeia o fato de Reed jogar futebol. Segundo ele, é uma grande perda de tempo de Reed porque ele quer que seu filho assuma o negócio.

— Meu pai é um idiota — Tempest me disse um dia. — Tipo, um completo idiota. Um pai negligente. Ruim, marido traidor. Ainda bem que

moro longe dele. Embora eu sinta falta do meu irmão. Eu odeio que ele tenha que lidar com nosso pai sozinho. E mamãe não ajuda. Ela mora em seu próprio mundinho. Mas, honestamente, Reed não me deixaria lidar com ele, de qualquer forma. Ele gosta de me proteger das coisas.

Então, eu sei que há tensão entre Reed e seu pai.

Eu não sei a extensão disso porque Tempest estava certa, Reed *não* gosta de falar sobre isso, e eu tentei convencê-lo apenas para que ele se fechasse e ficasse com raiva.

Mesmo agora, depois da provocação desnecessária de Ledger, ele fez o mesmo.

Ele ficou zangado e rígido. Como pedra.

O que dura apenas dois ou três segundos antes de ele fechar os punhos nas laterais do corpo.

E então eu já sei o que vai acontecer.

Eu já sei que Reed vai bater no meu irmão, e quando ele acerta um soco maldoso no rosto de Ledger, eu me encolho.

Eu me encolho ainda mais quando Ledger dá um soco de volta.

De repente, a multidão calma fica mais uma vez agitada e de alguma forma todos estão em cima de todos. Há gritos e xingamentos e pancadas e grunhidos.

E no meio disso tudo estão Ledger e Reed.

Eles estão lutando, batendo um no outro. Há tanta maldade entre eles. Tanta agressão reprimida, anos tentando superar um ao outro, sair por cima, derrubar um ao outro.

Anos de ódio que estão transbordando em seu último dia de prática juntos.

De repente percebo que não importa o que eu diga a eles, meus irmãos, ou mesmo o que eu diga a *ele*. Eles nunca vão se dar bem.

Não se eles puderem evitar.

Capítulo Oito



Ele está sentado no capô do carro, de costas para mim, olhando para algo na quase escuridão.

Ele não está com o moletom – é maio agora, então ele não deve sentir tanto frio, mas, ainda assim – e através do material fino de sua camiseta de cor clara, posso ver as placas de suas costas musculosas se movendo com cada respiração que ele dá.

Eu sabia que ele estaria aqui.

Neste local, na floresta.

Localizada na periferia da cidade, onde teve sua festa naquela noite. Também é aqui que geralmente acabamos quando ele me leva para passear.

Ele parece tão quieto, tão imerso em seus pensamentos, que sinto que estou me intrometendo. Sinto que devo deixá-lo em paz.

Mas eu não posso.

Ele não disse isso, mas eu sei que ele precisa de mim.

Eu sei que ele precisa de *alguém* ao seu lado.

Então, aqui estou.

Acontece que é tarde demais para partir, de qualquer maneira. Porque eu já tenho a atenção dele.

Ele já sabe que estou aqui e se vira abruptamente, seus olhos se concentrando em mim.

Eu respiro fundo.

No momento em que consigo ver seu rosto.

Todo machucado e espancado, coberto de cortes. Tanto que ele está usando o moletom meio embolado para pressionar a mandíbula.

De volta ao campo, quando a briga continuou a aumentar e uma multidão se formou, os professores foram chamados. Eles nos fizeram sair enquanto Conrad e o grupo de treinadores tentavam separar a briga. No caos de tudo isso, eu não conseguia vê-lo. Também não consegui ver Ledger.

Tenho certeza de que ele parece o mesmo.

Meu coração aperta dolorosamente enquanto eu estudo seus hematomas na luz da noite que desaparece rapidamente.

Futebol estúpido.

Eu *odeio* futebol.

Meus pensamentos quebram quando ele se move.

Ele toma um grande gole da garrafa que eu não sabia que ele estava segurando – uma garrafa de bebida, presumo; o líquido dentro dele parece tão transparente quanto a água – e a bate no capô.

Jogando o moletom de lado, ele se põe de pé. — Que porra você está fazendo aqui?

Abraço a mochila contra o peito. — Eu vim para...

Ele não me deixa falar. — Você não deveria estar no ensaio?

— O ensaio acabou. Eu...

Ele dispara outra pergunta antes que eu possa terminar, seus olhos procurando algo além dos meus ombros. — Como diabos você chegou aqui?

— Eu, uh, peguei uma carona com alguém.

Seu olhar volta para mim, todo beligerante. — Quem?

— Da dança. O irmão dela foi buscá-la e ela disse que poderia me deixar aqui. Era caminho dele.

Seu olhar se torna ainda mais hostil. — O *irmão* dela.

— Sim. Você o conhece. Ele é um veterano também. Jonathan Andrews.

Essa informação deixa a mandíbula de Reed tão apertada que tenho que morder o lábio com força.

— Andrews deu uma carona para você.

— Sim. Eu conversei com ele algumas vezes e ele parece legal. Ele está no clube de teatro e...

— Foda-se o clube de teatro. E foda-se Jonathan Andrews. — Suas narinas dilatam. — Você vai ficar longe dele.

— O quê?

— Fique *longe* dele — Ele rosna com raiva.

— Por quê?

— Porque ele tem a porra de um tesão por você. É por isso.

É por isso que ele concordou tão facilmente?

Não só para me dar uma carona, mas também para manter isso em segredo na escola. Sophie, sua irmã, não vai ser tão complacente, eu sei. Mas

lido com isso mais tarde.

Meu único objetivo era chegar até Reed.

Eu pisco. — Eu não... Ele não... Ele só estava tentando me ajudar.

Reed muda de posição como se estivesse se preparando para a batalha. — Sim, acho que não. O que ele estava *tentando* fazer é amaciar o terreno para poder dar em cima de você mais tarde. Então, você fica longe dele, entendeu? Ele é um idiota do caralho.

— E se eu não fizer isso?

Seu peito se expande de vez em quando, eu posso ver os músculos esculpido de seus peitorais, suas costelas se movendo sob sua camiseta, fazendo-o parecer ainda mais perigoso do que o normal.

Acho que o moletom tira o perigo dele, esconde-o com uma falsa suavidade.

Sem isso, ele é todo músculos densos e ossos duros.

Seus punhos estão cerrados, veias salientes em seus pulsos e nas costas de suas mãos.

— Então vou foder tanto com ele que não poderá dirigir pelo resto da vida.

Abraço minha mochila com força e esfrego meus braços, tentando afugentar o arrepio que surgiu com seu tom ameaçador e possessivo.

Tentando não perder o fôlego de uma vez.

— Você soa como meus irmãos — digo. — Quando falam de você.

— Pela primeira vez, concordo com eles. — Seus olhos brilhantes se estreitam. — Embora o que eu *gostaria* de saber é onde diabos eles estavam quando você entrou no carro de Andrews? Como eles puderam deixar isso acontecer? Que maldita utilidade eles têm se não podem mantê-la segura?

Minhas coxas se apertam e digo a ele em um tom sem fôlego: — Eles não sabem. Mandeí uma mensagem para Con e disse a ele que ficaria até tarde, como sempre. Ele acha que estou no auditório ensaiando como sempre faço.

Eu fiz isso.

Foi fácil também.

Ele esperava mesmo, depois de semanas e semanas mentindo e dizendo a ele que eu precisava de horas extras para ensaiar.

Eu precisava dessas horas.

Mas, principalmente, porque eu queria passá-las com ele.

Esse cara que está me encarando e que eu sabia que não apareceria no meu treino como costuma fazer.

— Então, você mentiu para eles — Conclui. — Novamente.

Eu concordo. — Eu queria vir ver você.

E, neste momento, percebo que, embora odeie mentir para meus irmãos e esconder segredos deles, ainda o farei. Eu ainda vou mentir por ele agora e para sempre.

Eu vou mentir e me esconder. Vou procurar, correr e parar.

Eu irei onde ele estiver.

— Você se tornou uma grande mentirosa, hein? Por mim.

— Eu...

— Acho que você deveria ir — Ele comanda em voz baixa e determinada.

Suas palavras me movem.

Mas eu não faço o que ele me diz para fazer.

Eu não parto.

Eu ando em direção a ele, diminuindo a distância entre nós.

— Porra, você ouviu o que acabei de dizer a você? — Ele pergunta, agitado, me observando caminhar em sua direção.

Eu não respondo. Apenas continuo andando, minha mochila na mão, meus olhos em seu lindo rosto. Lindo e familiar e tão dolorosamente querido para mim.

— Vá para casa — Ele rosna, e continuo ignorando-o.

E quando eu finalmente, *finalmente* o alcanço, seu rosto se fecha e suas palavras ficam rudes. — Afaste-se de mim, Fae.

Ele percebe que mesmo quando está sendo todo agressivo e teimoso e um idiota, como está sendo agora, ele ainda me chama de Fae?

Sua fada.

E se ele faz isso, me chama pelo nome que me deu, como posso ir embora?

Como posso impedir meu coração de bater forte no peito quando estico o pescoço para olhar para ele, para sua forma alta?

Eu balanço minha cabeça. — Não.

— Que parte de *você deveria ir agora* que você não entende? Eu estou...

— Eu trouxe primeiros socorros. Para seus ferimentos. — Eu falo, cortando-o.

— Eu não preciso da porra dos seus primeiros socorros.

Eu sabia que ele diria isso.

Então, eu digo outra coisa que eu queria dizer. — Eu sinto muito.

— Pelo quê?

— Pelo que Ledger disse. — Eu dou um passo mais perto dele, de seu calor, de seu peito respirando violentamente. — Ele te provocou e não deveria ter feito isso. Você estava saindo.

Ele olha para mim por um momento. — Sim, bem, ele não estava mentindo, estava?

Eu levanto minha mão para tocar sua mandíbula onde ele estava pressionando seu moletom agora descartado. Mas ele agarra meu pulso para me impedir. — E eu sinto muito pelo seu pai. Eu não sei o porquê ou como ou qualquer uma dessas coisas. Mas Tempest compartilhou um pouco disso comigo e...

— Tempest devia manter a boca fechada — diz ele com os dentes cerrados e seu polegar esmagando em meu pulso.

Mesmo assim, não me intimido. — Mas eu estou aqui.

— Você está aqui para quê?

— Se você quiser falar sobre isso.

Reed fica em silêncio por um segundo, como se não pudesse acreditar que eu disse isso. Como se não tivesse ocorrido a ele que *alguém* diria isso. — Você quer que eu fale sobre isso.

— Sim. — Eu lanço a ele um aceno tranquilizador. — Falar ajuda.

Mais uma vez, ele fica em silêncio por alguns segundos antes de responder: — Não. Falar não é o que eu tinha em mente. Então, você realmente deveria chamar um táxi e ir embora.

Ele solta meu pulso, pronto para me dispensar.

Mas ele não sabe que nada me impede, eu tenho rédea solta.

Eu tenho rédea solta para me aproximar ainda mais dele, rédea solta para colocar minha mão em seu corpo.

Seu peito.

Suave, musculoso e duro sob sua camiseta de algodão. Irradiando calor.

Assim que eu o toco, porém, ele para de respirar. Seu peito cessa todo movimento e ele abaixa os olhos para olhar minha mão em seu corpo.

— Então o quê? — Eu sussurro e ele olha para cima, seus olhos de lobo

brilhando. — O que está em sua mente?

A raiva nele, a agitação é palpável e quando ele retoma a respiração, ele se torna ainda mais assustador, de alguma forma.

É como tocar um animal selvagem, acariciar seu corpo duro e letal.

Mas não tenho medo.

Porque estranhamente acho que posso domá-lo.

— Tem certeza de que quer que eu responda? — Ele pergunta.

Seu desafio só me faz acariciar seu peito com delicadeza, ternura, e ele cerra os dentes. — Sim. Diga-me.

— Estou te avisando, Fae, você precisa sair agora.

Seus músculos vibram sob meus dedos.

Como se seu coração frio e sombrio estivesse tentando se libertar de suas costelas, mas ainda não soubesse como.

— Por quê?

Ele se inclina sobre mim, seu peito empurrando contra a minha mão. — Porque minha cabeça está toda fodida agora. E esta aqui é a minha segunda garrafa de vodca. Então, não estou exatamente *pensando*.

Em retaliação, eu o empurro para trás com a mão e diminuo o último centímetro entre nós.

Até agora minha mochila estava agindo como uma parede entre nós, mas eu a deixei ir agora. Ela escorrega por entre nossos corpos e cai no chão com um baque.

Nenhum de nós sequer dá uma olhada, não.

Estou muito ocupada finalmente encontrando seu corpo alto e duro com o meu e ele está muito ocupado ficando chocado por nossos corpos estarem se tocando.

Esta não é a primeira vez que nos tocamos assim.

Claro que não.

Ele me ajuda na minha prática. Ele me levanta, me ajuda em meus saltos e giros. Ele sabe como é o meu corpo. Eu sei como é o corpo dele também, todo duro, mas macio.

Poderoso.

Como se ele pudesse afastar montanhas para abrir espaço para seu eu alto e rasgar a terra com as próprias mãos, se quisesse.

Eu sei de tudo isso e, no entanto, nunca senti seu corpo assim.

Só porque eu quero. Só porque eu *posso*.

E ele também não.

Apesar de toda a sua má reputação e intenções vilãs, ele nunca tentou nada comigo. Ele me ajuda, e só isso.

Ele sempre foi controlado.

Contido.

Respeitoso mesmo.

Eu me pergunto se eu contar aos meus irmãos sobre isso, sobre a natureza cuidadosa de Reed, quais seriam suas reações.

— Eu não quero que você pense — digo, meu pescoço esticado.

Seu estômago se contrai com uma grande respiração que ele exala enquanto olha para mim. — Você percebe que está no meio do nada, não é?

— Sim.

— A quilômetros de distância da civilização.

— Eu sei.

— Então, se você gritar por socorro, ninguém vai te ouvir. Nem mesmo seus quatro irmãos mais velhos e *inúteis* cujo único trabalho era proteger você, mas eles não podem fazer isso direito, podem?

Seu tom áspero faz meu coração acelerar. — Eu não vou gritar.

Outra respiração sai dele. — Você irá. Se eu quiser. — Seus olhos escurecem assim como o céu ao nosso redor. — Se eu *fizer* você gritar. E eu posso fazer você fazer muitas coisas. Nesta floresta, eu sou o deus, Fae, e minha palavra é única. Então, se eu disser para você dar a porra do fora daqui e sair dessa floresta, você precisa fazer isso.

Eu não o ouço.

Claro que não.

Ele já deve saber. Só porque ele me diz para fazer algo, eu não vou fazer.

Não se eu não quiser.

Eu não sou a boa garota Callie para ele.

Eu sou sua Fae, então, coloco minha outra mão em seu peito também, como que para mostrar o quão ruim eu posso ser, o quão ansiosa.

— Eu vou fazer isso — Sussurro. — O que você quiser que eu faça. Eu tenho p-praticado.

Isso o desconcerta, minha empolgação, ânsia. O pedacinho de informação que deixei escapar. Não posso dizer que fiz isso acidentalmente. Ou que eu

não tinha intenção de fazê-lo.

Eu tinha todas as intenções.

Eu tenho essa intenção há dias, mas não sabia como trazê-la à tona.

Eu não sabia se *deveria* tocar no assunto ou não.

Dado o fato de que eu não deveria estar praticando o que venho praticando há dias.

— O quê? — Ele solta.

Se eu contar a ele, não haverá como voltar atrás. Então, não há duas maneiras sobre o que sinto por ele.

Ele saberá.

Reed Roman Jackson, o Mustang Selvagem, o deus do futebol, o destruidor de corações de Bardstown High saberá que meu lado boa menina, não tão caloura, acabou de fazer dezesseis anos, cujo coração bate por ele; meu aniversário foi na semana passada e ele me comprou cupcakes e novas agulhas de tricô e muito fio.

Antes que eu possa decidir, meus lábios selam meu destino quando eu deixo escapar: — Você me disse outro dia, no almoxarifado que... que você não é tão fácil de cuidar...

Apesar da minha determinação em contar a ele, minha coragem vacila quando eu realmente digo as palavras.

E eu tenho que baixar meus olhos.

Eu tenho que agarrar sua camiseta e morder meu lábio quando uma onda de borboletas voa em meu estômago.

— E daí?

Sua voz grave me faz apertar meu estômago. — Você disse que se eu cuidasse de você, eu teria os joelhos machucados, então eu...

Deus, por que não posso simplesmente dizer isso?

Eu deveria ser capaz de dizer.

Eu comecei isso, não foi?

— Você o quê? — Ele pergunta em um sussurro estrangulado.

Finalmente eu olho para cima e todo o meu medo e timidez simplesmente desaparecem.

Ele parece como quando me vê dançar. Tudo no limite, intenso e animado.

— Então eu fico de joelhos. À noite.

— De joelhos.

— Sim. — Meus joelhos formigam de todo o exagero dos últimos dias.

— Temos pisos de madeira em casa. Então eu me abaixo e... eu fico lá.

Seus lábios se separam.

Só um pouco, mas sei que é porque ele começou a respirar pesadamente. Seu corpo inteiro está se movendo com ele.

— Por quanto tempo? — Ele pergunta rispidamente.

— Muito tempo. Até que... — Eu pressiono meus joelhos em suas pernas.

— Até eles começarem a ficar dormentes. E doloridos.

Eles começam a ficar doloridos, depois de ficarem assim por minutos, horas e dias.

Eles começam a se sentir machucados depois do que parece ser uma adoração.

Como se eu estivesse orando a Deus.

Só que meu deus é um demônio.

Um vilão com olhos de lobo e pele de vampiro.

E eu sinto seu coração vilão pular uma batida sob meu punho. — Você deixou seus joelhos doloridos. Para mim.

— Sim — Sussurro, pressionando-me contra ele. — Mas isso não é tudo. Eu pratico outra coisa também.

— O quê?

— Você disse que poderia... você poderia cuidar de mim duas vezes. Mas então, eu não deixaria você fazê-lo. Então eu pratico para que eu o faça.

— Como?

Minhas coxas apertam juntas. — Eu me toco.

— Onde?

— Eu... na minha... você sabe onde.

Por fim, ele inclina o rosto para mim, todo machucado e inchado em alguns lugares, fazendo-o parecer um criminoso.

Um bandido de quem eu deveria fugir. Mas eu me pressiono mais perto.

— Boceta — Ele engasga. — Você toca sua boceta.

Eu sou encharcada por uma onda de calor com a palavra suja, e eu assinto. — Sim.

Mas ele não vai me deixar para lá tão facilmente.

Ao contar isso, despertei algo nele. Uma fera, um predador, então tudo

que posso fazer é me deleitar com o fato de que ele finalmente escolheu me tocar.

Ele não apenas me toca, ele me esmaga contra ele.

Com as mãos na minha cintura, seus dedos cavando em minha carne macia, ele se inclina ainda mais, escurecendo o mundo ao nosso redor.

— Diga — Ele rosna.

— Eu...

Seus dedos em meu corpo ficam insistentes. — Diga *eu toco minha boceta*.

Meus próprios dedos cavam em seu peito quando o obedeco. — Eu toco minha b-boceta.

— *E eu me faço gozar*.

— E eu me faço gozar.

— *Para Roman*.

— Para o meu Roman.

— Quantas vezes?

Eu tenho que recuperar o fôlego antes de poder contar a ele. — D-duas, às vezes três.

Seus olhos atiram fogo. — Três.

— Sim.

— Porque você estava praticando.

Meus pés de bailarina não conseguem ficar parados, e fico na ponta dos pés. — Sim. Eu queria estar... pronta.

— Pronta, sim — Ele sussurra também. — Porque você sabe que se eu chegar perto dessa coisa, o jogo acaba, não é? Você sabe que eu iria lambê-la, chupá-la e fodê-la com os dedos como nunca comi uma boceta antes.

— S-sim.

— E eu a comeria, bateria nela com a minha língua até ela ficar toda dolorida e dormente como seus joelhos. Você sabe disso, não?

Eu quero dizer que ele não deveria xingar tanto.

Que ele não deveria usar uma linguagem tão suja.

Mas eu estaria mentindo porque quero que ele o faça.

Eu quero que ele diga essas coisas, eu quero que ele fale assim comigo, como se ele fosse o cara mais nojento do mundo e eu fosse a garota mais inocente que nunca ouviu essas coisas antes, a garota que ele quer corromper.

— Sim, eu sei — digo a ele.

— Sim, você sabe que eu me tornaria o que eles me chamam. Que se eu sentir o cheiro dela, vou enlouquecer. Vou virar um animal, vou cerrar os dentes e rosnar. E nada me acalmaria exceto ela, exceto a visão dela, o gosto dela. Você sabe que vou me tornar um vilão por causa de sua boceta de fada.

Minhas mãos rastejam até seu peito e meus dedos embalam sua mandíbula machucada, meus polegares esfregando sua barba por fazer. — Um vilão maravilhoso.

Ele pressiona os dedos na minha cintura, quase me levantando do chão. — Então você estava preparando-a. Como a boa menina que você é. Você a estava aquecendo para mim.

Enrolo meus braços em volta de seu pescoço. — Uh-huh.

— No seu quarto.

— À noite — Eu continuo.

— E o que seus irmãos estavam fazendo?

— Dormindo.

— Onde?

— No final do corredor. — Algo violento passa por suas feições, então explico: — Mas está tudo bem. Porque eu fico quieta. Eu mordo meu travesseiro. Quando eu gozo.

Sua mandíbula se move antes que ele de alguma forma abra a boca e resmungue: — Então eles não sabem.

— Não.

— Eles não sabem que todas as noites sua inocente irmãzinha toca sua boceta inocente para mim. Para o cara que eles odeiam.

— Não quero que te odeiem — Confesso.

Ele ignora minhas palavras e continua: — Eles não sabem que ela se ajoelha por ele. Ela esfrega a boceta até pingar e depois morde o travesseiro para ficar quieta. Portanto, ninguém nunca sabe o que ela faz quando tranca a porta à noite. E ela faz de tudo para se preparar para o cara sobre o qual a avisaram. Para que ele possa abusar daquela boceta e fazê-la gostar.

— Eu poderia. Eu gostaria — digo a ele como se ele já não soubesse.

Ele engole então. — Eu sei que sim. Porque eu faria ser bom para você. Eu faria isso tão bem que você ficaria viciada. Você se tornaria uma viciada e me imploraria por uma dose. Eu te disse isso, não disse? Eu disse a você que

toda garota implora, e você também.

Minha coluna arqueia em seu tom como se ele estivesse puxando todas as minhas cordas, e eu assinto.

— Sim. Eu vou. Farei qualquer coisa que você quiser que eu faça.

— Você vai me implorar para abrir suas pernas. Para usar aquele pequeno buraco de fada apertado e punir seus irmãos. Você vai me implorar para destruí-la em seu quarto de boa menina enquanto eles dormem no final do corredor. Enquanto eu te faço gemer em seu travesseiro de renda e te faço trair seus irmãos todas as noites. E então, pergunte-me, o que vou fazer?

Minha respiração está quase acabando agora, mas de alguma forma eu ofego: — O quê?

— Vou contar a eles — diz ele com um meio-sorriso frio e sem humor. — Vou dizer a eles como a irmã deles estava bonita quando abriu as pernas para mim ontem à noite. Vou me gabar de ter comido a irmã deles debaixo dos seus narizes.

— Você não faria isso. — Balanço minha cabeça. — Eu confio em você.

Talvez seja a coisa mais estúpida que eu já disse, ainda mais estúpida do que todas as coisas que eu disse esta noite, mas eu digo.

Eu confio nele.

Ele teve todas as oportunidades, não?

Ele poderia ter contado a eles.

Ele poderia ter me usado contra Ledger. Ele poderia ter se gabado se quisesse.

Mas ele não o fez.

Ele guardou nosso segredo. Dia após dia, noite após noite.

Sei que ele está tentando me assustar, mas não vou a lugar nenhum.

Ele zomba. — Sim, é o que uma garotinha estúpida diz antes de entrar no carro com um estranho que a leva embora e a tranca em um quarto pelo resto da vida.

— Eu...

— Então, você precisa ir para casa, entendeu? — Ele diz, me deixando ir. — Você precisa me deixar em paz porque, como eu disse, não estou pensando direito agora.

— Faça isso — digo a ele, ignorando seu comando pela milésima vez. — Faça-me fazer coisas. Tudo o que você disse. Todas elas. Por favor.

— Fae...

— Por favor. Destrua-me, Roman — Eu imploro como ele me disse que eu faria, e um estremecimento passa por ele e por mim também.

Eu me estico o máximo que posso e coloco minha boca sobre ele.

Em seu pomo de Adão.

Eu lambo a protuberância, sua barba áspera, e teria feito mais se ele não tivesse enrolado minha trança em volta do pulso e puxado minha cabeça para trás.

Se ele não tivesse me feito olhar para ele.

Eu estremeço com o olhar em seu rosto.

Eu tremo de medo e antecipação.

Seus olhos ficaram escuros como a noite ao nosso redor e sua mandíbula se transformou em um verdadeiro V. Com seus hematomas raivosos, ele parece tão perigoso, tão lindo que sussurro novamente: — Por favor, Roman.

Ao meu apelo, seu olhar cai para os meus lábios e acho que ouço um rosnado.

Não tenho certeza porque é baixo e rouco e, no segundo seguinte, não tenho capacidade mental para pensar nisso, de qualquer jeito.

Porque sua boca está em mim.

Seu gosto, todo picante e misturado com vodca, explode na minha língua e, Deus, é tão delicioso que quero continuar provando.

Eu quero continuar analisando outras nuances de seu sabor e sua boca macia e quente, mas, então, o céu se abre.

Sem nenhum aviso ou previsão, começa a chover e nos separamos.

Ofegante, olhamos um para o outro e não sei o que ele está pensando.

Não sei se ele está de luto pela perda dos meus lábios como estou de luto pela perda dos dele.

Mas, novamente, ele tira minha capacidade de pensar quando me pega.

Ele me levanta do chão e como já fizemos esse movimento mil vezes antes durante minha prática de dança, nem hesito em envolver minhas pernas em volta de sua cintura estreita. E assim que eu faço isso, ele coloca sua mão grande na parte de trás da minha cabeça e me faz encolher em seu peito.

Ele me faz buscar abrigo da chuva em seu grande corpo.

E tudo o que posso fazer é pegá-lo e abraçá-lo com força.

Meu Roman.

Meu vilão lindo, *maravilhoso*.

Quando ele começa a se mover, murmuro: — Minha mochila.

Eu normalmente não me importaria com isso, minha mochila.

Mas tem algo dentro dela. Para ele – não é o kit de primeiros socorros – e não quero que se molhe.

Suavemente, ainda me carregando em seus braços, Reed se abaixa para pegar minha mochila. Quando ele pega, agradeço e beijo a veia pulsante na lateral de seu pescoço. Eu o ouço inspirar profundamente enquanto me leva até a porta de trás de seu *Mustang*.

Ele abre e cuidadosamente me coloca dentro do carro, longe da chuva, antes de entrar ele mesmo. Ele joga minha mochila no chão e eu nem espero que ele feche a porta corretamente antes de rastejar e montá-lo.

É uma jogada tão ousada, mas eu não me importo.

Eu realmente não me importo com nada esta noite, exceto estar perto dele, cuidar dele.

Tirando toda a dor da luta e a solidão.

Minhas mãos estão em seus ombros, agarrando sua camiseta úmida, e as dele voltam para minha cintura, agarrando meu vestido molhado. Eu fico olhando para as gotas de água que escorrem por seu cabelo escuro e escorregadio até seu lindo rosto. Elas escorrem por suas bochechas e pelo lado de seu pescoço, desaparecendo no V de sua camiseta.

E, Deus, eu estava certa.

Ele tem músculos demais.

Eu posso vê-los através de sua camiseta, os cumes de suas costelas e as colinas de seu peito e os gomos dos músculos de seu abdômen, e eu me contorço em seu colo.

Espere um segundo. Estou no colo dele.

Como eu não notei isso antes?

Minhas coxas abertas, embora cobertas por meu vestido molhado, esfregam contra seu jeans úmido e, oh, meu Deus, é glorioso, o tecido áspero e minha pele macia. E, então, eu me contorço de novo, mas antes que eu possa fazer isso mais uma vez, ele me para.

Ele me impede *fisicamente* pressionando minha cintura e me prendendo em um ponto, comandando: — Segure seu vestido.

Eu franzo a testa. — O quê?

Ele olha para a bainha do meu vestido. — Seu vestido. Segure-o.

Puxo sua camiseta. — Por quê?

— Apenas faça. Agora — Ele diz com os dentes cerrados, seu corpo pulsando com suas palavras.

Eu imediatamente solto sua camiseta e agarro a bainha do meu vestido. Ele não gostou de como eu fiz isso, então, ele solta minha cintura e posiciona minhas mãos.

Ele cuidadosamente coloca minha mão – *ambas* as mãos – entre minhas pernas e me faz fechar o tecido. E ele me faz fazer isso com tanta força que meus dedos se projetam com a força.

Quando ele termina, ele olha para cima. — Não me deixe empurrá-lo para cima em suas coxas.

Meu coração está batendo contra o meu peito. — Por que não?

Ele lambe os lábios, sua mão flexionando sobre a minha. — Porque eu quero.

— Mas eu...

— Porque eu quero levantar seu vestido e olhar sua calcinha. Porque eu sei que você está molhada lá agora e eu quero ver. Quero olhar para aquela mancha e imaginar você se melando todas as noites para mim, em seu quarto. E se eu fizer isso, se eu imaginar você, vou perder qualquer sanidade que me resta. Você entendeu? Então você vai *protegê-la*.

— Roman...

Ele solta minhas mãos e enterra os dedos no meu cabelo molhado.

Ele pressiona a testa na minha enquanto diz com uma voz gutural: — Não, me escute, você vai protegê-la. De *mim*. Você vai segurar seu vestido e vai proteger sua boceta. Você não vai me deixar levantar seu vestido, não importa o que eu faça, o que eu diga. Você não vai me deixar vê-la. Diga-me que você entende.

— Mas...

— Diga-me que você entende, Fae.

É o que Fae faz.

É a maneira como ele diz isso como um apelo.

Como se fosse ele quem implorasse agora.

Ele é o bom e eu sou o mau e o tormento. E eu *nunca* quero ser isso. Já o pressionei o suficiente esta noite, então, olho em seus olhos de animal que

parecem quase angustiados.

— Se eu disser sim, você me beija?

Sua mandíbula aperta e ele puxa meu cabelo. — Caralho, sim.

Eu sorrio ligeiramente e seguro meu vestido ainda mais apertado. — OK. Eu vou segurar meu vestido. Eu não vou deixar você empurrá-lo para cima. Não vou deixar você vê-la. Não importa o que você diga.

Um suspiro aliviado escapa dele então. Um suspiro tão grande quanto o vento ao nosso redor.

E, então, ele me beija como prometeu.

Capítulo Nove



Algo ruim vai acontecer. No campo, quero dizer.

Não sei como sei, mas sei.

É um sentimento que me atormenta desde ontem à noite e de alguma forma foi exacerbado desde o início do jogo do campeonato.

Então, finalmente descobri como assistir ao jogo e ao meu próprio show.

Cheguei ao auditório bem mais cedo do que eles pediram e me preparei para o meu papel antes de correr por toda a escola – porque meu auditório e seu campo de futebol ficam em lados opostos do campus – para assistir ao jogo com Tempest.

Mas, de qualquer forma, aqui estou eu, vestida com um tutu azul gelo e um collant branco e maquiagem completa para parecer uma fada, assistindo ao jogo que está prestes a terminar em dez minutos.

A nossa equipe só precisa de mais um gol para vencer e as coisas parecem boas. Ah, e se Reed fizer esse gol, ele não apenas vencerá o campeonato, mas também a competição.

De uma vez por todas.

Ele está na liderança agora e precisa desse último gol para selar sua vitória sobre meu irmão.

Mas sinto que algo ruim vai acontecer.

Se estou sendo honesta, não há razão para me sentir assim.

Nenhuma razão. Está tudo bem, na verdade.

Está tudo mais do que bem.

Porque ele me beijou. Noite passada.

Ele me beijou por muito, *muito* tempo.

Por um tempo, pensei que ele nunca pararia.

Achei que *eu* nunca iria parar.

Porque quando sua boca estava em mim, me drogando com seus beijos quentes e úmidos, percebi que queria isso há tanto tempo. Eu quis isso toda vez que ele olhava para mim e toda vez que ele dizia algo sujo e me fazia

corar. Eu quis isso toda vez que ele me trazia cupcakes e me dava uma carona em seu *Mustang*.

Então, sim, por um tempo, ele se tornou meu mundo inteiro.

Reed Roman Jackson e sua boca e seu *Mustang* com janelas embaçadas.

Seu *Mustang* em que gozei.

Bem, eu gozei no colo dele. Duas vezes.

Porque ele não estava feliz com apenas uma vez e não parava de me beijar ou me embalar no colo. E como a bailarina que sou, dancei e me contorci tanto quanto ele queria.

Depois da segunda, porém, eu disse a ele para parar, como ele previu dias e dias atrás, e para o qual eu treinei como uma boa menina.

Mas em vez de me lembrar que toda a minha prática falhou, seus olhos cinza simplesmente se tornaram suaves e líquidos e ele me beijou na minha testa suada, me fazendo deitar em seu peito.

Deus.

Eu nunca imaginei que ele pudesse ser tão... terno e doce e simplesmente tudo.

Enfim, depois disso, eu dei a ele o presente.

O que eu tinha na mochila.

É algo em que tenho trabalhado nas últimas semanas.

Um suéter.

— Porque você está sempre com frio — Eu disse a ele, porque ele sempre está.

É por isso que ele usa seus moletons praticamente o tempo todo.

— E porque branco é sua cor favorita, e olha. — Apontei para a intarsia preta que fiz na frente. — É um mustang. Um mustang de verdade, não o carro. Ah, e foi meu primeiro projeto intarsia. Ficou legal, né?

Eu tinha visto o padrão em um livro de tricô meses atrás – antes de realmente conhecê-lo – e isso me lembrou dele.

Então, quando decidi tricotar para ele, fui e desenterrei a revista e, bem, furei os dedos com as agulhas um milhão de vezes antes de acertar o desenho.

Reed não disse nada. Não por muito tempo enquanto ele olhava para o suéter que fiz para ele e tive que perguntar: — Você não gostou? — Comecei a afastá-lo de seu aperto, que era surpreendentemente apertado. — Está bem. Não se preocupe com isso. Vou fazer outro para você e...

— Eu gostei — disse ele em um sussurro rouco, me interrompendo.

E então ele me puxou para ele e pressionou sua boca na minha testa.

Ele não me beijou de novo, não.

Ele apenas... respirou com a boca aberta por alguns momentos como se não conseguisse ar suficiente, e eu deixei.

Isso foi tudo.

Isso foi tudo o que aconteceu ontem à noite.

Nós nos beijamos, ele me fez gozar, eu dei a ele seu presente e então ele me levou de volta para a escola bem a tempo de Con me pegar no estacionamento.

Eu não o vi desde então.

O que é compreensível, considerando o fato de que seu grande jogo está em andamento e estou ocupada com meus próprios ensaios para o show.

Talvez seja por isso que estou me sentindo desconfortável.

Por causa do jogo do campeonato.

Porque sei o quanto é importante para ele e para Ledger. Ah, e também é o último jogo de suas carreiras no Ensino Médio.

Sem falar no último jogo juntos.

Deveria me deixar feliz que eles não vão mais bater de frente – ambos estão indo para faculdades diferentes com bolsas de futebol – e essa competição, não importa quem vença, finalmente terminará.

Mas estranhamente estou inquieta.

Ledger está com a posse da bola e está correndo pelo campo com ela. Apenas quando ele chega a um ponto em que pode chutar e marcar o gol, nada menos que o gol da vitória, Reed invade.

Ele rouba a bola de Ledger e começa uma luta entre as duas estrelas do Bardstown High.

Os dois lutam pela bola, tentando fazer o gol, de alguma forma desviando também dos jogadores do time adversário.

Não que eu tivesse alguma dúvida de que eles não conseguiriam.

Juntos, o Mustang e o Thorn poderiam derrotar todos os times do estado e eles conseguiriam. Eles são tão talentosos.

Não tenho medo de que eles percam a bola.

Estou com medo de outra coisa.

Algo que acontece bem na frente dos meus olhos.

Enquanto lutam pela posse da bola, os dois se empurram.

Até que Ledger para.

Ele para porque Reed disse algo.

Vejo seus lábios se moverem – os lábios que beijei ontem à noite na chuva e depois em seu *Mustang*, os lábios que me fizeram sorrir e corar nos últimos meses – e vejo Ledger congelando.

A ponto de Reed finalmente roubar a bola do meu irmão e marcar o gol.

Selando o campeonato e a vitória sobre meu irmão.

Enquanto todo o estádio explode em aplausos, risos e felicidade, eu sento no meu lugar tensa e chocada, com medo.

Tanto medo.

Meus olhos estão grudados em duas das pessoas mais importantes da minha vida.

Ele é isso, não é?

De alguma forma, Reed Roman Jackson, *meu* Roman, se tornou uma das pessoas mais importantes da minha vida e não quero mantê-lo em segredo.

Essa é outra coisa que tenho sentido desde ontem à noite.

Junto com essa premonição, tenho vontade de contar aos meus irmãos sobre ele. Fazê-los entender que ele não é tão ruim quanto todos pensam.

Mas, como ontem no treino, quando eles lutaram, Reed não está com disposição para ser bom.

Mesmo que ele tenha conseguido o que queria, o título de campeão, seu humor está tão sombrio e tão amargo que até eu posso sentir daqui.

Até eu posso sentir sua fúria.

E a única coisa que combina com a fúria de Reed e sua respiração agitada enquanto ele olha para meu irmão, enquanto o campo Mustang lhe dá tapinhas nas costas, é Ledger.

Ele combina com o humor sombrio de Reed.

Na verdade, ele superou isso.

E não é nada novo, veja.

Reed sempre foi o único a provocar meu irmão e meu irmão sempre foi o único a ceder a isso.

Portanto, essa cena não deveria ser muito alarmante, mas é por muitos motivos, e quando Ledger diminui a distância entre eles, não consigo ficar parada.

E nem Tempest, que também está grudada em seu lugar por toda a felicidade e entusiasmo ao nosso redor. Juntos, conseguimos passar pela multidão feliz e densa e descemos as escadas para chegar à frente.

Assim podemos ver o que está acontecendo.

Assim podemos ver se nossos irmãos estão bem.

Deus, por favor, deixe-os ficar bem.

Por favor.

Estou cantando isso na minha cabeça durante toda a jornada que deveria ter durado apenas alguns segundos, mas leva uma eternidade devido à multidão empolgada e entusiasmada.

Quando chegamos ao nosso destino, expiro aliviada.

Mas dura apenas alguns segundos.

Porque no momento em que chegamos à frente e temos uma visão clara do campo, de *alguma forma*, ele me vê.

Seus olhos caem sobre mim através da multidão que se aproxima, através de todo o caos, e eu não sei o que vejo nas profundezas deles.

Não entendo a intensa emoção refletida neles e isso me assusta ainda mais.

Assusta-me que, enquanto ele corre os olhos sobre o meu corpo, parece a última vez. Como se ele nunca mais fosse me ver depois disso.

Como se isso fosse um adeus.

Antes que eu possa fazer qualquer coisa sobre isso, pular a cerca e correr para ele ou algo assim, meu irmão se vira para olhar para mim também.

E assim que os olhos *dele* caem sobre mim, aquele castanho-escuro que conheço desde que me entendo por gente e que nunca me olhou com nada menos que carinho, mesmo quando brigamos, dou um passo para trás.

Meus joelhos tremem.

Há tanto ódio neles.

Uma traição tão espessa e penetrante que não sei como respirar.

Eu não sei como viver para o próximo momento, e então ele se vira e antes que eu possa piscar, ele dá um soco no rosto de Reed.

Esse soco é tudo o que preciso.

Isso faz com que a multidão já selvagem fique cada vez mais louca e um motim começa.

No campo, na arquibancada, e como ontem no treino, todo mundo está

contra todo mundo. Só que isso é muito, muito maior em escala e muito mais horripilante.

Tanto que acho que vou ser esmagada por ela.

Sob a multidão louca e a insanidade.

De alguma forma eu não penso porque Tempest agarra minha mão e me puxa para longe. Ela me arrasta pela multidão, desviando das pessoas e segurando minha mão com firmeza.

Eu sou grata por isso.

Porque se não fosse ela, eu estaria no chão. Minhas pernas não me seguravam sob o peso do olhar do meu irmão.

Sob o peso de *seu* olhar também.

O cara por quem estou apaixonada.

Estou apaixonada por ele, não estou?

Eu amo Reed e, *Deus*, não sei o que aconteceu, e eu...

Finalmente, posso respirar porque estamos na entrada agora. Não é como se a multidão tivesse diminuído, mas o espaço é mais aberto e o ar é mais fácil de conseguir.

Vejo a segurança inundando o campo, onde a luta ainda está acontecendo.

Não consigo ver Ledger ou Reed e me viro para Tempest, com o coração acelerado.

— Eu preciso ir encontrá-los.

— Espere, e quanto ao seu show? — Ela pergunta, ainda segurando meu braço.

Oh.

Meu show.

Vai começar em menos de dez minutos e eles devem estar se perguntando para onde eu fui.

— Eu não... eu preciso descobrir o que aconteceu. Eu preciso... eu preciso ir.

Solto a mão dela e entro no campo.

Começo a correr em direção ao amontoado, que aos poucos está sendo controlado por seguranças, professores e treinadores.

Mas não vou muito longe porque vejo alguém que reconheço.

Conrad.

Meu irmão mais velho.

Ele, de alguma forma, emergiu do amontoado e agora está marchando em minha direção.

Na verdade, ele está quase chegando e parece furioso. Estou acostumada com ele parecendo grande e intimidador, mas quando ele usa terno e gravata – o que ele só faz em jogos do campeonato –, ele parece ainda mais assustador.

Mas não posso deixar que isso me detenha.

Eu preciso saber o que aconteceu. O que Reed disse e por que Ledger olhou para mim como se me odiasse.

Quando Con me alcança, eu imediatamente começo com minhas perguntas.

— O que aconteceu? Eu... — Eu olho para a multidão. — Ledger está bem? É... O que aconteceu, Con?

Meu irmão mais velho cerra o maxilar enquanto olha para mim e, embora seus olhos azul-escuros não tenham o mesmo ódio, meu coração encolhe ainda mais.

— Con, o que aconteceu? Por favor, diga. Eu...

Meu irmão agarra meu braço e começa a me arrastar para longe da comoção.

Eu olho para trás, mas ainda não consigo ver Ledger ou Reed ou obter qualquer indicação de que eles vão ficar bem.

— O que você está fazendo? — Pergunto ao meu irmão enquanto me viro. — O que... Con.

Ele para em um local relativamente quieto e isolado ao longo das arquibancadas, seu rosto todo contraído e tenso. — Você tem mentido para nós. Você tem mentido para Ledger.

— O quê?

Ele me encara por um instante antes de balançar a cabeça. — Todo esse tempo, nós confiamos em você. Eu confiei em você. Eu te dei tudo o que você pediu. Cada liberdade, cada conforto. E você tem mentido. Todas aquelas horas de treino até tarde. — Ele balança a cabeça novamente. — Eu pensei que você fosse mais esperta do que isso, Callie. Achei que minha irmã fosse...

Seu maxilar aperta enquanto ele passa a mão pelo cabelo e eu o observo, observo o rosto de meu irmão, encharcado de decepção.

Observo seu rosto se contrair de raiva e traição.

Traição que eu causei. Que ele de alguma forma descobriu.

Deus, ele descobriu sobre isso.

Ele de alguma forma *sabe*.

E com os lábios trêmulos, tenho que perguntar: — Como você...

— O garoto por quem você mentiu todo esse tempo, ele estava se gabando de você no campo.

Vou me gabar de como a irmã deles estava bonita no dia seguinte...

É por isso que Ledger parecia tão traído, não?

É por isso que havia tanto ódio em seus olhos quando ele olhou para mim.

Não, não, não.

Ele não faria isso. Ele me prometeu.

Ele prometeu.

Ele não quebraria sua promessa assim.

Ele *não* iria.

Eu de alguma forma me recomponho e digo: — Tem que haver uma razão. Tem que haver uma explicação.

— Explicação.

Eu me encolho com a voz irritada de Con, mas, ainda assim, agarro seu braço e imploro: — Con, ele não é assim. Ele não é. Eu sei que você o odeia. Eu sei que Ledger também o odeia, mas ele não é de todo ruim. Ele não é. Você não o conhece como eu. Você não... — Eu recupero minhas respirações dispersas novamente. — Eu ia te contar, juro. Eu ia. Eu só... me desculpe por ter mentido. Eu sinto muito. Mas, Con, tem que haver uma explicação para isso. Se eu pudesse...

— Chega — Ele esbraveja, me fazendo calar a boca e soltar seu braço. Então, ele puxa uma respiração profunda, como se para se acalmar. — Falaremos sobre isso mais tarde, entendeu? Volte para o seu show agora. Você tem um show, lembra?

— Eu não me importo com o show, Con. Preciso ver se Ledger está bem e preciso conversar...

— Tudo o que você precisa fazer é voltar ao show. Você precisa ir dançar e depois conversamos sobre isso, entendeu? — Ele ordena. — Direto para o seu show, Callie. Acabou essa de perder seu tempo com ele.

Capítulo Dez



Eu o observo do outro lado do espaço.

Ele está sentado em um sofá superlotado com um monte de amigos. Há garotas no meio, é claro. Mas ele não está prestando atenção em nenhuma delas.

Na verdade, toda a sua atenção está voltada para a garrafa.

A mesma de ontem. A bebida que parece água, vodca.

Mesmo que ele esteja focado no álcool, ainda tenho ciúmes de todas as garotas ao seu redor. Ainda estou com ciúmes por elas estarem tentando chamar a atenção dele como sempre fazem.

Eu quero a atenção dele.

Eu só não sei como obtê-la.

Estou com muito medo de ir até ele.

Estou com muito medo de perguntar a ele.

Tenho muito medo...

Vamos, Callie. Faça isso.

É para isso que você veio aqui, certo?

Certo.

É por isso que abandonei meu show e vim para este lugar.

Este lugar fora da minha cidade onde esta festa estranha está acontecendo e Reed está presente.

Depois que Con me disse para voltar ao show, Tempest me encontrou novamente. Ela me arrastou para longe da multidão e me levou para um lugar tranquilo, longe do estádio.

Longe de todas as pessoas, de toda a violência.

Até ela sabia que eu não poderia dançar assim.

Ela ficou comigo enquanto eu chorava e tremia.

Como todo o meu corpo foi destruído por ondas e ondas de calafrios.

Ela ficou comigo enquanto eu passava por mil cenários diferentes na minha cabeça. Enquanto repassava o que vi e o que Con me disse e o que sei.

O que eu sei em meu coração sobre Reed.

Sobre o meu Roman.

Não tenho certeza de quanto tempo fiquei assim, encolhida em mim mesma com Tempest esfregando minhas costas e meus braços.

Tudo o que sei é que quando pude reunir minhas forças, pedi a ela para encontrá-lo.

Pedi a ela que me levasse até ele.

E apesar de discordar veementemente no começo e dizer que eu precisava ir para casa e me cuidar, ela me trouxe aqui.

Ela disse que viu nas redes sociais. Alguém marcou Reed no *Instagram*, dizendo que ele estava em uma festa fora de Bardstown.

Então é onde estou, em uma festa, vendo o cara por quem estou apaixonada tomando vodca, cercado por uma multidão bêbada.

Eu tento me mover.

Tento me forçar a chamar seu nome, acenar para ele, fazer algo para chamar sua atenção. Mas estou congelada no meu lugar, com muito medo de me mover.

Um segundo depois, porém, não preciso.

Porque, como sempre, ele me sente.

Ele olha por cima da garrafa e seus olhos pousam em mim instantaneamente e eles começam a brilhar.

Seus olhos de lobo.

Eles brilham quando ele se levanta do sofá e começa a caminhar em minha direção, deixando tudo para trás.

A multidão se abre para ele quando ele se aproxima de mim, seu olhar ficando mais pesado e intenso a cada passo que ele dá.

No momento em que ele me alcança e para, percebo que ele está todo vestido de preto.

Não sei por que isso é importante.

Não sei por que estou pensando em sua camiseta preta combinada com jeans escuro. Não sei por que acho sua jaqueta de couro preta intimidante e perigosa, mas acho.

Estou pensando em como toda essa escuridão faz sua pele de vampiro ganhar vida.

Como suas contusões, velhas e novas, ganham vida também.

Como ele é lindo demais para palavras.

De outro mundo. Lindo demais.

Ele olha para mim com um estranho tipo de ternura enquanto observa minha fantasia, minha maquiagem que está arruinada agora e meu cabelo loiro preso em um coque, que também está arruinado, fios pendurados em volta do meu rosto em frangalhos.

Mas a maneira como seus olhos se derretem ao me ver me faz pensar que *sou* a garota mais bonita que ele já viu.

Isso me faz pensar que sou bonita demais para palavras. De outro mundo. Linda demais.

— Fae — Ele sussurra asperamente, bêbado. — Você está aqui.

— Roman...

— Você parece uma fada — diz ele me interrompendo, levantando a mão e traçando um dedo na minha bochecha.

Minha boca se abre com seu toque e o mundo desaparece.

E eu acho que *você parece um vilão*.

É assim que ele se parece, não é?

Vestido de preto e hematomas escuros, o cara por quem estou apaixonada parece um vilão.

— Você está bêbado? — Eu pergunto em vez disso.

Ele olha para a garrafa em sua mão. — Um pouco.

Eu engulo dolorosamente. Grosso.

Com medo.

— Eu ganhei — Ele diz então, seus lábios rachados se esticando em um sorriso.

Um sorriso que parece tão deslocado, tão infantil e adorável em seu rosto afiado e de vilão.

— Vocês...

— Porra, ganhei o jogo, Fae. Eu venci. Eu sou o maldito campeão. Você viu?

Meus olhos ardem quando eu assinto.

— Você viu, hein? Eu fui muito foda lá. — Rindo, ele toma um gole de sua vodca. — Mais do que a porra do seu irmão.

— O que...

— Ei, e quanto ao seu show? — Ele pergunta, falando sobre mim

novamente. — Caralho, eu perdi?

— Eu não me importo com o show. Eu...

— Se depois de todo aquele treino, eu perdi seu show fantástico de primeira classe, então eu sou um idiota. Eu sou um filho da puta. Você deveria estar com raiva de mim. Aqui. — Ele acena com a mão livre. — Bata em mim. Me dê um tapa na cara, Fae. Dê um tapa na porra da minha cara...

— Não, Roman, me escute. — Eu falo acima dele, pondo fim à sua divagação bêbada. — O que aconteceu?

Ele parece perplexo. — Quando?

Eu balanço minha cabeça. — No campo. O que aconteceu? — Eu engulo novamente. — Deus, olhe para você. Você está todo machucado. O que aconteceu, Roman?

Ele ri. — Você deveria ver o outro cara.

— O que você disse a ele?

— O que eu disse para quem?

Eu cerro minhas mãos por um segundo, tentando manter meu juízo.

— Roman, por favor, OK? Você pode se concentrar por um segundo? Por favor. O que você disse ao meu irmão? O que você disse a Ledger? Por que ele... Por que ele deu um soco em você? Por que vocês brigaram?

Não tenho certeza se ele está entendendo a gravidade da situação porque sua reação é bastante casual.

Sua reação é apertar os olhos ligeiramente e encolher os ombros. — Ah, isso. A briga.

— O que aconteceu, Roman?

Ele toma um gole de vodca, engolindo ruidosamente. — Sim, eu posso ter mencionado algo.

Meu coração dispara. — O-o quê?

Ele dá de ombros novamente. — Eu posso ter dito algo sobre eu te dar uma carona no meu *Mustang*. Sobre você adorar e embaçar minhas janelas. — Uma carranca. — Mas não com essas palavras. Eu fui mais sujo do que isso, mas você sabe o que quero dizer.

— V-você o quê?

Reed suspira então. — Olha, eu só queria irritá-lo, tá bem. Ele ia marcar. Eu tinha que fazer algo. Era o jogo do campeonato. Minha última chance de ganhar.

— Sua última chance de ganhar.

— Sim, eu só queria ganhar. — Ele se abaixa ligeiramente. — Mas se isso faz você se sentir melhor, só ganhei por dois gols. Seu irmão foi um oponente digno. Você deveria dizer isso a ele esta noite. Diga a ele que eu disse isso. Diga a ele que Reed disse que ele é bom. Um verdadeiro pé no saco com o quão bom ele é. Mas você sabe, o melhor homem ganhou. Diga a ele para não chorar muito no travesseiro.

Há uma dor no meu peito. Uma dor massiva e gigantesca, mas eu supero.

Eu resisto porque isso não é real, certo?

Este não é ele.

Não é assim que ele se comporta.

Ele nunca está tão bêbado. Ele nunca é tão... cruel.

Ele teve muitas oportunidades de *ser* cruel.

Ele teve muitas oportunidades de ser um conquistador, um destruidor de corações, de ser todas essas coisas que o chamam, mas nunca as aproveitou.

Não, este não é ele.

Ele nunca quebrou uma promessa para mim e eu me recuso a acreditar que ele quebrou agora.

Mesmo que eu tenha visto com meus próprios olhos. Mesmo que eu tenha visto isso nos olhos de meus irmãos, tanto de Conrad quanto de Ledger.

— O que você está fazendo? — Eu explodi, desesperadamente. — Por que você está agindo assim?

Ele pensa nisso por um segundo. — Eu não estou.

— Você prometeu — Eu o lembro. — Você fez aquele pacto com Ledger, lembra? O pacto pelo qual você era tão fissurado. Você prometeu que não contaria. Você prometeu que não me usaria contra Ledger. Você me prometeu isso na primeira vez que dancei para você. Você teve inúmeras oportunidades para fazer isso, mas nunca o fez e...

— Certo. Eu menti.

— O quê?

Ele bebe de sua garrafa novamente. — Eu menti. Eu inventei tudo.

— Você mentiu.

— Sim. Eu meio que faço isso. — Ele dá de ombros novamente. — Um dos meus muitos maus hábitos, mas tento me amar por quem eu sou. Acho que a autoaceitação é um conceito muito intrigante. É basicamente...

Eu agarro sua camiseta em meus punhos e disparo: — Pare.

Finalmente, acho que o acordei.

Finalmente, acho que ele está me vendo, me ouvindo.

Então, eu digo a ele: — Este não é você. Não é assim que você se comporta. Eu sei isso. Eu sei. As pessoas estão erradas sobre você. Elas acham que você é egoísta, um idiota e mau. Mas você não é. Você ama sua irmã. Você cuida dela. Você cuida de *mim*. Você não é cruel. Você não é. Você me protegeu, Roman. Noite passada. Eu pensei sobre isso.

Concordo com a cabeça e aperto ainda mais sua camiseta. — Eu pensei. Pensei por que você não... fez sexo comigo. Só me ocorreu depois que você me deixou no estacionamento da escola. Você estava me protegendo, não estava? Você queria proteger minha inocência. É por isso que você me disse para segurar meu vestido. É por isso que você nem me *pediu* para cuidar de você. Você não fez e...

Reed agarra meus punhos em sua camiseta e os músculos de seu estômago se contraem enquanto ele rosna: — Isso está realmente começando a me irritar agora. Eu estava tendo um bom dia, tudo bem? Eu venci. Sim, eu também fui espancado por isso por seu irmão maravilhoso, que dá um soco realmente cruel, por sinal. Mas tudo bem. Eu não me importo. Eu sou o campeão. Estou esperando por este dia desde que seu irmão roubou o título na última temporada. Então, sim, eu estava tendo um dia brilhante e realmente gostaria de voltar a ele. Então, vou tornar isso muito fácil para você.

“Estas últimas semanas foram boas. Divertidas. Quero dizer, ainda não gosto de girar, mas posso ver por que os caras fazem isso. E não tenho certeza se vou entrar naquela loja de cupcakes de novo. É rosa demais para mim. Mas devo dizer que tem sido interessante. Dado o fato de que a única razão pela qual tudo começou foi porque você é a Princesa Thorn. Mas você está realmente estragando tudo agora.

— O que você acabou de d-dizer?

— Olha, foi uma maneira clara de mexer com ele. Não é como se eu estivesse pensando nisso. Não é como se eu estivesse planejando maneiras de seduzir a irmãzinha do meu rival. Mas, então, você entrou na minha festa parecendo doce e inocente. Eu tentei ficar longe, acredite em mim. Eu até fiz aquele maldito pacto estúpido. Mas você estava tão interessada em mim. Quero dizer, por que você não estaria? Toda garota está, mas eu teria que ser

estúpido para não aceitar. Eu teria que ser muito estúpido para não te tomar. Especialmente quando era muito fácil enganá-la. Muito fácil levá-la para um passeio, obrigar você a fazer coisas. Você praticamente ficou na beira de um precipício por mim. Tudo que eu tinha que fazer era te dar um empurrão. Tudo o que eu tinha que fazer era fazer você cair.

Tudo o que ele precisava fazer era me dar um empurrão.

Ele tem razão.

Fiquei no limite por ele. Meus braços abertos, vestindo um vestido branco.

E tudo o que ele teve que fazer foi me cutucar um pouco.

Tudo o que ele tinha que fazer era me derrubar.

— Você fez tudo isso para poder mexer com Ledger — Eu sussurro enquanto a dormência se espalha por minhas veias.

Sua mandíbula apertada. — Fiz tudo isso pelo futebol.

— Para que você pudesse vencê-lo.

— Para que eu pudesse vencê-lo.

Repito suas palavras de muito tempo atrás. — Porque vencer é tudo.

— Sim. — Seus olhos movem-se entre os meus. — Além disso, eu te mostrei como se divertir, não foi? Portanto, sem ressentimentos.

— Sem ressentimentos.

— Na verdade, você deveria estar me agradecendo.

Eu cavo meus punhos em seu torso. — Eu deveria estar te *agradecendo*.

— Sim. Pelo fato de ter feito com que houvesse danos mínimos.

— Que dano mínimo?

Reed abaixa a voz então, olhando para mim com olhos brilhantes. — Eu não transei com você, transei? Eu poderia. Mas eu não o fiz, e acredite em mim, isso foi difícil. Não é todo dia que um cara recebe uma dança de colo de uma bailarina excitada. Eu tive meu quinhão de líderes de torcida e sei o quão flexíveis elas podem ser. Eu sei o quão flexível *você* pode ser. Eu vi você dançar.

“E alguns caras não gostam de virgens. Dizem que dão muito trabalho. Você não pode transar com elas como quiser. Mas eu não sou um desses caras. Eu gosto delas. Gosto de treiná-las. Gosto de quebrá-las. Gosto quando elas mordem o lábio e fazem aqueles sons de dor. Gosto quando elas te afastam como se fosse demais para elas. Mas você as esfrega no lugar certo e

elas se agarram a você como se você fosse o mundo delas. Eu gosto disso. Gostei de como você se agarrou a mim e como, quando gozou, parecia que não conseguia acreditar. Parecia que nada nunca tinha sido tão bom. E eu poderia ter abalado seu mundo ontem à noite. Ainda mais do que fiz. Mas eu não fiz. Eu deixei você ir. Então, sim, dano mínimo.

— Por quê? Por que você me deixou ir?

— Considere esta como minha boa ação. Do mês. — Ele pensa sobre isso. — Ano. Eu deixei você escapar ilesa das minhas garras malignas. Seus irmãos deveriam me agradecer. Foi torturante. — Ele me olha de cima a baixo. — Ainda é. E se você não quer que eu te pegue e carregue para o meu *Mustang* e te leve de volta para aquela floresta e te dê um motivo *real* para girar e se curvar como a linda bailarina loira que você é, você realmente deveria me deixar ir, Fae.

Eu deixo.

Eu o deixo ir.

Eu me afasto dele.

Não por causa do que ele disse que faria se eu não o fizesse.

Mas por causa de Fae.

Porque ele me chamou pelo nome que me deu.

Um nome falso.

Um nome que guardei em meu coração como uma tola.

Eu me agarrei a ele à noite. Coloquei debaixo do meu travesseiro como um desejo.

Um nome que me fez sentir como uma verdadeira fada.

Sua fada.

— Você é um idiota — Eu respiro e quase me encolho.

Ele disse todas essas coisas para mim e é isso que eu digo a ele?

Isso é *tudo* o que eu digo a ele?

Esta é a extensão da minha ira?

— Agora você sabe — Ele fala lentamente.

— Eu não posso acreditar que eu... — Eu paro porque não sei o que dizer.

Eu não sei o que pensar. O que sentir...

Eu envolvo meus braços em volta da minha cintura e mordo meu lábio antes de tentar novamente. — Tão estúpida... — Eu balanço minha cabeça, sem ver. — Não acredito que fui tão estúpida. Eu... Deus, tenho sido tão tola.

Eu pensei que você... eu me ap...

— Você não vai dizer a palavra com A, vai? — Ele diz, me interrompendo.

Recuo, como se ele tivesse me batido.

— Bem, você ia — Ele murmura e tudo que posso fazer é olhar para ele em silêncio.

Tudo o que posso fazer é olhar para o cara que está parado na minha frente com roupas escuras, nem um pinga de suavidade nele, olhando para mim com olhos de lobo sem emoção enquanto diz: — Deixe-me contar uma coisa sobre caras como eu. Caras como eu, gostamos de jogar. Nós gostamos de quebrar corações. Só porque podemos. Só porque é divertido. Você não se *apaixona* por caras como eu. Você não deposita seus sonhos e esperanças em caras como eu. Você não mente por eles. Você não se esgueira por eles. Você não tricota suéteres. Você me chamou de vilão, lembra? Isso é o que eu sou. Eu gosto de quebrar corações. Eu gosto de quebrar sonhos apaixonados. Gosto de me alimentar do amor inocente de garotas inocentes como você. O que eu não gosto é que essa garota fique na minha frente e chore por causa disso. Pensei ter dito a você que a única coisa que amo é meu *Mustang*. Achei que você tivesse entendido. Pensei que você fosse mais esperta do que isso. Achei que seus irmãos lhe ensinaram tudo.

Mais esperta do que isso.

Foi o que Con me disse, não foi?

Ele disse que eu era mais esperta.

Ele disse que confiava em mim.

E eu menti para ele.

Eu menti para todos eles. Para ele, para Ledger.

Especialmente para Ledger.

O irmão que eu mais traí. Eu nem sei como ele está. Eu nem o vi desde a luta.

Porque eu vim aqui.

Porque eu vim correndo aqui para ver o cara que mentiu para mim.

Que mentiu e me usou.

Pelo futebol.

Que brincou comigo e quebrou meu coração porque queria ganhar um jogo.

Eu balancei minha cabeça novamente, minha visão ficando turva.

— Sim, eu pensei isso também. Eu pensei que meus irmãos me ensinaram tudo. Mas, aparentemente, eles não o fizeram. Aparentemente, sou apenas uma garota estúpida que se apaixonou por um vilão.

Suas feições estão firmes agora, rígidas, lindas e comoventes. — Bem, considere esta sua primeira lição de amor e crescimento.

Sim, minha primeira lição sobre decepção.

— Vejo você por aí, Fae.

Com isso ele vai embora.

Tão abruptamente quanto ele entrou na minha vida.

Ele caminha de volta para aquele sofá onde o mundo inteiro o espera de braços abertos. Enquanto o meu está desmoronando ao meu redor.

Enquanto meu mundo é atormentado por terremotos e deslizamentos de terra, o dele simplesmente floresce e brilha, repleto de uma nova vida, uma nova aventura.

Ele vai para Nova York nesse outono, não?

Tolamente, pensei que ainda manteríamos contato. Que encontraríamos uma maneira de ficarmos juntos. Eu até pensei em passar o último mês de escola... estar com ele agora que o jogo do campeonato acabou. Sair com ele nos corredores, no pátio. Ouvir música em seu *Mustang*.

Sim, eu pensei isso.

No recesso mais profundo da minha mente, eu pensei sobre a vida depois que a rivalidade no futebol chegasse ao fim e depois que ele deixasse Bardstown High.

Mas, como descobri esta noite, sou estúpida.

E apaixonada. Por um vilão.

Por um cara que gosta de partir corações.



Não me lembro de ter saído daquela festa.

Também não me lembro de ter encontrado Tempest na entrada da garagem.

Tudo o que me lembro é que estou aqui.

Estou do lado de fora, sob a noite estrelada, e minha melhor amiga segura meu braço. Ela está tentando chamar minha atenção. Ela está me perguntando algo, eu sei disso.

Mas estou muito distraída.

Estou muito focada em algo que vi assim que saí.

Na verdade, é a primeira coisa que me lembro de ter visto: um lampejo de branco.

Um branco chamativo e brilhante.

Mais brilhante que a lua mesmo.

Um *Mustang* branco.

Seu *Mustang* branco.

A única coisa que ele ama.

Isso foi o que ele acabou de dizer.

Ele disse que a única coisa que ama é seu *Mustang*, e então todo o entorpecimento, toda a névoa que me envolveu desde que ele me disse a verdade, sua verdade, desaparece.

Eu me viro para Tempest. — E-eu preciso das chaves do carro dele.

— O quê? Por quê?

— Eu só... eu preciso...

Tempest agarra meus ombros e me faz olhar para ela. — O que aconteceu, Callie? O que ele fez? O que ele disse para você?

Eu olho para ela, em seus olhos cinzentos, tão parecidos com os de seu irmão. — Eu o amo.

A simpatia supera suas feições. — Eu sei.

— Ele me usou.

— O quê?

Eu tenho que esperar que essa dor no meu peito passe antes que eu possa falar.

— E-ele disse que me usou. Contra Ledger. Ele fez tudo para mexer com ele. Para que ele pudesse ganhar no futebol.

Seus olhos estão arregalados. — Oh, Deus.

— Eu não... eu não sei como parar isso.

— Parar o quê?

— Esta dor — Sussurro. — Não sei como fazer parar de doer.

Ela me abraça então. — Ah, Callie. Eu sinto muito. Eu... — Ela se afasta

de mim. — Ouça, Callie, meu irmão, eu o amo, OK? Eu o amo demais, mas ele tem um grande traço autodestrutivo. Ele pode ser... tóxico e...

— Você vai trazer as chaves dele para mim? — Eu pergunto, interrompendo-a.

— As chaves do *Mustang* dele?

— A coisa que ele mais ama.

Ela me estuda por alguns segundos antes de assentir com determinação.

— Sim. Eu vou. Apenas espere aqui.

E eu faço.

E ela também.

Ela me traz as chaves depois de alguns segundos e não pergunto como ela fez isso. Como ela roubou as chaves do irmão.

Tudo que faço é entrar em seu carro e apesar de meus muitos protestos, Tempest entra também. Tudo o que faço é ligar o carro e ir embora.

Tenho dezesseis anos agora, então, posso tirar minha carteira de motorista.

Na verdade, Con ia me levar para o meu teste no próximo fim de semana e ele tem me ensinado nos últimos meses. Ledger tem me ensinado também.

Ele também.

Foi ele quem me ensinou a dirigir com marcha. Foi ele quem me ensinou isso em seu *Mustang*.

Portanto, não é a primeira vez que dirijo este carro.

Embora esta seja a primeira vez que estou dirigindo para este lugar.

Eu já estive neste lugar antes. Com meus irmãos e algumas vezes com meus amigos.

Nunca com ele, no entanto.

Eu me arrependo disso.

Teria sido poético. Eu dirigindo para um lugar em seu carro roubado que costumávamos visitar juntos.

Mas não.

É trágico, catastrófico e terrível.

Assim como nossos nomes Shakespeareanos.

Não ajudou porra nenhuma, ajudou?

Mudando-os, chamando um ao outro por nomes inventados. A rivalidade e o ódio ainda vencem a porra toda e é tão horrível que estou xingando e nem

me importo.

É tão horrível que quando chego lá, no meu destino, o lago, paro o carro.

Eu me viro para Tempest. — Vou fazer algo terrível.

— Eu sei — diz ela.

Eu flexiono meus dedos no volante. — Você não vai me impedir? Ele é seu irmão.

Tempest me lança um sorriso triste. — Ele é meu irmão, sim, e é por isso que sei que ele deve ter feito algo realmente horrível para você fazer isso. Eu sei do que meu irmão é capaz, Callie. Eu sei que ele quebrou seu coração. Eu sei que ele não apenas quebrou seu coração, ele o esmagou. Não foi?

Uma lágrima escorre pelo meu rosto quando eu assinto.

— Bem, então eu estava certa. Você não faria isso de outra forma.

Esse é todo o encorajamento de que preciso.

Eu me viro e olho para o lago, todo brilhante e prateado sob a lua, cercado por árvores. Uma ladeira leva até ele, uma ladeira perfeita para o que tenho em mente.

Eu ligo o carro e puxo a marcha. Eu coloco em ponto morto e digo a Tempest: — Saia agora.

Ela sai e eu saio logo atrás dela.

E então, de pé no chão da floresta, minhas sapatilhas esmagando as folhas e as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, observo o amor de sua vida deslizando em direção ao lago em um ritmo constante.

Antes de atingir a água.

Antes que a água lentamente o engula, afogue, coma como se ele tivesse comido meu coração.

Justo quando parece que nunca mais vou ver, algo dispara dentro de mim. Outro terremoto. Outra explosão e começo a correr em direção ao lago.

Eu começo a correr em direção a ele, mas Tempest me para.

Ela agarra meu braço e me puxa para trás. — Callie, não. Deixa para lá.

— Não, eu não posso... eu...

— Ei, tudo bem. Está bem. Deixa para lá.

— Eu tenho que... eu tenho que salvar o carro dele. Eu tenho que...

— Callie, você não pode entrar aí, OK? Você não pode.

— Mas eu tenho que salvá-lo. — Está indo para baixo e para baixo, o branco brilhante desaparecendo na escuridão. — Eu tenho que... Ele adora e

eu... não posso machucá-lo assim. Eu não posso machucá-lo...

— Ei, ei, Callie. Olhe para mim. — Ela me vira e me sacode, me faz olhar para ela. — É só um carro, OK? É só um carro.

— Mas ele adora — digo a ela, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Ele vai superar isso.

— Eu tenho que salvá-lo — Sussurro.

— Não.

— Eu tenho que salvar a coisa que ele ama.

— Não, não agora, OK? — Ela me abraça novamente. — Agora, você só precisa se salvar.

E, então, não consigo parar de chorar.

Não consigo parar de chorar enquanto me agarro à minha amiga.

Eu me agarro a ela como se ela fosse me salvar, como eu quero salvar o carro dele.

Mas a verdade é que ninguém pode me salvar.

Já estou morrendo.

Eu já me apaixonei por um vilão.

Continua em...

Um Vilão Maravilhoso

Sobre a Autora



Apesar de ser autora *bestseller* do *USA Today*, Saffron se considera “escritora de romances ruins” e a “Lana Del Rey do mundo dos livros”.

Ela tem um MFA em Escrita Criativa e mora em Nova York com seu marido nerd e solidário.

Ela também adora ‘blogar’. Suas reflexões relacionadas à vida, escrita, leitura e tudo mais podem ser encontradas em seu site: <https://www.thesaffronkent.com>.

Meu Querido Arrow é o primeiro livro da série *Rebeldes de St. Mary*, publicado pela Editora Bezz.

MEU QUERIDO ARROW (livro 1)

O MUSTANG SELVAGEM E A BAILARINA FADA (livro 1,5)

UM VILÃO MARAVILHOSO (livro 2) *a seguir*